



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**PROGRAMA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
COMPLEMENTAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA**

ANA ESTER SOARES OLIVEIRA

Orientadora: Prof^ª Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo

Brasília – DF

2011



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**PROGRAMA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
COMPLEMENTAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA**

ANA ESTER SOARES OLIVEIRA

Monografia apresentada como requisito necessário para o Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar do Depto. De Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB.

Orientador (a): **Prof^ª Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo**

Brasília – DF

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA ESTER SOARES OLIVEIRA

**PROGRAMA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
COMPLEMENTAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof^a Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo
Orientadora

Prof^a Dr^a Diva Albuquerque Maciel
Examinadora

Ana Ester Soares Oliveira
Cursista

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho Filipe, que, mesmo com pouca idade, compreendeu a distância e a ausência com muita sensibilidade. Às minhas irmãs, Ana Raquel e Ana Daniela, que supriram esta distância e ausência com amor e carinho. Aos meus pais e ao meu irmão que sempre me incentivaram com amor

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos participantes, professores e mãe do aluno que, juntamente comigo, construíram este trabalho ao compartilhar suas experiências, emoções vivenciadas dentro e fora do contexto escolar. Agradeço à Secretaria de Estado de Educação que, prontamente, disponibilizou documentos necessários na construção das informações. Ao centro de ensino especial, representado pelo seu diretor, que compreendeu a intenção desta pesquisa e apoiou nossos estudos. À coordenação local do Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar, na pessoa da coordenadora local, que cedeu material e informações para compor esta pesquisa.

RESUMO

Em meio aos desafios da inclusão escolar, destacamos o Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar como uma das ações que apoia e fortalece processo inclusivo no Distrito Federal. Neste estudo tentamos compreender a importância dos atendimentos educacionais especializados complementares na implantação e manutenção do processo de inclusão, bem como a relevância destes no processo de desenvolvimento humano e educacional dos alunos com necessidades educativas especiais. Na perspectiva de uma abordagem qualitativa, constatamos em um contexto diversificado a ressignificação da prática pedagógica em função do benefício do aluno. Neste sentido, verificamos a reestruturação de um ambiente educacional especializado, um centro de ensino especial, que entra no cenário inclusivo como rede de apoio à inclusão escolar. Sugerimos a partir deste estudo, a elaboração colaborativa de uma política inclusiva que conduza a construção de uma educação inclusiva de qualidade.

PALAVRAS-CHAVES: Inclusão Escolar, Atendimento Educacional Especializado Complementar, Desenvolvimento Humano e da Aprendizagem.

ABSTRACT

Amid the challenges of school enrollment, we highlight the Specialized Educational Assistance Program as a Complementary action that supports and strengthens inclusive process in Distrito Federal. In this study we try to understand the importance of specialized complementary schooling services in implementing and maintaining the process of inclusion, as well as their relevance in the process of human development and education of students with special educational needs. From the perspective of a qualitative approach, we found a diverse background in the redefinition of teaching practice for the benefit of students. In this sense, we see the restructuring of a specialized educational environment, a special education center, which enters the scene as a comprehensive support network for school inclusion. We suggest from this study, the collaborative development of an inclusive policy that leads to building an inclusive education of quality.

KEY WORDS: School Inclusion, Specialized Educational Complementary Care, Human Development and Learning

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| RESUMO..... | viii |
| APRESENTAÇÃO..... | 1 |
| 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 4 |
| EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIVERSIDADE, CONCEPÇÃO, AFIRMAÇÃO E OPORTUNIDADES..... | 4 |
| 1.1 Educação e Diversidade..... | 4 |
| 1.2 Educação Inclusiva..... | 5 |
| 1.3 Programas e Políticas afirmativas para educação inclusiva..... | 6 |
| 1.4 Programa de Atendimento Especializado Complementa..... | 7 |
| 2. OBJETIVOS..... | 8 |
| 2.1 Geral..... | 8 |
| 2.2 Específicos..... | 8 |
| 3. METODOLOGIA..... | 10 |
| 3.1 Contexto da Pesquisa..... | 10 |
| 3.2 Participantes da Pesquisa..... | 11 |
| 3.3 Materiais..... | 13 |
| 3.4 Instrumentos de Construção de Informações..... | 14 |
| 3.5 Procedimentos de Construção de Informações..... | 19 |
| 3.6 Procedimentos de Análise das informações..... | 23 |
| 4. RESULTADOS..... | 25 |
| 5. DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS..... | 36 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 42 |
| REFERENCIAIS..... | 44 |
| APÊNDICES..... | 47 |
| A – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS..... | 47 |
| B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS..... | 50 |
| C – TABELAS DE ORGANIZAÇÃO DE DADOS..... | 100 |
| ANEXOS..... | 112 |
| A- Carta de Apresentação – Escola (Modelo)..... | 112 |
| B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)..... | 114 |
| C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)..... | 116 |

APRESENTAÇÃO

Os desafios que permeiam a educação inclusiva vão além da garantia legal do acesso à educação. A construção de uma sociedade inclusiva nos remete a uma ressignificação da concepção de educação no que se refere principalmente ao seu papel e sua função social. Diante da perspectiva da educação inclusiva, o papel da educação fundamenta-se no desenvolvimento da aprendizagem na diversidade, em que sua função não é limitada à oferta de oportunidades, contudo, estende-se ao constante cultivo das possibilidades.

Considerando estes aspectos, propostas de estratégias e adaptações necessárias para contemplar a singularidade do aluno com necessidades educativas especiais, são mencionadas em documentos norteadores da ação pedagógica, como alternativas de promoção e apoio à inclusão escolar. E entre estas ações esta pesquisa enfatiza o Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar que compõe as diretrizes pedagógicas do Distrito Federal.

O atendimento especializado no Distrito Federal assegura o direito à educação de 13.095 alunos (Censo 2010 - SEE/DF) distribuídos nas 14 regionais de ensino, que disponibilizam estes atendimentos em: classes comuns do ensino regular; classes especiais; classes de integração inversa; centros de ensino especial; Centro de Ensino de Deficiência Visual e classes hospitalares.

As diretrizes pedagógicas do Distrito Federal preveem o atendimento dos alunos com Necessidades Educativas Especiais - NEE, preferencialmente, em classes comuns do ensino regular. O atendimento em classes especiais e nos centros de ensino especial tem um caráter provisório, a fim de adequar o atendimento às necessidades do aluno, excetuando-se os casos de alunos com deficiências severas - mental ou múltipla cujo atendimento requer um currículo especial.

Sendo assim, muitos alunos que estavam em classes especiais e Centros de Ensino Especial (CEE) foram encaminhados para classes comuns do ensino regular. Mesmo com os benefícios da inclusão, algumas questões foram apontadas como obstáculos para a efetivação do processo inclusivo. Um aspecto importante é o fato de as escolas regulares não contarem com atendimentos disponibilizados no CEE (educação física adaptada, informática adaptada,

etc.) atividades essenciais para o desenvolvimento educacional e humano dos alunos com NEE. Nesse sentido, as diretrizes pedagógicas do Distrito Federal determinam a disponibilização destes atendimentos, em caráter complementar, nos CEE no horário contrário ao de aula, para os alunos inclusos, através do Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar, que visa contemplar as particularidades e necessidades dos alunos e auxiliar o processo inclusivo.

São disponibilizadas desde 2008, num centro de ensino especial em Taguatinga, as seguintes atividades que compõem o Programa de Atendimento Educacional Especializado: educação física adaptada, artes, informática adaptada, jardinagem e argila que são ofertados aos alunos de inclusão. No entanto, a procura para ingresso nesse programa é realizado quase exclusivamente pelos pais. Alguns professores que estão ou passaram por escolas inclusivas relatam que desconhecem a oferta destes atendimentos. Responsáveis pelo programa afirmam que constantemente é realizada a divulgação por meio da Regional de Ensino.

Segundo os profissionais que realizam os atendimentos e pais de alunos participantes do programa, são evidentes os benefícios dessas atividades no desenvolvimento humano e na aprendizagem desses alunos.

Nessa perspectiva, a pesquisa teve por objetivo visualizar e avaliar o funcionamento de uma proposta pedagógica que, a princípio, representa uma possibilidade considerável de desenvolvimento da aprendizagem através da diversidade de atividades e ambientes.

Para isso, na fundamentação desta pesquisa, enfatizamos aspectos como: a importância da diversidade no desenvolvimento humano e da aprendizagem através da ressignificação da função da educação para a construção de uma sociedade inclusiva; a educação inclusiva como um processo criativo que sugere a utilização dos diversos serviços, recursos e ambientes educacionais no favorecimento de uma educação de qualidade para todos; as ações e programas que compõem a construção da educação inclusiva; a implementação de programas e políticas que afirmam a garantia à inclusão e acessibilidade; e a análise do programa de atendimento educacional especializado complementar a fim de

esclarecer dúvidas sobre seu funcionamento e compreender a sua real importância no processo de inclusão dos alunos NEE.

Seguindo essa proposta, este trabalho contou com relatos de professores que atuam no programa de atendimento complementar e no ensino regular, com pais de alunos que recebem atendimento nas atividades já citadas. Dessa forma, buscamos proporcionar de maneira colaborativa a construção de uma pesquisa que mostrará as ações que, de forma coadjuvante, reforçam, apoiam e fundamentam a prática pedagógica no ambiente escolar de ensino regular.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIVERSIDADE, CONCEPÇÃO, AFIRMAÇÃO E OPORTUNIDADE

1.1 - Educação e diversidade

O trajeto evolutivo da educação sempre foi permeado e redimensionado pelas tendências e teorias educacionais. Essas tendências sempre refletiram elementos da sociedade vigente. Nesse sentido, aspectos tais como, o que aprender, como aprender, função da escola, função do professor, eram definidos no intuito de formar o cidadão de acordo com o perfil estabelecido culturalmente. Para Paulo Freire (1996), o processo educativo é consolidado pela história da sociedade e a história individual da pessoa. Sendo assim, o desafio da construção da identidade é constituí-la em conjunto com o outro.

A partir das teorias sociointeracionistas, as concepções do ensinar e aprender são analisadas a partir do processo de interação do indivíduo com o meio. Vygotsky (1995) apresenta a concepção de desenvolvimento em que a cultura, a sociedade e a história influenciam na formação da identidade e ressaltam a importância da presença de um outro mais experiente no processo de aprendizagem.

Em seus estudos, Vygotsky analisa o desenvolvimento das pessoas com necessidades especiais a partir das leis da diversidade, afirmando que as leis que regem o desenvolvimento humano são as mesmas para todos, a diferença está nos meios de apropriação do conhecimento. Nesse sentido, a singularidade do desenvolvimento atípico tem o foco nas possibilidades de apropriação das ferramentas culturais capazes de desenvolver as funções psicológicas superiores, contrapondo-se ao estigma culturalmente imposto à deficiência, e revelando um mecanismo de compensação que utiliza meios alternativos para a constituição do indivíduo como ser social.

Nesse contexto, a diversidade de conhecimentos é elemento propulsor do desenvolvimento humano e da aprendizagem. Sendo a escola um ambiente que reúne

“diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças” (MAHONEY *apud* DESSEN & POLONIA, 2007), ela se transforma em espaço privilegiado de desenvolvimento. Sendo tão rica em possibilidades relacionais, a escola deve, portanto, considerar os elementos que interferem na aprendizagem e que podem ser de natureza cognitiva, afetiva, emocional entre outras (cf. Dessen & Polonia, 2007).

Ressaltando a importância da educação na diversidade, cabe à escola criar meios que superem as dificuldades, que assegurem o desenvolvimento e promovam ações que conduzam a atividades que transcendem a educação informativa. O estímulo a atividades desportivas, recreativas e culturais aproxima os diferentes, rompendo com as barreiras do monoculturalismo (cf. Kelman, 2009).

1.2 - Educação Inclusiva

A partir da elaboração de vários documentos mundiais, a construção de uma sociedade inclusiva torna-se uma meta a ser alcançada, onde a educação configura-se alicerce indispensável nesta empreitada. Para tanto, o Brasil assume o desafio de estabelecer esta sociedade através de ações que favoreçam a acessibilidade e define em documentos legais as condições necessárias para garantia de uma educação de qualidade para todos.

Segundo a Resolução nº 2, de 2001, do Conselho Nacional de Educação – CNE /CEB, art. 3º:

“Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais em todas as etapas e modalidades da educação básica”. (p.1)

O processo inclusivo não deve ser visto como uma proposta de diluição dos serviços especializados, pois o sucesso da Política de Educação Inclusiva depende desta rede de suporte especializado. Segundo Correa e Blanco (*apud* GLAT, 2007):

“Necessidades Educativas Especiais são aquelas demandas exclusivas dos sujeitos para aprender o que é esperado para seu grupo referência, e que precisam de diferentes formas de interação pedagógica e/ou suportes adicionais: recursos, metodologias e currículos adaptados, bem como tempos diferenciados, durante todo ou parte do seu percurso escolar”. (p. 25)

Neste movimento por uma educação inclusiva de qualidade, a principal meta é garantir a acessibilidade de pessoas com necessidades educativas especiais ao ambiente regular de ensino, com auxílio de estratégias, adaptações, recursos e serviços.

Assim, a escola se constitui como ambiente de diversas possibilidades, sendo a intervenção a cada indivíduo estabelecida conforme sua necessidade. As tarefas desempenhadas em sala de aula devem favorecer as formas superiores de pensar e aprender, tais como memória seletiva, criatividade, raciocínio abstrato, pensamento lógico, tendo o professor uma função preponderante nesta mediação (cf. Marques *apud* DESSEN & POLONIA).

1.3- Programas e políticas afirmativas para educação inclusiva

Diante do desafio de construir uma sociedade inclusiva, o Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Especial (SEEsp), desenvolve programas e ações que visam a garantia de uma educação para todos a partir da implementação da Política Nacional de Educação Especial, que assegura o atendimento especializado aos alunos com necessidades educativas especiais.

A SEEsp, por meio dos seus programas e ações, apresenta possibilidades para viabilizar o processo inclusivo e apoiar os sistemas de ensino com programas de formação continuada de professores na educação especial, programa de implantação de salas de recursos multifuncionais e demais programas que buscam implementar a educação inclusiva e direito à diversidade.

Além dos programas, a elaboração de leis e documentos tem fundamentado e orientado as ações, estruturando o atendimento educacional especializado. Segundo o Decreto nº 6571, de 2008, entende-se por atendimento educacional especializado todo o conjunto de recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, ofertados de forma

complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular. Este documento ainda enfatiza a importância da transversalidade das ações do ensino especial no ensino regular, no intuito de viabilizar e consolidar o processo inclusivo.

A Constituição Federal de 1988 determina que o atendimento educacional especializado deve ocorrer, preferencialmente, na rede regular de ensino. No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), ressalta que não havendo possibilidade de inclusão em função de suas condições específicas, o atendimento far-se-á em classes, escolas ou serviços especializados. O Decreto nº 3298, de 1999 observa que os serviços de educação especial serão ofertados pelas instituições de ensino em geral mediante programas de apoio ao aluno que está incluso na rede regular.

Dessa forma, podemos compreender que as ações que favorecem a educação inclusiva devem surgir de todos os ambientes educacionais e sociais considerando o substrato do processo educacional inclusivo que enfatiza a importância do respeito à diversidade no ambiente educacional, onde as possibilidades estão diretamente vinculadas aos meios que conduzirão o aluno com necessidades educativas especiais a constituir-se como ser social.

1.4- Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar

Nesse contexto, a fim de orientar os currículos e projetos pedagógicos, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE/DF) elabora as diretrizes pedagógicas do Distrito Federal, com base na concepção da aprendizagem adotada pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal “em uma perspectiva de construção de conhecimento numa relação sócio-histórico interacionista, fundamentada na convicção de que os conhecimentos científicos necessitam ser reconstruídos em suas plurideterminações” (Orientações Gerais para o Ensino Fundamental de 9 Anos: Bloco Inicial de Alfabetização, 2006).

Esses processos interativos integram-se de forma dinâmica e dialética, compondo uma rede denominada Rede de Significações e envolvem um fluxo de comportamentos que são interpretados pela ação do outro e por elementos orgânicos, físicos, internacionais,

sociais, econômicos e ideológicos (cf. Diretrizes Pedagógicas do DF). Essa rede estrutura um meio que, a cada situação:

“captura e recorta o fluxo de comportamentos dos sujeitos, tornando-os significativos naquele contexto, constituindo-se como mediadora do desenvolvimento, simultaneamente de cada um e de todos os participantes envolvidos”. (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2000).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento deve ser compreendido como um processo contínuo, multidimensional e dinâmico, que está sempre em movimento e que ocorre na interação dialética que o organismo tem com o ambiente.

Diante dessas concepções, as diretrizes pedagógicas do Distrito Federal contemplam o processo inclusivo ao apresentar orientações para a realização do atendimento educacional especializado na perspectiva inclusiva, contando com programas de apoio à educação inclusiva. Na rede pública de ensino do Distrito Federal, a Educação Especial desenvolve as funções de complementação e suplementação curricular.

E entre os programas apresentados, o Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar tem o intuito de oferecer atendimentos que não são ofertados no ensino regular. As atividades sugeridas no documento envolvem: a educação física adaptada, atendimento em salas de ambiente temático; oficinas pedagógicas profissionalizantes e encaminhamentos para outros serviços complementares, sendo estes viabilizados de acordo com o contexto de cada instituição de ensino envolvida.

Esta é mais uma ação que sugere o fortalecimento do processo inclusivo a partir da reelaboração dos ambientes educacionais com o intuito de efetivar o processo de inclusão escolar e embasar a construção da sociedade inclusiva.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

- Compreender a importância dos atendimentos educacionais complementares, na implantação e manutenção do processo de inclusão, bem como a relevância destes no processo de desenvolvimento humano e educacional dos alunos com necessidades educativas especiais.

2.2 Específicos

- Compreender o Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar e seu funcionamento em Taguatinga;
- Identificar as percepções dos profissionais da escola regular sobre o Programa de Atendimento Especializado Complementar;
- Avaliar as atividades oferecidas pelo programa de atendimento especializado complementar no desenvolvimento do comportamento adaptativo e funções intelectuais do aluno a partir da percepção de pais, professores e alunos;

3.METODOLOGIA

Diante das questões aqui expostas, acredita-se que a aplicação de uma pesquisa com abordagem qualitativa é fundamental por compreender que o processo de construção do conhecimento científico considera todas as relações estabelecidas e as experiências apresentadas no contexto. Segundo MACIEL E RAPOSO (2010):

“A teoria é vista como uma construção sistemática que é permanentemente confrontada com a multiplicidade de ideias que aparecem entre aqueles que a compartilham, das quais resultam um conjunto de alternativas que se expressam na investigação científica e que seguem diferentes zonas de sentidos em seu desenvolvimento sobre a realidade estudada” (p.13)

3.1 – Contexto da Pesquisa

O Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar é organizado de forma regional, ou seja, cada Gerência Regional de Ensino (GRE) define a disponibilidade de atendimento conforme suas condições. Os atendimentos analisados compõem as atividades complementares da GRE de Taguatinga, que utiliza os ambientes de um centro de ensino especial para realização dos atendimentos.

Segundo a coordenadora do Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar no centro, o espaço de realização destas atividades é amplo e conta com uma sala de argila, laboratório de informática, sala de psicomotricidade (utilizada para as atividades de educação física adaptada), duas piscinas (uma pequena e uma grande utilizadas nas atividades de educação física adaptada), espaços arborizados para a aplicação das atividades de jardinagem e salas que são direcionadas para as atividades de artes.

Dessa forma, o CEE, além do atendimento aos alunos com necessidades educativas especiais, constitui-se como um setor de apoio à inclusão. As diretrizes Pedagógicas do Distrito Federal consideram que o papel do CEE ampara-se no seguinte artigo da resolução do CNE/CBE nº 02, de 2001 art. 3º: “Os sistemas de ensino devem constituir e

fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e deem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva”.

3.2- Participantes da Pesquisa

De acordo com Maciel e Raposo (2010), a pesquisa qualitativa representa um processo permanente de produção de conhecimento, sendo importante a apresentação do tema ao grupo investigado por meio de um diálogo. Seguindo esta sugestão, o processo de produção de conhecimento torna-se natural e possibilita uma interação maior entre pesquisador e investigado.

Compreende-se que as relações firmadas entre pesquisador e pesquisados vão produzir diferentes significados sobre o objeto de pesquisa, considerando cada um, de acordo com sua função.

Nesse sentido, tornou-se essencial conhecer as percepções dos diversos segmentos presentes na pesquisa. Diante do contexto estudado, considerou-se importante a participação de uma mãe de aluno que compartilhava das atividades complementares; de um professor regente do programa de atendimento especializado complementar; e de um professor do ensino regular que tinha em sua sala de aula um aluno participante das atividades complementares.

3.2.1 - Mãe do aluno do Programa de Atendimento Educacional Complementar

Ao visitar os ambientes de atendimento, em uma segunda-feira, percebi a presença de uma mãe que acompanhava seu filho no atendimento complementar. Um aspecto que me chamou atenção foi o sorriso que essa mãe tinha estampado no rosto ao acompanhar o filho. Percebi que ela poderia contribuir na construção desta pesquisa por mostrar-se muito dedicada ao desenvolvimento integral do seu filho. Essa impressão foi confirmada pelos professores do atendimento que a indicaram como uma das mães mais presente do atendimento complementar, podendo, desta maneira, caracterizar o Programa de Atendimento Educacional

Especializado Complementar. Aqui a conheceremos por Angélica e seu filho será chamado de Gabriel.

Angélica tem um filho chamado Gabriel, que é especial, autismo funcional. Descobriram um pouco tarde porque ele não apresentava todas as características. Servidora pública, Técnico-Administrativo na área da Saúde. Seu local de trabalho é o Hospital Regional de Taguatinga – HRT. Cumpre um horário semanal de trinta horas, distribuídas da seguinte forma: todas as manhãs (4h); e sexta-feira, manhã e tarde (10h).

Seu filho Gabriel, hoje com 10 anos, está atualmente matriculado num centro de educação fundamental em Taguatinga numa classe especial com duas professoras, e está sendo preparado para o processo de alfabetização, um momento que a mãe relata com muita emoção: “ *a primeira vez que ele falou “Eu”. .. sabe, porque pra um pai é muita coisa, entendeu. O Gabriel não pegava num lápis, o Gabriel começou a ficar na escola, ele está aprendendo a ler, a escrever, né... do jeito assim.. não tanto... mas o ano que vem...*”

Gabriel frequenta o Atendimento Educacional Especializado Complementar uma vez por semana e recebe três atendimentos conforme especificado a seguir: argila, educação física adaptada (piscina) e jardinagem.

3.2.2 - O Professor do Atendimento complementar

A professora em questão é colega de trabalho há muitos anos. Sempre trabalhamos em áreas diferentes, mas sempre admirei a competência e o comprometimento desta colega com a educação. E ao convidá-la a participar deste processo de construção, ela se colocou à disposição com muita gentileza. Neste estudo, a chamaremos de Dalva.

Dalva está na Secretaria de Educação há 14 anos e há 2 anos no atendimento complementar a convite da responsável pelo Ensino Especial na Gerência Regional de Ensino de Taguatinga, para montar um projeto interessante para o atendimento complementar. No início de 2008, a professora elaborou o projeto argila para compor os atendimentos complementares.

A professora cumpre um horário semanal de quarenta horas, sendo distribuídas da seguinte forma: 20h matutino e 20h vespertino. Há um ano atende o aluno Gabriel no atendimento argila.

3.2.3 - O Professor do Ensino Regular

A professora em questão foi selecionada por ser a professora regente do aluno Gabriel, que recebe o atendimento especializado complementar. Aqui a identificaremos pelo nome de Bruna.

Professora Bruna é pedagoga, trabalha há quase 25 anos na Secretaria de Educação e desde que começou a trabalhar, fez opção pela Educação Especial. Então, nestes 25 anos dedicou muitos anos à educação especial.

Durante muito tempo trabalhou em duas escolas, no centro de Ensino Especial e Escola Classe, porque, na verdade, identifica-se com alfabetização e com Educação Especial.

Ao ser questionada acerca do motivo da sua opção pela Educação Especial, a professora Bruna relatou:

BRUNA E eu acredito mesmo que seja um dom que Deus me deu... e também como um dom na alfabetização. E hoje eu vejo que há uns anos Deus estava me preparando para a inclusão e eu não sabia. Na época as pessoas falavam: “Você é maluca, trabalhar de manhã em Taguatinga e à tarde na Ceilândia com alfabetização, você é maluca”. E eu tinha, como muitos colegas da Educação Especial, muito preconceito em relação à inclusão. Na verdade, eu tinha preconceito, e hoje muito cuidado. Preocupo-me muito com a situação da inclusão hoje.

Atualmente é regente no centro de ensino fundamental onde o aluno Gabriel está matriculado, em classe especial para autista, sendo o aluno Gabriel componente dessa turma. Segundo a professora Bruna, o atendimento educacional especializado complementar tem colaborado com o processo educacional do aluno na escola regular.

3.3- Materiais

Para proceder à construção das informações, necessitamos de uma série de materiais que nos auxiliaram no registro, organização e análise dessas informações:

Neste estudo dispomos dos seguintes materiais:

- Celular com gravador mp3;
- Notebook;
- Caderno de anotações;
- Pen drive;
- Cds RW;
- Termos de livre consentimento;
- Carta de apresentação.

3.4 - Instrumentos de Construção de Informações

Os instrumentos a serem utilizados numa pesquisa qualitativa devem apresentar-se como provocadores das reações e expressões do outro ante a sistemática investigada, de maneira que o conhecimento possa estruturar-se num processo dialógico contemplando as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos (MACIEL E RAPOSO, 2010). Nessa perspectiva, considerando o contexto a ser estudado e a importância desta inter-relação para a composição da investigação, utilizamos como método de pesquisa a entrevista por constituir instrumento interativo que facilitam a verificação e coletas de dados no sentido de contemplar ou redimensionar os objetivos propostos, bem como o esclarecimento dos questionamentos indicados neste projeto.

3.4.1 -Entrevistas

Ao definir a entrevista como instrumento de informação, considerei a importância de utilizar uma técnica que preservasse a naturalidade do processo de construção e elaboração das informações. Segundo Maciel e Raposo:

“A entrevista, por exemplo, tem o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações vão aparecendo na complexa trama em que o sujeito as experimenta no seu mundo real”. (p.84)

Nesse sentido, a entrevista apresenta-se como instrumento que produz o diálogo com naturalidade construindo o conhecimento a partir da relação pesquisador-investigado. Por se tratar de um instrumento que oferece flexibilidade, acredito que possamos alcançar resultados mais eficientes para atender à proposta da pesquisa. Segundo Gil (1987), a entrevista é instrumento que abrange com maior profundidade as informações sobre o comportamento humano.

Seguindo esta perspectiva, optamos pela entrevista semiestruturada, por organizar o processo em um ambiente que proporcione um estudo aprofundado do objeto de estudo.

Para subsidiar este estudo, propomos a realização de entrevistas com os participantes aqui mencionados. Para essas entrevistas fizemos uso de três roteiros de entrevistas específicos, apresentados a seguir:

➤ **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PAI DE ALUNO**

- Apresentação e informações pessoais: Caracterização do pai ou responsável: nome, idade, escolarização, profissão.
- Caracterização do aluno: nome, idade, identificação da NEE, principais características: Em qual escola está matriculado? Qual ano está cursando? (especificar o tipo de turma -Classe Especial, Classe Comum).
- Caracterização da família: caracterização das pessoas que moram na residência. História da família referente à chegada daquela criança que possui atendimento.

1. Informações sobre o Programa de Atendimento Especializado Complementar:

- Caracterização do programa: o que é, como funciona, quais os objetivos, quem são os responsáveis, quem são os profissionais;

- Como soube dos atendimentos complementares?
- Quais as solicitações para efetuar a matrícula?
- Relação do programa com a escola;
- Quais as sugestões para aprimorar os atendimentos.

2. Percepções sobre Programa de Atendimento Especializado Complementar para a criança:

- Como foi definida a escolha dessas atividades?
- De quais atividades seu filho participa? Como é? Quantos atendimentos por semana?
- Quanto tempo seu filho participa das atividades complementares?
- Qual é a reação do seu filho diante das atividades realizadas? Qual a preferência dele?
- Como as atividades realizadas estão favorecendo o comportamento do seu filho?
- Qual o maior benefício para a aprendizagem do seu filho?

➤ ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR DO ATENDIMENTO COMPLEMENTAR

- Apresentação/informações pessoais e funcionais;
- Nome, formação, história profissional;
- História pessoal na SEE/DF. Quais funções exerceu nos últimos dois anos?
- História pessoal no programa: Quanto tempo atua no Programa de Atendimento Complementar? Quando iniciou as atividades complementares na instituição?

1. Informações sobre o Programa de Atendimento Especializado Complementar

- Caracterização do programa: o que é? Como funciona? Quais os objetivos? Quem são os responsáveis? Quem são os profissionais? Como é realizada a divulgação junto às escolas regulares? Quantos alunos são atendidos por turno?
- Como é a preparação/formação continuada/avaliação dos professores dos atendimentos e regentes dos alunos atendidos para avaliações?
- Existem trocas de informações entre esses professores? Como é? Quem promove? Qual a periodicidade?
- **Percepções sobre Programa de Atendimento Especializado Complementar**
- Sobre a atividade: O que você faz especificamente? Por que faz assim? Quem o ajuda? Como aprendeu? Como é sua avaliação?
- Sobre os alunos na atividade: De forma generalizada, como os alunos reagem diante das atividades realizadas por você? Dê exemplos.
- Sobre os pais nas atividades: Como é a participação e acompanhamento dos pais? O que faz para aproximá-los? Dê exemplos. Quem o ajuda? O que falta para ser perfeito?
- Sobre sua avaliação dos alunos em atividade: Como as atividades realizadas estão favorecendo o comportamento do aluno? Qual o maior benefício para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno?
- Quais sugestões para aprimorar os atendimentos?

➤ **ROTEIRO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR**

1. Apresentação/informações pessoais e funcionais

AQUI FALAREMOS SOBRE O PROFESSOR

- Nome, formação, história profissional;
- História pessoal na SEE/DF. Quais funções exerceu nos últimos dois anos?

- História pessoal na escola onde atua: Em qual turma é regente atualmente? Quanto tempo atua com classes inclusivas?

2. Informações sobre o Programa de Atendimento Especializado Complementar

- Conhece o Programa de Atendimento Especializado Complementar? O que é? como funciona? Quais os objetivos? Quem são os responsáveis? Quem são os profissionais?

3. Percepções sobre Programa de Atendimento Especializado Complementar

- Como é o aluno João na sua sala? Você sabe que ele participa do programa? Isso tem ajudado? Como? Dê exemplos. Relate o perfil do aluno e o comportamento em sala.
- Qual a relação dessas atividades com a sua atividade específica em sala? Existe algum momento de encontro entre os professores dos atendimentos e regentes dos alunos atendidos para avaliações, trocas de informações? Quando? como é?
- Como essas atividades podem influenciar no desenvolvimento do aluno? Dê exemplos. Como as atividades realizadas estão favorecendo o comportamento do aluno e o desenvolvimento da aprendizagem? Dê exemplos. Quais os benefícios para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno? Dê exemplos.
- Quais sugestões para aprimorar os atendimentos?

As entrevistas foram realizadas após o encerramento das atividades do Atendimento Complementar. O período de realização das entrevistas foi definido considerando que o aluno Gabriel, com Transtorno Global do Desenvolvimento, estava ambientando-se ao atendimento e que, ao final do processo, as informações seriam mais consistentes e atenderiam com maior amplitude aos objetivos propostos.

Nessa etapa da pesquisa, buscamos definir, com antecedência, os dias, horários e locais de acordo com a disponibilidade dos participantes. Desta forma, as entrevistas foram realizadas seguindo a seguinte ordem: professora do ensino regular – Bruna (professora regente do aluno Gabriel); professora do Atendimento Educacional Especializado

Complementar - Dalva; e mãe do aluno Gabriel (aluno que recebe atendimento complementar).

3.5– Procedimentos de Construção de Informações

Esta subseção é destinada à apresentação dos critérios de escolha dos principais segmentos que compõem nosso objeto. Referindo-se a esta pesquisa, destacamos como segmentos principais a instituição onde ocorrem os atendimentos educacionais complementares e os participantes deste estudo.

Para este estudo optamos por uma entrevista semiaberta, visando alcançar com maior eficiência os objetivos propostos que serão apresentados em subtítulos com a intenção de facilitar a compreensão da leitura.

3.5.1- A Instituição

O contexto de pesquisa aqui apresentado foi definido por ser a instituição principal de realização das atividades do Programa de Atendimento Educacional Especializado um centro de ensino especial em Taguatinga. Desde 2008, este centro especial acolhe o Programa de Atendimento Complementar disponibilizando, além do seu espaço, profissionais especializados em diversas áreas a fim de oferecer suporte à realização deste programa. Esta nova modalidade educacional no Distrito Federal traz à Instituição mais uma perspectiva de atendimento.

Aqui apresentamos dois quadros que resumem as atividades oferecidas, quantitativo de professores e alunos:

| Atividades Complementares | Quantidade de professores | Alunos Atendidos no Atendimento Complementar |
|----------------------------------|----------------------------------|---|
| Argila | 1 | 24 |
| Educação Física | 1 | 33 |

| | | |
|----------------------|---|----|
| Informática Adaptada | 1 | 28 |
| Artes | 1 | 29 |
| Jardinagem | 1 | 26 |

Quadro 1: Quantitativo de professores e alunos atendidos

Neste segundo quadro especificamos o quantitativo de alunos por turno:

| Atividades Complementares | Matutino | Vespertino | Alunos Atendidos no Atendimento Complementar |
|----------------------------------|-----------------|-------------------|---|
| Argila | 16 | 8 | 24 |
| Educação Física | 14 | 19 | 33 |
| Informática Adaptada | 12 | 16 | 28 |
| Artes | 9 | 20 | 29 |
| Jardinagem | 9 | 17 | 26 |

Quadro 2 – Atividades Complementares e quantitativo de alunos por turno.

3.5.2 - Participantes

Nesta subseção apresentaremos em ordem cronológica a realização das abordagens para participação deste estudo. Enfatizamos que a realização das entrevistas não condiz com esta ordem apresentada, pois cada entrevista foi marcada de acordo com a disponibilidade dos participantes.

3.5.2.1 - Professora do Atendimento Educacional Especializado Complementar Argila.

A professora Dalva foi a primeira participante a ser convidada. Por conhecer todos os alunos do atendimento complementar, considerei a possibilidade de a professora auxiliar na definição do aluno e responsável a compor o grupo de participantes neste estudo.

Há nove anos trabalho no Centro de Ensino Especial, onde conheci a professora Dalva. Mesmo trabalhando na mesma escola nosso contato era mínimo. No entanto, sua competência e comprometimento com a educação eram pontos relevantes em sua conduta profissional. Além desses requisitos, verifiquei que a professora estava bem informada do processo inclusivo, bem como a implantação do Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar no Centro de Ensino Especial nº 1 de Taguatinga.

Dessa forma, em uma de nossas coordenações, conversei com a professora e lhe expus o objetivo do estudo e solicitei sua ajuda. A professora Dalva aceitou gentilmente o convite.

Marcamos a primeira tentativa de entrevista para o dia 17 de dezembro de 2010, às 8 horas da manhã. Este encontro não foi possível por motivos pessoais da professora que não pôde comparecer. Outro encontro foi marcado para o dia 20 de dezembro de 2010, às 14 horas, ocasião em que finalmente procedemos à entrevista.

A entrevista foi realizada no Centro de Ensino Especial nº 01 a pedido da professora. A princípio, solicitei que a professora verificasse o roteiro de entrevista e que autorizasse através do Termo de Livre Consentimento a apresentação destas informações para compor a pesquisa. A duração da entrevista foi de trinta e um minutos. Para registrar as informações fizemos uso de um celular com gravador mp3 e um caderno de anotações. Ao final, agradei à professora por sua participação, a qual colocou-se à disposição para maiores informações. A entrevista da professora da Dalva de acordo com a ordem de realização das entrevistas foi a segunda a ser realizada.

3.5.2.2 - Mãe do aluno Gabriel: aluno no Programa de Atendimento Educacional Especializado

O primeiro contato com a mãe de Gabriel, Angélica, foi durante o intervalo dos atendimentos. Ao iniciar este estudo conversei com alguns colegas e pedi que indicassem uma mãe que fosse comprometida com o atendimento. Então uma das indicações foi o nome de Angélica, que me impressionou pelo cuidado e compromisso com a educação do filho.

Como eu disse, este primeiro contato foi em um intervalo. Apresentei-me e expliquei o objetivo da nossa conversa, e oficializei o convite para participar do estudo. O seu entusiasmo em colaborar foi admirável, imediatamente forneceu seus contatos para marcarmos a entrevista. Angélica ressaltou que em sua casa seria melhor, pois, poderia dispor melhor do tempo sem interrupções. Combinamos, então, que no dia 22 de dezembro de 2010, às 14 horas iniciaríamos a entrevista em sua residência.

Antes de iniciar a entrevista apresentei o roteiro de entrevista, para que Angélica pudesse verificar os objetivos principais daquele momento. Após autorização para apresentar as informações registradas nesta pesquisa, iniciamos a entrevista que durou uma hora e nove minutos. Para registrar as informações foi utilizado um celular com gravador mp3 e um caderno para anotações adicionais. Ao encerrar a entrevista agradei Angélica pelo acolhimento e contribuição. Angélica agradeceu a oportunidade e colocou-se à disposição para outros momentos de colaboração. Essa entrevista, por ordem de realização, foi a terceira e última entrevista a ser realizada, pois foi definida de acordo com a disponibilidade de tempo e local da participante em questão.

3.5.2.3 – Professora regente do aluno Gabriel no Ensino Regular

A decisão de entrevistar a professora regente do aluno Gabriel no ensino regular foi por considerar a importância de verificar o desenvolvimento do aluno neste ambiente e as contribuições dos atendimentos complementares neste processo.

Não conhecia a professora Bruna, mas sua fisionomia não era estranha. Nosso primeiro contato foi ao visitar a escola CEF 18 de Taguatinga, escola onde o aluno está atualmente matriculado, momento em que expliquei o motivo da visita, e imediatamente convidei-a a participar do estudo. No mesmo instante, a professora colocou-se à disposição e ali marcamos o nosso segundo encontro, que seria na sala de atendimento do aluno.

Primeiramente, apresentei o roteiro de entrevista para que a professora Bruna pudesse focalizar os objetivos do estudo e então apresentei o Termo de Livre Consentimento e, após sua assinatura, demos início ao procedimento. Durante a entrevista percebemos que já havíamos trabalhado juntas no próprio Centro de Ensino Especial nº 1 de Taguatinga, por um

curto período de tempo. Esse fato influenciou de forma positiva a continuação da entrevista, que tornou-se mais confortável na exposição dos fatos. A duração da entrevista foi de uma hora e quinze minutos. Para o registro das informações foi utilizado um celular com gravador mp3 e um caderno para anotações complementares. Ao finalizar a entrevista agradei a rica participação da professora Bruna, que, prontamente, colocou-se à disposição para maiores informações.

3.6 - Procedimentos de análise das informações

Após finalizar a etapa de coleta das informações, segui com a análise dos dados com a intenção de confrontar as informações com os objetivos aqui apresentados. Esta etapa foi dividida em dois momentos conforme apresentação a seguir: transcrição das entrevistas e categorização dos dados.

3.6.1 – Transcrições das entrevistas

Ao finalizar o processo de entrevistas, iniciei a fase de análise das informações transcrevendo as entrevistas. Este procedimento exige do pesquisador cuidado no repasse das informações. O trabalho de conversão das informações de áudio para texto requer atenção, no sentido de reproduzir as informações com exatidão.

3.6.2 - Categorias de Análise

A partir das transcrições, destaquei as partes mais relevantes. E, para proceder à categorização de dados, retomei os objetivos e a fundamentação teórica, a fim de seguir com a análise das informações. A intenção de prosseguir com o levantamento de categorias de análise foi por considerar que esta estratégia concentra os dados, focalizando os objetivos propostos. Sendo assim, foram definidas três categorias expostas a seguir:

3.6.2.1 – Diagnóstico: compreensão da realidade

Nesta categoria enfocamos a importância da realização do diagnóstico o mais cedo possível, sendo que a adequação do atendimento especializado desde os primeiros anos de vida constitui um fator proeminente no desenvolvimento humano. Nesse sentido, julgamos o tema essencial na composição de uma das categorias de análise, também por constituir um momento determinante para o desenvolvimento social de Gabriel, aluno do atendimento complementar.

3.6.2.2 – Processo de adaptação da escola à necessidade do aluno

Processo de Inclusão Escolar configura uma rede de adaptações curriculares, às quais a escola deve se apropriar. Aqui temos a oportunidade, a partir da vivência de um aluno e de sua família, de visualizar as estratégias criadas pela escola a fim de adaptar-se à necessidade do aluno.

3.6.2.3 - Rede de apoio à inclusão: Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar

Nesta categoria abordamos a influência do Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar a partir do olhar dos participantes desta pesquisa. A partir dos dados coletados com confronto dos objetivos propostos, verificaremos a relevância destas ações no processo inclusivo de um aluno.

4. RESULTADOS

Neste capítulo apresentaremos as informações construídas através das entrevistas. Os resumos de cada entrevista serão dispostos aqui e suas transcrições estarão disponíveis nos anexos. Ressaltamos que o conteúdo destes resumos considerou as categorias já mencionadas no capítulo anterior.

4.1 – Angélica: Mãe do aluno Gabriel

Angélica é mãe de Gabriel, autista funcional, cujo diagnóstico foi feito tardiamente. A única diferença que percebia no filho era no desenvolvimento da linguagem, notava que o filho apontava muito e em comparação com a prima era diferente. No entanto, o pediatra aconselhou que esperasse, pois era homem.

A comprovação dos primeiros indícios aconteceu na escola. Segundo Angélica, Gabriel não se enturmava e a professora afirmou que o menino apresentava uma diferença, mas não sabia do que se tratava. Levaram Gabriel a uma psicóloga, mas não era especialista em autismo.

A mãe de Gabriel narra um fato marcante em sua história. Ela relata que, no início, a vida escolar do filho foi conturbada pela falta de compreensão. Angélica diz que matriculou Gabriel em uma pequena escola e a diretora a chamou para conversar e lhe acusou de irresponsabilidade, de colocar remédio no chá do filho e disse que Gabriel ia rodar em um poste. Dessa forma, a família retirou Gabriel da escola. Essa transição durou menos de um mês.

ANGÉLICA: Aí ela (diretora da escolinha) falou que eu era irresponsável, que eu não sabia do meu filho, que eu botava remédio no chá, e que meu filho ia rodar num poste..Menina, pense numa pessoa que se pudesse morrer naquele momento, eu morria. Foi assim ele saiu de lá, e entrou no CEI 4, demorou menos e um mês esta troca.

Angélica diz que continuou a buscar um diagnóstico preciso. Nesta época Gabriel iniciou o atendimento com uma psicóloga e no CONPE. As dúvidas sobre o diagnóstico de Gabriel aumentavam.

ANGÉLICA: A neurologista falou que não era, ou então achava que era um Asperger, que era alguma coisa mais leve. Mas a Dr^a Rose já achava que era autismo mesmo. Então eles se reuniram e a Dr^a Rose falou que possivelmente seria isto, autista.

A busca por uma resposta continuou, quando indicaram uma psicóloga especialista em autismo. Angélica entrou em contato e pediu, encarecidamente, que a psicóloga atendesse Gabriel.

Após algumas adaptações de horário, o atendimento iniciou apresentando os primeiros resultados. Angélica diz que foi emocionante ver o desenvolvimento do seu filho.

ANGÉLICA: Eu fiquei emocionada a primeira vez que eu vi o Gabriel copiando do quadro.

...a primeira vez que ele falou “Eu” ... sabe, porque pra um pai é muita coisa entendeu.

Angélica ressalta que há pouco tempo recebeu outro diagnóstico relacionado à alimentação de Gabriel: Intolerância Múltipla Alimentar, uma doença raríssima que necessita de uma rígida dieta e controle de quantidades e horários.

Sobre a permanência de Gabriel na escola, a mãe de Gabriel expõe as várias estratégias criadas pela escola, no sentido de promover a inclusão de Gabriel. No início o menino não ficava na sala. Sempre ao chegar, seu filho encontrava-se no pátio da escola. E para agravar mais a situação a constante troca de professores foi um aspecto negativo para a adaptação do aluno.

ANGÉLICA: Teve uma professora que só passou 2 horas na turma, foi pegar um dinheiro no banco e nunca mais voltou. Até que veio uma chamada Clea, que ficou na turma só que ela não tinha experiência.

Logo após, a escola em que Gabriel estava tornou-se inclusiva. E então várias estratégias foram criadas a fim de manter o aluno na escola, pois não havia classe para autista. Primeiro incluíram com duas professoras, depois diminuíram a turma e mesmo assim não conseguiram, pois, segundo Angélica, as professoras não tinham experiência.

Quando a psicóloga, que hoje atende Gabriel, iniciou o acompanhamento, falou para a família que estava tudo errado. Primeiro Gabriel deveria passar pelo Centro de Ensino Especial para depois ir para a inclusão. No entanto, Angélica enfatizou que os profissionais do Centro poderiam realizar o atendimento, mas que a escola deveria adequar-se às necessidades do filho. Foi quando a escola onde seu filho estava matriculado (CEI 04 antigo 27) montou uma classe para autista.

Hoje Angélica relembra com emoção os desafios deste início de processo de inclusão e ressalta que acredita no potencial do filho.

ANGÉLICA: O Gabriel não pegava num lápis, o Gabriel começou a ficar na escola, ele está aprendendo a ler, a escrever, não tanto, mas o ano que vem..

..a gente não sabe onde ele vai chegar, mas ele tem capacidade pra isto. Onde ele vai chegar eu não sei, mas que alguma coisa ele vai fazer, com certeza ele vai.

Apesar das dificuldades, Angélica não parou de buscar oportunidades para o desenvolvimento de seu filho. Ao saber que atividade física seria muito bom para o menino, logo procurou uma academia que o aceitasse. Durante um tempo, Gabriel frequentou uma academia, na atividade de natação. No entanto, os objetivos desta atividade não supriam mais as necessidades de Gabriel. Então, a mãe decidiu retirar Gabriel da academia e comunicou às professoras a decisão. As professoras logo indicaram o Programa Atendimento Complementar, realizado no CEE 01 de Taguatinga, pois oferecia atendimento na piscina, entre outros.

Angélica ligou para a coordenadora do atendimento complementar no centro e marcou uma entrevista. Durante a entrevista Angélica falou das preferências de Gabriel. Após alguns ajustes que a escola fez para definir as atividades e o dia, o atendimento iniciou.

Gabriel frequentou três atividades: argila, jardinagem e educação física (piscina), às segundas-feiras, de acordo com a necessidade de Gabriel e da família. Logo Angélica observou que as atividades estavam beneficiando seu filho. O primeiro ponto ressaltado por Angélica foi a alegria que seu filho demonstrava após cada atividade.

ANGÉLICA: E assim o complementar pra ele é muito importante, é tanto que segunda-feira ele já fala: “vamos lá pra jardinagem?
... Então assim a Vi dá esta flexibilidade pra ele de relaxar, coisa que em lugar nenhum eu ia conseguir. E melhor ainda, quando não pode ir pra piscina ela consegue fazer com que ele fique no ginásio e saia de lá feliz

Quando perguntamos sobre a relação da escola regular com o atendimento complementar, Angélica destaca os benefícios das atividades complementares no processo de aprendizagem. Angélica fala do efeito calmante da água devido o atendimento na piscina; a jardinagem que trabalha lateralidade, e noções básicas que auxiliam no processo de alfabetização; e a argila que favorece na reprodução de letras e símbolos. Ressalta que a professora Dalva, através do atendimento argila reforçou o processo de pré-alfabetização de Gabriel.

Assim concluímos este momento com Angélica falando de suas expectativas em relação ao Programa de Atendimento Especializado Educacional e a afirmativa sobre a importância do processo educacional ser construído em conjunto, escola, atendimentos educacionais e clínicos.

ANGÉLICA: Assim a nossa perspectiva para o ano, com relação à escola não só a escola complementar como a escola regular dele é que ele seja alfabetizado, e a terapia dele vai trabalhar em cima disto...
...assim, porque eu acho que todo mundo tem que falar a mesma língua, com certeza elas (professora do atendimento complementar) fazem parte deste processo...

4.2 - Professora Dalva: regente do atendimento complementar argila

A professora Dalva, formada, diz que está no Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar há 2 anos, a convite da responsável do ensino especial na Gerência Regional de Ensino de Taguatinga, que, na época, solicitou-lhe a elaboração de um projeto de atendimento para compor o Programa de Atendimento Complementar.

Após apreciação e aprovação do projeto, Dalva inicia o atendimento, em 2008, com 13 alunos. No entanto, destaca que durante todo o ano, em quase todos os meses receberam alunos.

DALVA: Eu fiz um projeto para o atendimento complementar argila ela gostou e aí a gente começou a trabalhar. O atendimento complementar argila, em 2008, começou com 13 alunos e foi muito interessante em 2008 porque todos os meses nós recebemos aluno.

Dalva diz que o Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar foi idealizado por pessoas que se encontram distantes da realidade do ensino especial, dos pais, dos professores do ensino regular, enfim distante do contexto escolar.

Ao questionar sobre a divulgação dos atendimentos, a professora diz que a responsabilidade da divulgação é de competência da GRE de Taguatinga, que sempre afirmou cumprir com sua responsabilidade. No entanto, Dalva apresenta dúvidas quanto à eficácia dessa etapa junto ao corpo docente.

Ainda em referência à divulgação, a professora ressalta a importância de uma divulgação com mais informações sobre o programa. Dalva afirma que o ato da divulgação deve constituir-se de um momento de esclarecimento e apresentação do projeto dos atendimentos, junto aos professores das escolas regulares, com a intenção de contar como acompanhamento destes profissionais.

DALVA: E o que é principal, independente de divulgar e falar é falar o que é o atendimento e qual o benefício deste atendimento para o aluno.
... que além de divulgar para o professor do ensino regular o que é o atendimento complementar, esse professor precisa entender o que é isso, ele precisa acompanhar o aluno dele até aqui

Dalva reforça a importância da aproximação entre a escola regular e os professores dos atendimentos complementares, para que ela possa considerar as ações da sala

de aula regular, em seu planejamento, e que o professor regente do regular acompanhe o processo do seu aluno nos atendimentos.

Sobre a implantação do Programa de Atendimentos Complementares, Dalva relata que as atividades deviam ser oferecidas desde 2008, no entanto, só iniciaram os trabalhos em 2009.

Dalva cumpre a carga horária de 8 horas por dia dispostas da seguinte forma: 4 horas no turno matutino; e 4 horas no turno vespertino. A professora diz discordar com a organização de sua carga horária e desabafa dizendo que o horário não favorece o planejamento individual e o encontro com os professores do ensino regular. A professora sugere que a carga horária dos professores dos atendimentos complementares siga a mesma organização da carga dos professores do Centro de Ensino Especial, que é a mesma dos professores do ensino regular.

Quanto aos cursos de formação continuada, a professora relata que no ano de 2010 não foi ofertado nenhum curso. O único contato que tiveram com a Regional de Ensino foi uma reunião, o que deixou os profissionais com a impressão de abandono. Dalva afirma a importância da formação continuada e enfatiza que as mudanças na educação são necessárias.

DALVA: Não foi oferecido nada , nada, nada.. ..nenhum único curso, em 2010 nós tivemos um único encontro com a Regional de Ensino no início do ano, passamos o resto do ano aqui na escola carentes disto desta troca... Formação continuada é importante, é claro que é importante. A educação está mudando, e precisa mudar...

Atualmente as atividades oferecidas no CEE 01 de Taguatinga, são: argila, artes, educação física, informática e jardinagem. Segundo a professora, até o ano de 2009 os atendimentos eram escolhidos pelos pais dos alunos. No ano de 2010, a Gerência Regional de Ensino apresentou uma modulação muito específica, onde o perfil do aluno direcionava a definição dos atendimentos.

O aluno Gabriel ingressou no programa em 2010 com os seguintes atendimentos: argila, educação física e jardinagem. Gabriel era atendido às segundas-feiras, no período

vespertino. Dalva diz que a definição dos atendimentos foi opção da mãe do aluno. Dalva afirma que entre os três atendimentos, Gabriel nutre uma grande paixão pelo atendimento na piscina (educação física). A professora relata que o desenvolvimento do menino na piscina é muito significativo.

DALVA: Na verdade, a grande paixão dele é a piscina... porque ele vai muito bem na piscina, ele faz lá coisas que os outros não conseguem, ele tem uma autonomia boa na piscina

A professora Dalva comenta sobre o momento que soube que Gabriel, além de ser um aluno com Transtorno Global do Desenvolvimento, apresentava também uma intolerância alimentar grave, fato que tornou o período de adaptação do aluno ao atendimento argila, mais delicado. Dalva relata que depois que Angélica, mãe de Gabriel, especificou a gravidade da situação, então a professora compreendeu a realidade do aluno.

DALVA: O Gabriel além de ter transtorno geral do desenvolvimento ele tem uma restrição alimentar, gravíssima, não é fácil lidar com isso, ela (a mãe) traz o lanche dele... Aí que ela sentou e foi me contar da vida dele. A ficha caiu... aí eu tive noção... tá lá pregado no quadro até hoje, são duas folhas digitadas do que ele não pode comer.

Dalva verificou que necessitaria de adaptações na rotina de Gabriel para que pudesse usufruir dos benefícios do atendimento. Então a professora organizou o atendimento do aluno conforme suas necessidades e assim as dificuldades foram minimizadas.

Com relação ao processo inclusivo educacional, a professora reafirma a importância das parcerias, a fim de beneficiar o desenvolvimento do aluno.

DALVA: Agora é interessante reforços permanentes, material diversificado, alternativo, que reforcem positivamente o que o Gabriel precisa. E, assim, as parcerias, eu acredito que as parcerias fazem diferença pra todo aluno especial.

O programa para o processo inclusivo é excelente, afirma a professora Dalva. Ela relata que o aluno Gabriel identificou a argila como um recurso para ele. Dessa forma, o atendimento direciona as atividades em função do reforço a uma pré-alfabetização. Assegura

que o aluno está pronto para ser alfabetizado e necessita trabalhar o comportamento, precisa de reforços positivos.

Os planos para o ano de 2011 incluem estratégias, como a divulgação em todas as escolas, sendo realizadas pela equipe do atendimento complementar (professores e a coordenação do programa no Centro). Dalva finaliza sua colaboração enfatizando a importância da união das forças em prol do aluno.

DALVA: Reunião quinzenalmente é interessante com o professor do regular, pra gente está fundamentando nosso planejamento, pra gente estar vendo quem é este aluno que a gente está atendendo, pra gente ver o que ele está precisando, literalmente somar forças em prol do aluno esquecendo um pouco a burocracia.

4.3 - Professora Bruna: regente do aluno Gabriel no Ensino Regular

Bruna, professora regente do aluno Gabriel no ensino regular, relata que já conhecia a mãe de Gabriel. Quando a mãe recebeu o resultado sobre a real situação do seu filho, Bruna foi uma das pessoas a orientar a mãe para que buscasse um atendimento especializado para ele. A professora afirma que desconhecia aspectos que envolviam os Transtornos Globais do Desenvolvimento, mas mesmo assim ajudou a mãe de Gabriel, indicando-lhe uma psicóloga que o acompanha até hoje.

BRUNA: Algumas indicações foram dadas pra ela. Eu conheci a mãe do Gabriel, em outra situação... na época, eu fui uma das pessoas que falou pra ela: “Eu não sei, eu não sei de mais nada, não entendo nada, mas eu sei que Helena faz um trabalho legal.

A professora relata que apesar do medo, a mãe de Gabriel aceitou o atendimento e dedicou-se muito para auxiliar no atendimento do filho.

Bruna juntamente com a professora Selma (professora regente junto com Bruna no CEF 18) montaram uma turma (classe especial para TGD) no CEF 18 de Taguatinga. Gabriel foi acompanhando a professora Selma, que levou o aluno porque queria continuar o trabalho que estava sendo realizando.

Segundo Bruna, manter Gabriel em uma classe não foi fácil, mas conseguiram e hoje o menino é acompanhado por ela e Selma. Nesta época, com muita satisfação, os pais de Gabriel expressaram grande confiança no trabalho que ia iniciar.

BRUNA: Foi uma luta pra manter ele na classe. Foi o primeiro ano de tranquilidade, hoje ele tem 10. A alegria dos pais quando eles entraram aqui...eu nunca vi um sorriso tão lindo de pai e mãe trazendo o filho no primeiro dia de aula. E o pai falou: “Em 10 anos é a primeira vez que a gente deixa na escola com tranquilidade.. Ele veio e agora pra uma classe para autista.

Sobre o atendimento complementar, Bruna ressalta que sempre existiu e que em cada época o atendimento complementar se apresentava de uma forma. Atualmente, trata-se de um programa de atendimentos complementares especializados realizados no Centro de Ensino Especial e são oferecidos para os alunos que estão na inclusão, pela Secretaria de Educação.

Quanto ao objetivo dos atendimentos, a professora Bruna diz que esta mudança de perspectiva do Centro de Ensino Especial já era esperada. A intenção em redirecionar a função do Centro era de apoiar e orientar as escolas no processo inclusivo. Bruna afirma que a disponibilização de palestras e suporte às escolas há um tempo já acontecia.

A professora Bruna reconhece a importância do Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar, mas lamenta o pouco empenho de alguns profissionais na divulgação dos atendimentos junto aos pais. E assim compromete o acesso dos alunos que estão no processo inclusivo de ingressar nestes atendimentos.

BRUNA: Encaminha os meninos que estão na inclusão, eles também têm direito ao atendimento.
Ah, mas os pais não vão levar...Ah, mas é muito difícil.
Mas você está falando, você já falou, você está mostrando o ganho, você já mostrou o quanto é legal.

A família de Gabriel sempre foi uma família empenhada na busca de atendimentos que beneficiassem o filho, relata Bruna. Gabriel participou de várias atividades,

equoterapia, natação em academia. No entanto, as atividades para Gabriel deveriam atender, especificamente, suas necessidades em suas particularidades, e, segundo a professora, esta especificidade no atendimento ele teria através dos atendimentos complementares do Centro de Ensino Especial.

Então, a mãe de Gabriel efetivou a matrícula do filho no Programa de Atendimento Complementar e optou por três atividades: educação física (piscina), argila e jardinagem.

Bruna reconhece que nos atendimentos especializados, Gabriel recebe um atendimento de qualidade que contempla as suas necessidades e desenvolve a disciplina do comportamento. A professora ressalta que ter professores especializados nos atendimentos constitui um aspecto de qualidade e extrema importância, sendo o professor organizador do atendimento.

BRUNA: Isso ele vai... isso ele tem no centro. Ele não vai simplesmente fazer o que ele quer, vai pular e jogar água... ele tem horário de entrar e horário de sair. E como ele vai se comportar naquele momento a professora vai definir.

Um dos aspectos importantes nos atendimentos, para a professora Bruna, é que as atividades sejam disponibilizadas em horário contrário ao de aula. A professora enfatiza que há anos o atendimento complementar era realizado no horário de aula, e esta organização de horários configurava-se em prejuízo para o aluno. Bruna enfatiza que outra estrutura, outros horários favorecem o desenvolvimento do aluno.

Segundo Bruna, para a família de um aluno TGD, contar com os atendimentos complementares é uma riqueza. A mãe de Gabriel teve outras opções de atendimento para o filho, no entanto, confia e acredita na qualidade do trabalho dos profissionais da Secretaria da Educação, afirma Bruna.

Para Gabriel os atendimentos são fundamentais para manter a tranquilidade do aluno. A professora Bruna relata que em dias nublados, o aluno apresenta um comportamento de agitação e irritabilidade, pois sabe que quando está nublado não há atendimento na piscina. A professora diz que no dia seguinte ao atendimento complementar, o aluno expressa tranquilidade e serenidade, tornando possível a realização das atividades em sala.

BRUNA: É fundamental, então neste tempo de dias nublados então quando ele chega que está nublado, ele já olha pra gente e fala: “Tem lua e estrela, só tem lua e estrela... significa vai chover mais tarde, não vai ter natação já que a piscina não é coberta... Se a gente???? em corredor mais escuro na escola ele já fica mais nervoso: “só tem lua e estrela, só tem lua e estrela... E mais se hoje há aula, no outro dia, tranquilo, sereno.

A professora Bruna aponta a falha na comunicação entre os professores do complementar e do ensino regular. Apesar de ser importante conhecer, Bruna diz que não tem possibilidade, devido aos horários não coincidirem. Enfatiza que já conhece Dalva, e, se tiver qualquer problema em relação a Gabriel, a mãe do aluno a comunica ou então a própria professora do complementar entra em contato.

Em relação a sugestões para aprimorar estes atendimentos, Bruna aponta a necessidade de uma reforma nas instalações do Centro de Ensino Especial, definição dos atendimentos de acordo com a aptidão dos alunos e o aumento no quadro de profissionais do atendimento complementar.

5. DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS

Neste capítulo retomaremos as categorias levantadas, e diante das informações obtidas neste estudo, procederemos à análise dos resultados à luz da fundamentação teórica desta pesquisa.

5.1 - Diagnóstico: compreensão da realidade

A falta da precisão nos diagnósticos de pessoas com Transtornos Globais do Desenvolvimento tem sido um aspecto presente na trajetória em busca de um resultado concreto. Angélica, mãe de Gabriel, expressa em seu relato as dificuldades provenientes desta caminhada de dúvidas. Segundo Carvalho (2010), apesar dos avanços, o diagnóstico é dificultado pela significativa heterogeneidade de comportamento e atitudes, pois as manifestações autísticas variam de pessoa para pessoa. Segundo Angélica, a sutileza do comportamento autista de Gabriel confundiu inclusive os médicos, adiando ainda mais um atendimento adequado.

A persistência da mãe, da família em oferecer o melhor para o menino foi essencial para o desenvolvimento de Gabriel. No relato da professora Bruna, ela afirma que a aceitação da família à realidade de Gabriel e a seu tratamento foi muito importante para os primeiros resultados. A dedicação da mãe e da família foi o diferencial na adaptação do Gabriel ao atendimento proposto. Dessen e Polonia (2007) enfatizam que os laços afetivos principalmente entre pais e filhos podem ser aspectos positivos para desencadear um desenvolvimento saudável possibilitando o ajustamento do indivíduo em diversos ambientes.

A professora Dalva enfatiza que ao conversar com a mãe sobre a intolerância alimentar, assustou-se com a gravidade da situação, ressalta a dedicação da mãe conforme o trecho abaixo:

DALVA: Mãe do Gabriel, aquela mãe que senta, que conta pra gente da vida do Gabriel, que traz a vida da escola comum pra nós, e eu acredito também que ela leva a nossa também para a escola comum. Então, se a gente tivesse, assim, um percentual de 60% de mães com o mesmo comportamento, a gente teria outros resultados igualmente positivos.

Dalva destaca em seu relato a importância da interação entre a família e a escola, no sentido de beneficiar e proporcionar a adaptação do aluno ao novo ambiente. A professora deixa claro que ambientar na escola não se trata de apenas deixar o aluno na escola, mas de compartilhar os aspectos mais relevantes desses ambientes. A parceria com a família é indispensável para qualquer trabalho consistente reservado à pessoa com autismo (CARVALHO, 2010).

Podemos destacar nesta categoria a iniciativa da família de proporcionar oportunidades de desenvolvimento para Gabriel. A família é uma instituição fundamental para o crescimento intelectual, físico, emocional e social podendo atuar como propulsora ou inibidora deste desenvolvimento (Dessen & Polonia, 2007).

5.2 - Processo de adaptação da Escola à necessidade do aluno: Inclusão

O processo de escolarização de Gabriel representa os desafios que a escola tem de enfrentar para adaptação de um aluno com necessidades especiais. Angélica relata como o contexto escolar adaptou-se às necessidades de Gabriel. No entanto, a princípio, o preconceito e falta de compreensão foram marcantes no início desta trajetória. Mantoan (2006) enfatiza que a busca pelo aluno ideal discrimina os que não se encaixam nos modelos e perpetua as injustiças da educação formal. Sendo assim, a necessidade de uma reflexão concomitante e continuada se constitui diante de um contexto de avanços das propostas e experiências da inclusão social (cf. Coelho, 2010).

Diversas estratégias foram aplicadas para criar um ambiente favorável para o desenvolvimento de Gabriel em um contexto inclusivo. Essa afirmativa é contemplada no relato da professora Bruna, regente de Gabriel no ensino regular, que narra a dificuldade em manter aluno com TGD numa classe especial, e expressa grande satisfação ao confirmar as possibilidades deste aluno no atendimento descrito. Apesar das dificuldades, é importante que o aluno ocupe o lugar devido no contexto escolar, pois sua inserção, suas especificidades manifestam-se progressivamente, tornando visíveis suas capacidades, bloqueios interpessoais e modos de relação com o ambiente (Op cit).

Dalva, a professora do atendimento complementar, desenvolve seu relato enfatizando a importância de promover adaptações necessárias para ambientação do aluno nos diversos contextos escolares. A adaptação de Gabriel no atendimento complementar

aconteceu mediante uma série de estratégias traçadas pela professora a fim de contemplar a necessidade do aluno. Segundo CARVALHO (2010):

“Os aspectos educacionais considerados evidenciam a importância da mediação educacional que favoreça o maior aproveitamento dos espaços escolares, bem como ações efetivas de aprendizagem que promovam o desenvolvimento do aluno.”

Nessa categoria, percebemos que as ações educacionais aplicadas, favoreceram o processo educacional de Gabriel. Em dois espaços diferentes, os professores transformaram sua prática a fim de proporcionar o desenvolvimento da aprendizagem de Gabriel.

5.3 - Rede de apoio à inclusão: Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar

Nesta última subseção abordaremos o Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar, através das informações coletadas ao longo deste estudo.

Gabriel ingressou no atendimento complementar devido à necessidade de uma atividade aquática. Ao chegar ao Centro de Ensino Especial, Angélica deparou-se com uma série de atividades pelas quais poderia optar a fim de beneficiar seu filho. Segundo a mãe de Gabriel, nenhum aspecto burocrático prejudicou o ingresso de Gabriel nos atendimentos. Com base no relato de Angélica, a escola adequou os atendimentos e dia de acordo com a rotina de atendimentos complementares (clínicos e educacionais) de Gabriel. Angélica reconhece a importância do atendimento para Gabriel, no sentido de subsidiá-lo no processo de inclusão e alfabetização. Angélica enfatiza que a importância de contar com professores especializados foi um dos aspectos que garantiu aos atendimentos a qualidade indicada.

No relato da professora Bruna, percebe-se que a sua trajetória lhe permitiu acompanhar as mudanças educacionais ao longo dos tempos, o que a fez repensar sua prática e vivenciar momentos que a levaram a atuar no processo inclusivo. Ao referir-se aos atendimentos complementares, a professora Bruna enfatiza que com esta nova modalidade de atendimento, o Centro de Ensino Especial redefine sua função educacional e auxilia o processo inclusivo. Atribui-se cada vez mais à educação escolar diferentes funções e

finalidades que variam segundo o modelo de desenvolvimento humano que adota. (UNESCO, 2007).

Ao oferecer este suporte e recursos, o Centro de Ensino Especial, através do Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar, assume o que propõe a Resolução nº 2, de 2001 do Conselho Nacional de Educação – CNE /CEB, que estabelece o processo educacional a partir de uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais em todas as etapas e modalidades da educação básica.

A professora Bruna aponta os atendimentos especializados complementares como atividades essenciais no auxílio e apoio ao processo educacional regular. E ressalta a importância de profissionais capacitados no atendimento a alunos com necessidades especiais. Esse aspecto Bruna analisa a partir de uma interação com o aluno que conduz o professor a compreender como pode auxiliá-lo no processo de desenvolvimento. Esta afirmativa verificamos na fala da professora.

DALVA: Tem que ter professores especializados pra entender a necessidade de ficar na água...ter professor especializado que entenda a necessidade de ele de estar na água pra brincar, pra relaxar, porém com disciplina.

Nesse sentido, observamos dois aspectos importantes na ação ensino e aprendizagem. A primeira questão é da relação entre professor e aluno, que, por estarem “mergulhados em diferentes possibilidades interativas”, constroem um espaço versátil e enriquecedor para o processo de ensino/aprendizagem. Em outra vertente, a ação do professor também é pautada pela definição da função da educação que não seria só de prover oportunidades para o crescimento e expressão, mas, essencialmente, de nutrir possibilidades relacionais (Cf. Bartholo, Taca & Tunes, 2007).

Um aspecto repetido pela professora algumas vezes foi o fato de uma divulgação frágil e a indisposição de alguns professores inviabilizar o atendimento dos alunos inclusos. Bruna enfatiza a dificuldade que temos em aceitar as mudanças. Moraes (*apud*, MACHADO,

2006) descreve as dificuldades de que alguns têm de revisar as concepções de ensino e aprendizagem segundo o trecho abaixo:

“Acreditamos que as coisas não mudam na escola, principalmente, pelas dificuldades enfrentadas por todos aqueles que nela exercem as suas atividades profissionais ao tentarem se adaptar a uma nova cultura de trabalho, que, por sua vez, requer uma profunda revisão na maneira de ensinar e aprender. Embora quase todos percebam que o mundo ao redor está se transformando de forma bastante acelerada, a educação continua apresentando resultados cada vez mais preocupantes em todo o mundo e a grande maioria dos professores ainda continua privilegiando a velha maneira como foram ensinados, reforçando o velho ensino, afastando o aprendiz do processo de construção do conhecimento, conservando um modelo de sociedade que produz seres incompetentes, incapazes de criar, pensar, construir e reconstruir conhecimento (p.43).

Um processo de aprendizagem criativa, muitas vezes, não encontra espaço por contrapor um processo que prima pela transmissão de conhecimento, de forma tradicional, sem promover a construção, a descoberta.

Bruna enfatiza, ainda, a importância da ampliação, a oferta de atendimentos através da disponibilização de maior número de profissionais para compor o quadro de docentes do Programa de Atendimento Educacional Especializado a fim de apresentar maior diversidade de atendimentos. Esta preocupação é reproduzida no relato da professora, a seguir:

BRUNA: O que a gente tem pra melhorar, precisar de mais profissionais, tem a necessidade de mais profissionais, pra poder atender de uma maneira mais diversificada.

Verificamos que o relato da professora Dalva aponta a credibilidade na influência dos atendimentos complementares ao processo inclusivo. No entanto, reage à falta de apoio, de capacitação aos profissionais envolvidos no programa e à ineficácia da divulgação nas escolas. Dalva, através da experiência vivenciada com o aluno Gabriel, narra a prática educacional sendo redefinida a partir das possibilidades. Segundo Vigotsky (*apud* CARVALHO & RAPOSO, 2010), o desenvolvimento atípico não se determina pela peculiaridade do defeito físico ou sensorial, mas pelas alternativas criativas de apropriação das ferramentas culturais capazes de desenvolver as funções psicológicas superiores. Nesse

sentido, verifica-se que a reestruturação da prática pedagógica da professora Dalva favoreceu o desenvolvimento do aluno em outro contexto educacional.

A professora Dalva realça na sua fala a importância de uma divulgação significativa, em que os objetivos do Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar são apresentados aos professores do ensino regular com a intenção de unir essas modalidades de atendimento em prol de uma educação inclusiva de qualidade. Esta afirmativa podemos visualizar no trecho abaixo:

DALVA: A primeira é que nós vamos às escolas, a equipe vai às escolas da redondeza divulgar o trabalho. A gente quer conversar com os professores, a gente quer falar o que a gente faz, porque a gente faz, com os professores... reunião quinzenalmente é interessante com o professor do regular, pra gente está fundamentando nosso planejamento, pra gente estar vendo quem é este aluno que a gente está atendendo, pra gente ver o que ele está precisando, literalmente somar forças em prol do aluno esquecendo um pouco a burocracia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar foi idealizado para oferecer atendimentos complementares nos Centros de Ensino Especial, compondo uma série de ações que objetivam o favorecimento e a permanência do aluno com necessidades especiais no ambiente regular de ensino, através de atividades que reforçam a prática educacional inclusiva. Nosso objetivo foi verificar a atuação desses atendimentos junto ao processo de escolarização de alunos que estão inclusos nas escolas regulares.

Durante este estudo, o foco principal direcionou a análise de um programa de atendimentos especializados que são oferecidos em caráter complementar. Com base nas narrativas, constatamos a essencialidade de reafirmar o caráter complementar aos atendimentos especificados, no sentido de favorecer o desenvolvimento humano e a aprendizagem em ambos ambientes.

A partir das informações aqui apresentadas, verificamos que os atendimentos complementares estão sendo disponibilizados aos alunos inclusos. No entanto, os meios de divulgação apresentaram falhas, que refletiram na participação dos alunos nos atendimentos complementares. As professoras do ensino regular e atendimento complementar enfatizaram a importância de fortalecer o repasse das informações junto às escolas regulares, com intuito de esclarecer e apresentar os atendimentos complementares.

Neste trabalho conferimos também a reestruturação de um ambiente especializado que outrora constituía a única opção de atendimento especializado para os indivíduos com necessidades especiais. Através desta nova perspectiva, os centros ampliam sua função, com destaque ao apoio ao processo inclusivo, através também dos atendimentos complementares. Verificamos que a partir da vivência de experiências educacionais inclusivas, as professoras criaram estratégias que favoreceram a adaptação de um aluno nos ambientes educacionais.

Apesar das dificuldades e desafios postos diante desta nova modalidade de atendimento, o Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar tem consolidado e reafirmado as ações propostas no ensino regular para o desenvolvimento da

aprendizagem. Através da vivência do aluno Gabriel, verificamos que os atendimentos complementares apresentaram-se como suporte ao processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, reconhecemos o empenho do Estado em sugerir ações que beneficiam e auxiliam o processo inclusivo. No entanto, simultaneamente, verificamos a necessidade de promover a elaboração de uma política inclusiva que considere a participação de todos os segmentos escolares. Através deste estudo, fica evidente a necessidade de que esta construção se apresente nas formas de ações colaborativas. Seguindo esta perspectiva, consideramos de suma importância a indicação de meios de avaliação a fim de propiciar a construção e reconstrução da prática pedagógica. Acreditamos que estas iniciativas se constituirão em práticas sociais fundamentadas na diversidade do contexto escolar, que incidirão na reconstrução de sentidos e significados conferidos à construção de uma sociedade inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRASIL. **Resolução N° 2/2001 do Conselho Nacional de Educação**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. MEC. 1988.

BRASIL. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. MEC. 1999.

BRASIL. **Decreto nº 6571 de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado. MEC. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. /Ministério da Educação – Brasília: MEC, 1996.

CARVALHO, E. N. S.; RAPOSO, P. N., A pessoa com deficiência visual na escola. In: MACIEL, D.A; BARBATO,S. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.cap. 7

CARVALHO, E. N. S., Transtornos Globais do desenvolvimento na escola. In: MACIEL, D.A; BARBATO,S. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.cap. 11.

COELHO, C.M. M., InclusãoEscolar. In: MACIEL, D.A; BARBATO,S. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.cap.2.

DESSEN, Maria Auxiliadora and POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), Abr 2007, vol.17, no.36,

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt . Acesso em: 20/07/2010

DESSEN, M.A.;JÚNIOR, A.L.C (Org.) **A Ciência do Desenvolvimento Humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**.Porto alegre: Artmed,2005.

DISTRITO FEDERAL. **Diretrizes Pedagógicas Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal 2009/2013**. Brasília, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 128 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2. ed.São Paulo: Atlas S.A., 1989. 203p.

GLAT, Rosana, **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro:7letras, 2007.210p.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Quando eu entrei na escola...** Memórias de passagens escolares. Cad. CEDES, Abr 2006, vol.26, no.68, p.60-73. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622006000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 27/07/2010

KELMAN, C.A., Sociedade, educação e cultura. In: MACIEL, D.A; BARBATO,S. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. cap. 1.

MACIEL, Diva Albuquerque; RAPOSO, Mirian, Metodologia e Construção do Conhecimento: Construções para o Estudo da Inclusão. In: MACIEL, D.A; BARBATO,S. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.cap. 3.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér, **O desafio das diferenças nas escolas**. Secretaria de Educação à Distância. MEC, 2006.

_____. **Orientações Gerais para o Ensino Fundamental de 9 anos.** MEC, 2006.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S. & Silva, A. P. **Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação.** **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 13(2), 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000200008 Acesso em: 18/07/2010.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa e BARTHOLO, Roberto dos Santos, **O professor e o ato de ensinar.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-5742005000300008&lng=en&nrm=iso Acesso em: 27/07/2010

UNESCO. **Educação de qualidade para todos: um assunto de direitos humanos.** Brasília: UNESCO, 2007.

APÊNDICES

A – ROTEIROS DE ENTREVISTA

➤ ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PAI DE ALUNO

3. Apresentação e informações pessoais AQUI VAMOS CARACTERIZAR O PAI, A CRIANÇA, A FAMÍLIA

- Caracterização do pai ou responsável: nome idade; escolarização; profissão...
- Caracterização do aluno: nome; idade; identificação da NEE; principais características Qual escola está matriculado? Qual ano está cursando/ especificar em qual tipo de turma (Classe Especial, Classe Comum).
- Caracterização da família: caracterização das pessoas que moram na residência; História da família referente a chegada daquela criança que possui atendimento

4. Informações sobre o Programa de Atendimento Especializado Complementar AQUI VAMOS FALAR SOBRE O PROGRAMA

- Caracterização do programa: o que é; como funciona; quais os objetivos; quem são os responsáveis; quem são os profissionais;
- Como soube dos atendimentos complementares
- Quais as solicitações para efetuar a matrícula?
- Relação do programa com a escola
- Quais sugestões para aprimorar os atendimentos

5. Percepções sobre Programa de Atendimento Especializado Complementar para a criança AQUI VAMOS FALAR SOBRE A CRIANÇA NO PROGRAMA

- Como foi definida a escolha destas atividades?
- Quais atividades seu filho participa? como é? quantos atendimentos por semana?
- Quanto tempo seu filho participa das atividades complementares?
- Qual é a reação do seu filho diante das atividades realizadas/ qual a sua preferência(seu filho)?
- Como as atividades realizadas estão favorecendo o comportamento do seu filho?
- Qual o maior benefício para a aprendizagem do seu filho?

➤ **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR DO ATENDIMENTO COMPLEMENTAR**

1. Apresentação/informações pessoais e funcionais AQUI VAMOS FALAR SOBRE O PROFESSOR

- Nome; formação; história profissional;
- História pessoal na SEE/DF? Quais funções exerceu nos últimos dois anos?
- História pessoal no programa: Quanto tempo atua no Programa de Atendimento Complementar? Quando iniciou as atividades complementares na instituição?

2. Informações sobre o Programa de Atendimento Especializado Complementar AQUI VAMOS FALAR SOBRE O PROGRAMA

- Caracterização do programa: o que é; como funciona; quais os objetivos; quem são os responsáveis; quem são os profissionais; Como é realizada a divulgação junto às escolas regulares? Quantos alunos são atendidos por turno?
- Como é a preparação/formação continuada/avaliação dos professores dos atendimentos e regentes dos alunos atendidos para avaliações
- Existem trocas de informações entre esses professores? Como é? quem promove? qual a periodicidade?...

3. Percepções sobre Programa de Atendimento Especializado Complementar AQUI VAMOS FALAR SOBRE O PROFESSOR NO PROGRAMA

- Sobre a atividade: O que você faz, especificamente? por que faz assim? quem te ajuda? como aprendeu? como é sua avaliação?...
- Sobre os alunos na atividade: De forma generalizada como os alunos as reagem diante das atividades realizadas por você? dê exemplos.
- Sobre os pais na atividades: Como é a participação e acompanhamento dos pais? o que faz para aproximá-los? dê exemplos. Quem te ajuda? o que falta para ser perfeito?
- Sobre sua avaliação dos alunos em atividade: Como as atividades realizadas estão favorecendo o comportamento do aluno; Qual o maior benefício para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno
- Quais sugestões para aprimorar os atendimentos

➤ **ROTEIRO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR**

7. Apresentação/informações pessoais e funcionais AQUI FALAREMOS SOBRE O PROFESSOR

- Nome; formação; história profissional;
- História pessoal na SEE/DF? Quais funções exerceu nos últimos dois anos?
- História pessoal na escola onde atua: Em qual turma é regente atualmente? Quanto tempo atua com classes inclusivas?

8. Informações sobre o Programa de Atendimento Especializado Complementar AQUI VAMOS FALAR SOBRE O PROGRAMA

Conhece o Programa de Atendimento Especializado Complementar? o que é; como funciona; quais os objetivos; quem são os responsáveis; quem são os profissionais;

Percepções sobre Programa de Atendimento Especializado Complementar

- Como é o aluno João na sua sala? Você sabe que ele participa do programa? isso tem ajudado? como? dê exemplos Relate o perfil do aluno e o comportamento em sala.
- Qual a relação dessas atividades com a sua atividade específica em sala? Existe algum momento de encontro entre os professores dos atendimentos e regentes dos alunos atendidos para avaliações, trocas de informações? quando? como é? ...
- Como estas atividades podem influenciam no desenvolvimento do aluno? dê exemplos. Como as atividades realizadas estão favorecendo o comportamento do aluno e o desenvolvimento da aprendizagem? dê exemplos. Qual os benefícios para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno? dê exemplos
- Quais sugestões para aprimorar os atendimentos?

B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS:

ENTREVISTA COM A MÃE DO ALUNO ATENDIDO NO PROGRAMA COMPLEMENTAR

Entrevistadora: Ana Ester (professora-pesquisadora)

Entrevistada: Angélica - Mãe do aluno Gabriel atendido no Programa Educacional Especializado Complementar

Ana Ester: Estou aqui com a mãe do aluno Gabriel, o nome dela é Angélica e ela vai se apresentar agora, e aí a gente vai começar esta conversa. Queria te agradecer desde já a sua colaboração e disponibilidade cedendo um tempo de poder estar conhecendo um pouco não só do atendimento complementar do benefício dele, mas de todo o atendimento do Gabriel, mas de vocês, conhecer um pouquinho de você e um pouquinho da sua família. Gostaria que você se apresentasse e que você fale um pouquinho de você agora.

Mãe -Angélica: Meu nome é Angélica Maria de Freitas..Eu tenho um filho Gabriel ele é especial, autista funcional. A gente descobriu um pouco tarde, porque ele não tinha todas as características.

Ana Ester: Quando foi mais ou menos, com qual idade que descobriu.

Mãe -Angélica: Assim que entrou na escola. Ele não conseguia se enturmar.

Ana Ester: A idade mais ou menos.

Mãe -Angélica: 3 anos e meio pra 4 anos. E assim, foi muito difícil pra gente porque ninguém sabia lidar com isso.

Ana Ester: Até então o desenvolvimento dele..

Mãe -Angélica: Foi normal. A única coisa que eu notava e que falava com o pediatra é que ele não tava desenvolvendo a fala, ele falava palavras soltas e apontava muito. Aí o pediatra falava pra mim, pra mim esperar que era porque ele era homem, e eu tenho uma sobrinha que é da idade do Gabriel dois dias mais nova que o Gabriel, e ela era falante tudo e o Gabriel não. Mas como eu comentava com profissional, e ele pedia para esperar e aparentemente o Gabriel andou no tempo certo, falou no tempo certo. Ele falou palavras, "mamãe", "papai".. estas coisas "não"

Ana Ester: não elaborava frases ainda mas ele falava palavras...

Mãe -Angélica: uma coisa também e que ele batia a cabeça. Desde quando ele se entende por gente ele bate a cabeça.

Ana Ester: Quando estes momentos de bater a cabeça, quando, por que ele fazia isto?

Mãe -Angélica: *Antigamente, toda vez que ele não conseguia entrar em contato assim, explicar o que ele queria, ele ficava agitado e batia a cabeça. Aí também, só que depois não foi tratado como deveria e ele pegou a mania de tudo o que ele queria, além desse.. quando ele não conseguia se expressar, quando ele queria alguma coisa que era negado, também batia a cabeça.*

Ana Ester: Por que você fala que ele não foi tratado como deveria?

Mãe -Angélica: *Porque ele estava com uma psicóloga, muito boa psicóloga, mas não entendia de autismo.*

Ana Ester: Nesta época você ainda não sabia..

Mãe -Angélica: *não. Ele já havia estado na escola. Aí a professora falou que ele tinha uma diferença, mas a gente não sabia que diferença que era. Aí levamos para esta psicóloga chamada Jussara ela era muito boa mas não era especialista em autismo. Aí o que ela falou pra gente fazer, toda vez que ele batesse a cabeça a gente perguntar o que estava acontecendo, tentar entender e tudo. Então, mais isso a meu ver não, quando trocamos de psicóloga, a Helena, ela falou que não foi o jeito certo, o jeito certo era falar, explicar e depois dar extinção. Foi feito isto e diminuiu bastante. A medida também que a compreensão dele e a expressão dele pra gente, isto é pra o que ele sente, foi aumentando, isto foi aumentando também, diminuindo isto foi diminuindo essa questão da cabeça.*

Ana Ester: E vocês aqui quem é que mora aqui. Como é?

Mãe -Angélica: *Eu que sou a mãe, o pai dele que é o Pedro e o Gabriel. Só que a minha mãe é um suporte, por exemplo, quando eu não estou ela está.*

Ana Ester: Ela faz parte..

Mãe -Angélica: *Aí a gente viaja junto, a gente vai pro shopping junto, a gente sempre vai na casa dela.*

Ana Ester: Então a avó é uma referência muito grande para o Gabriel?

Mãe -Angélica: *É. Ela só não dorme aqui porque ela tem os compromissos dela, tem a casa dela, mas sempre que ela pode ela está aqui comigo, com a gente. As comemorações normalmente a gente passa junto,*

Ana Ester: Você trabalha, certo?

Mãe -Angélica: *Trabalho.*

Ana Ester: Aí como é seu horário de trabalho?

Mãe -Angélica: *Desde que o Gabriel nasceu eu trabalhava no Plano e quando o Gabriel nasceu eu vim trabalhar em Taguatinga..*

Ana Ester: Trabalha com..

Mãe -Angélica: *Sou Técnico-administrativo e trabalho com a área da saúde.*

Ana Ester: Serviço Público

Mãe -Angélica: *Serviço Público.*

Ana Ester: E como é o teu horário, como você faz.

Mãe -Angélica: *é trinta horas, a carga é trinta horas eu faço todas as manhãs e dez horas manhã e tarde na sexta-feira. Então toda sexta-feira eu estou o dia todo fora de casa.*

Ana Ester: Neste momento quem fica com o Elias é sua mãe , não é?

Mãe -Angélica: *É, minha mãe. Aí quando tem férias, quando tem greve, quando tem recesso, abono de professor, ou eu tiro meus abonos ou então minha fica de novo.*

Ana Ester: E no caso o pai dele, qual o momento que ele tem com ele..

Mãe -Angélica: *Não, o pai dele também ajuda na medida do possível, porque ele não tem muita flexibilidade no serviço, mas por exemplo ontem ele ficou com ele.*

Ana Ester: Ele trabalha o dia..

Mãe -Angélica: *Ele trabalha o dia todo, trabalha no Ministério da Defesa. E ele fica mexendo com informática, ele é técnico.*

Ana Ester: Ele não tem a flexibilidade que você tem não é?

Mãe -Angélica: *Porque primeiro é que ele trabalha 40h, no Plano, eu sou 30h apesar de tudo é como dizem, mãe vira o mundo..*

Ana Ester: Vira polvo, várias mãos..

Mãe -Angélica: *Exatamente, eu faço de tudo, às vezes, por exemplo, na reunião do especial, eu trabalhei 2h, aí eu fui na reunião, porque não tinha direito de pegar declaração, voltei pra terminar minha carga, eu faço várias coisas..às vezes eu vou trabalhar, aí eu falo: "Pedro traz o Gabriel, quando for 11h eu pego o Gabriel", entendeu já pego ele no HRT..*

Ana Ester: Então vocês organizam o horário de vocês, até sua mãe organiza o horário dela pra está todo mundo..

Mãe -Angélica: *Quando precisa... na verdade a gente vive meio que em prol,*

Ana Ester: Hoje, quantos anos o Gabriel tem hoje?

Mãe -Angélica: *10.*

Ana Ester: Está cursando..em qual escola ele está? Qual ano que ele está?

Mãe -Angélica: *Ele estuda no CEF 18, ele está na época de alfabetização..*

Ana Ester: Mas ele está em turma de inclusão, classe especial..

Mãe -Angélica: *Classe especial, dentro de uma escola de inclusão. Ele está, como se diz...sendo preparado para ser incluído*

Ana Ester: Isto para o ano que vem?

Mãe -Angélica: *Para o ano que vem não, provavelmente no outro.*

Ana Ester: 2012

Mãe -Angélica: *É, mas uma coisa que atrapalha muito o Gabriel é a restrição alimentar dele, porque tem que ficar vigiando 24h.*

Ana Ester: Vamos falar desta restrição alimentar dele, contando a história dele quando ele chegou pra gente poder entender até a questão da Helena como foi isso..fazer um resumo de tudo, porque você já falou que até os 3 anos o desenvolvimento dele.. depois descobriu..

Mãe -Angélica: *Foi na escola, eu não conseguia explicar..*

Ana Ester: E como vocês encontraram a Helena?

Mãe -Angélica: *Aí a Bruninha tinha me falado que tinha uma psicóloga, Bruninha é a professora.*

Ana Ester: Então a Bruninha está na vida de vocês..

Mãe -Angélica: *Há muito tempo, Bruna(atual professora regente no ensino regular) é minha amiga,irmã de comunidade, igreja, a gente é amiga há muito tempo. Então ela já tinha me comentado de uma psicóloga.Mas a equipe do CEI 04 já tinha falado do Gabriel pra Helena. E aí eu falo que Deus realmente me escuta, porque eu falei assim: “Olha Senhor, o senhor me deu este menino, pois agora eu não sei o que fazer, o Senhor vai ter que dar um jeito”. No mesmo dia e na mesma semana eu liguei pra Helena e falei: “Olha Helena você não me conhece, mas eu sou a mãe de uma criança e preciso que você converse comigo, eu preciso conversar com você, pra ver se você pode atender ele. Aí eu lembro que foi em junho, pra entrar julho e ela falou.. não ou perto de agosto, não sei..eu sei que ela tinha uma criança que tinha parado pra ela fazer a avaliação do Gabriel, e nisto a psicóloga também estava parando de atender crianças pequenas. Aí ela fez a avaliação do Gabriel no lugar desta criança e depois ela abriu mão de um curdo de inglês que ela estava fazendo para atender o Gabriel. Então foi tudo acertado, aí ela veio aqui em casa, disse que a gente precisava de um quarto para o atendimento, aí a gente fez um quarto para o Gabriel, um quarto só para o atendimento do Gabriel. Aí ela veio, no começo era só ela, e uma psicóloga que é a Clara, e aí veio outra psicóloga e essa ficava saindo e entrando, e a Clara ficou permanente, hoje é a Clara que está no lugar da Helena.*

Ana Ester: Há quantos anos?

Mãe -Angélica: *O Gabriel tinha 6..*

Ana Ester: Está com 10, não é?

Mãe -Angélica: *é.. então já tem.. vai entrar nos 5 anos, tem 4 anos e meio, assim.. depois que começou, até falei pra Helena, quando fui observar na casa da Juliana (criança que recebe este atendimento), da Maria que é a mãe, e a Juliana é a criança, ela falou assim: “ E aí o que vocês acham do atendimento?”, daí eu falei: “Dá pra começar amanhã?” Então assim.. a gente ficou muito maravilhado, até mesmo porque a gente viu uma saída, porque a gente estava totalmente perdido.*

Ana Ester: E foi quando vocês ficaram sabendo.. era isso que eu ia perguntar para você,foi aí que vocês ficaram sabendo?

Mãe -Angélica: *Na verdade..*

Ana Ester: Porque vocês não ficaram sabendo do diagnóstico, diretamente.. vocês só ficavam na desconfiança.. Como é que foi isso pra vocês?

Mãe -Angélica: *Não,na verdade o Gabriel a princípio, a princípio mesmo, antes dele ir pra o CEI 04 que era 27 não era o CEI 04 ainda, depois eu te conto a história do CEI 04, ele entrou num coleginho aqui nas SHIS, chamado “Pequeninos” (nome fictício), e a diretora toda vez, ele ficou só duas semanas lá, e a diretora toda vez que eu chegava.. porque minha mãe deixava e eu pegava, toda vez que eu chegava lá.. aí eu trabalhava à tarde, era outro esquema aqui em casa. Aí toda vez que eu chegava lá ela falava assim: “Seu filho é surdo?” e eu falava “não”..aí tá bom. No outro dia: “ Seu filho fala?”, “Fala”.*

Ana Ester: Ele tinha quantos anos naquela época?

Mãe -Angélica: *Tinha 3 anos e meio, foi assim ele saiu de lá, e entrou no CEI 4, demorou menos e um mês esta troca. Então toda hora ela ficava falando uma coisa, eu sei que foi numa sexta feira, eu lembro bem, aí ela falou.. ela deixou um recado, porque ela queria falar no sábado de manhã comigo. Eu achei estranho sábado de manhã.. tudo bem, mas eu já sabia que havia algum problema, porque ela vivia me questionando, questionando.. eu até nem dormi. Aí eu cheguei lá ela falou assim:”Você não cuida do seu filho, você manda remédio no chá do seu filho..” porque o chá era de morango, ela falava que eu dava remédio pra o meu filho.*

Ana Ester: Ele já tinha restrição alimentar naquela época?

Mãe -Angélica: *Na verdade a gente não sabia ainda, era tudo uma incógnita..passava muito mal, adoecia demais, era tudo incógnita. Aí ela falou que eu era irresponsável , que eu não sabia do meu filho, que eu botava remédio no chá, e que meu filho ia rodar num poste... se eu não sabia que meu filho ia rodar num poste, entendeu... se eu continuasse a falar assim com ele. Ela falou que era hiperativo, alguma coisa assim. Menina, pense numa pessoa que se pudesse morrer naquele momento, eu morria. Eu fiquei tão desesperada que ela falou comigo de manhã, aí eu falei: “Olha eu quero que... então tá, então você me indica alguém, que eu*

vou levar ele agora. Eu saí de lá desesperada falei com meu marido: “Vamos, vamos a gente vai ter que ir numa psicopedagoga, porque a mulher disse que nosso filho está assim, assim, assim. No mesmo dia..

Ana Ester: E seu esposo como reagiu quando você falou isto tudo pra ele?

Mãe -Angélica: nele ficou embasbacado, mas eu naquele desespero ele fez o que eu queria. Eu liguei na psicopedagoga, eu fui lá, aí ela ficou meio que assim: “Ah.. a gente vai marcar, ele tem jeito de hiperativo..mas aí depois, quando esfriou, voltamos pra casa, aí quando esfriou, então eu falei: “Pedro, Gabriel não vai mais pra esta escola, porque a mulher duvidou de mim..” e é complicado você duvidar assim de uma mãe ..imagine eu pensando isto. Então o que eu fiz.. ele fica em casa, mas ele não vai mais. Aí depois a gente tirou ele, não foi mais, aí eu fiquei tentando uma escolinha. Aí a madrinha dele conhecia a professora Mara, que dava aula para crianças daquele tamanho. Aí a gente foi lá, ela aceitou ele mas eu não falei nada pra ela, eu queria ver qual a reação em uma escola pública que não conhecesse ele. Aí deixei o Gabriel lá, não deu duas horas meu telefone tocou, a diretora me chamando para ir lá. Aí ela:”Mãe!!” ela até achou que ele tinha sido abusado, estas coisas, porque ele ficava se masturbando, se arrastando no colchão, ele fala que é cavalinho.

Ana Ester: Ele tinha quantos anos?

Mãe -Angélica: Três anos e meio, três anos e sete meses, por aí.

Ana Ester: Bem rapidinha esta transição..de escola

Mãe -Angélica: Aí eu esqueci de comentar com você que uma pessoa brincou com ele na perna balançando e isto aguçou o desejo dele.

Ana Ester: Isto foi só uma brincadeira, foi uma coisa assim inocente.

Mãe -Angélica: É. Aí depois ele ficou querendo subir na perna de todo mundo e aguçou este instinto dele..

Ana Ester: Desde os três anos..

Mãe -Angélica: é, mas assim , saiu de uma pessoa que brincou sem intenção, eu acho que sem intenção, e isto causou vários danos pra ele. É porque isto está controlado ele faz no quarto de estudos, ele tem o descanso lá, ele chama de descanso. Ele até fica fazendo um pouquinho e depois pára. Ele não faz mais em lugar nenhum, mas isto depois de muito tempo a gente , a Lúcia tentando controlar a gente controlando. Pois é , foi nesta época que já me falaram, aí eu perguntei pra professora o que ela achava, ela falou assim: “Bem, o que eu posso te falar e que o Gabriel tem uma diferença, o que ele tem a gente não sabe, eu vou passar você pra equipe que na época não era equipe ..era a equipe da Gorete, e quem fez isso foi a equipe da Cláudia, pra Helena foi a equipe da Cláudia. Aí eu fui pra essa equipe, daí o mesmo tempo agendei com a Jotassara, pra começar já o tratamento, pra ela fazer o diagnóstico, até mesmo porque a gente estava preocupado o menino só ficava com meu marido, comigo e com minha mãe, e falaram um negócio desse. E outra coisa a gente tinha

deixado ele com umas moças pra olha, pra r gente ir pra igreja, mas só pra gente ir pra igreja, só pessoas de confiança, isso duas pessoas que com certeza não fizeram nada. Mas quando você recebe este tipo de notícia, você tem que investigar tudo, porque afinal de contas isso tudo vai influenciar na vida da criança. Então , o que a gente fez, quando eu cheguei na equipe, quem estava lá, a psicopedagoga que eutinha ido no escritório. Aí eu cheguei e fui sincera: “Eu não quero que vocês atendam”, aí ela passou muitos exames, neurologista, todo tipo de exame, pra gente procurar pessoas que trabalhavam com genes,tudo certo. Mas aí eu falei com ela: “ Olha eu não quero que esta psicopedagoga dê o diagnóstico do Elias porque ela já tem a influência da outra escola

Ana Ester: Você queria alguém que fosse imparcial.

Mãe -Angélica: *Exatamente, porque elas deviam estar me achando muito louca, porque a outra foi falar aquelas coisas, sei lá..*

Ana Ester: poderia influenciar o diagnóstico...

Mãe -Angélica: *é melhor ser idôneo, sem nenhum papo, sem ninguém ter o que falar de você. E aí, o que aconteceu, a Margarete, uma ótima psicóloga com a equipe dela, não que esta pessoa não seja, mas eu pessoalmente não queria, então a gente foi pra Jotassara, Jotassara fez a avaliação , e a Margarete falou que a avaliação ia valer pra ele com o neurologista, ele ia pro CONPE passar\ por tudo. Aí afinal a Jotassara fez, aí diagnosticou que ele tinha um transtorno, mas que não fechou. Aí a gente levou ele na Neuro do HFA, aí a neuro do HFA disse que ele não tinha nada mas aí a gente levou no CONPE.*

Ana Ester: Enquanto isso ele continuava a freqüentar a escola só que ele não ficava na sala,

Mãe -Angélica: *Não impede, só que ele não ficava na sala, ele passou... aí esta professora teve que sair, a Sara, esteve até na UTI com problema de rins, e tudo, e ficava entrando.. todo dia entrava uma professora na sala. Teve uma professora que só passou 2 horas na turma, foi pegar um dinheiro no banco e nunca mais voltou. Até que veio uma chamada Clair, que ficou na turma só que ela não tinha experiência. Aí o Elias.. todo dia que eu chegava o Elias estava correndo no pátio. a escola inteira dos meninos aos porteiros, ao pessoal da limpeza, à direção todo mundo conhecia o Elias. A coisa mais estranha foi quando eu pisei o pé no portão que os meninos: “Tia, tia você é mãe do Elias, né?”. Então todo mundo conhecia o Elias ele sempre teve este carisma, de todo mundo gostar dele. Então assim ele ficava nesta escola, mas ele não estava estudando, ele não conseguia. Aí a Jatassara(psicóloga) começou a trabalhar com ele, aí o CONPE foi marcando as consultas, a neurologia do CONPE também achou que ele não era autista, a Dr^a Sandra, só que lá eles fazem uma equipe,*

Ana Ester: Eles achavam que era o que?

Mãe -Angélica: *Não.. a neurologista fale que não era, ou então achava que era um Asperg, que era alguma coisa mais leve. Mas a Dr^a Rosa já achava que era autismo mesmo. Então eles se reuniram e a Dr^a Rosa falou que possivelmente seria isto, autista, né, mas que não*

dava pra fechar pela idade, por vários motivos. E já a geneticista falou que ele não era porque ele cantou pra geneticista e tudo conversou com ela. Então, quer dizer, ele respondia a algumas coisas ele não era aquele clássico. Então o diagnóstico dele foi difícil por isso.

Ana Ester: Mas hoje está fechado?

Mãe -Angélica: Tá. Passou 2 anos com a Jatassara, Jatassara não conseguiu fechar. Aí depois disto o 27 se transformou em escola de inclusão, foi logo quando come~çou a inclusão mesmo. E assim, meio que foi por conta dele, entendeu. Então ele teve todo um processo nesta inclusão de lá porque tinha professora que era apaixonada por ele. Aí para o outro ano, depois desta confusão o ano seguinte ele ficou com uma professora que não tinha experiência e com outra que veio da Regional para acompanhar ele porque a turma dele foi fechada com muitos alunos, então veio uma professora pra acompanhar o Elias, mas uma turma muito grande.

Ana Ester: Era só ela para o Elias, acompanhando a professora? Ou era uma professora para a turma inteira.

Mãe -Angélica: era uma professora, mas essa outra professora, que veio então auxiliar, as duas maravilhosas, Aldenize e a Egilvânia, só que elas não tinham experiência com crianças especiais

Ana Ester: A Denise lá do Centro?

Mãe -Angélica: Não, Aldenize

Ana Ester: Aldenize, tá

Mãe -Angélica: Aldenize, ama o Elias de paixão, assim a Egilvânia também, maravilhosa ficou 2 anos com ele, a Egilvânia. Só que a Egilvânia até fez um curso com a Lúcia por conta do Elias. Só que relamente.. quando a Lúcia entrou ela viu que estava errado que o Elias não tinha passado ainda, antes disto, assim que ele entrou na escola, a Margarete mandou ele pra fazer avaliação com o Rudan (professor de alunos de TGD no CEE 01 de Taguat5inga), ele ficou uns 2 meses com o Rudan, mas como ele já tinha passado pelo final do ano, né.. passado dos 4, ele não podia ficar mais na precoce. Aí incluiu lá ele, mas esta inclusão com duas professoras. Aí depois diminuíram a turma, mas mesmo assim, aí assim Núbia não conseguia mesmo. Aí a Egilvânia estava no apoio e foi pra lá. Mas mesmo assim eles começaram a fazer alguma coisa com ele, mas assim não conseguia porque não tinha experiência. Aí no outro ano a Lúcia já tinha entrado, aí quando a Lúcia entrou, ela falou assim: “Está errado, primeiro tem que ir pro especial depois pra inclusão aí não tinha turma de autista lá..

Ana Ester: Por que este processo de ir para o Especial depois pra inclusão, ela explicou pra você?

Mãe -Angélica: Explicou, primeiro ele tinha que aprender a ficar sentado isso eles iam ensinar aqui, mas eles teriam q eu acontecer na escola também. Então pra ele ficar no

CEI 04, o que aconteceu, montaram uma turma pra autista, no CEI 04. Aí, a princípio, era Sheila que já era da escola, foi professora dele 2 anos, e a Dilma que veio da precoce. Aí nesta época a precoce veio foi pra lá, no CEI 04, teve toda uma transformação na escola. Eu fico até emocionada

Ana Ester: O Elias foi um motivo, um dos motivos pra que fosse implantado na escola o processo inclusivo.

Mãe -Angélica: a diretora, assim, era.. a Laura era louca com o Elias, a Sheila era louca com o Elias, então todo mundo.. eu via assim, que ele transformava as coisas. Então assim isto pra nós é válido. Antes disto, uma mulher lá na direção, apoio lá falou, de novo, que eu era irresponsável que eu não cuidava do meu filho, que meu filho tinha problema na cabeça, e etc e tal. Claro que eu dei as costas pra ela e fiquei falando com a vice-diretora.

Ana Ester: Era difícil, hein?

Mãe -Angélica: então assim várias pessoas, assim, falavam que a culpa era minha que não sabia educar que não batia.....

Ana Ester: Foi uma situação bem difícil..

Mãe -Angélica: aí quando a Lúcia entrou aí que a coisa começou a fluir, vamos dizer assim, que até então nem eu, nem minha família, nem ninguém era preparado para isto.

Ana Ester: E como foi a entrada da Lúcia pra vocês na família de vocês.

Mãe -Angélica: Assim, eu sempre falo que ela foi um anjinho pra gente que ela é nosso anjo porque realmente, eu pedi mesmo pra Deus porque eu não sabia o que fazer, porque eu queria muito cuidar do menino que ele tinha me dado mas eu não sabia como fazer. Aí ela entrou e assim, eu voub entrar nisso, tá bom, eu entro, mas eu entro e se mandar plantar bananeira, se mandar nadar no rio qualquer coisa que mandar eu fazer eu faço, eu faço do jeito que a pessoa manda porque senão pra mim não serve só encaro as coisas assim, entendeu. Aí eu sou assim, não é só lá é no serviço, é em casa, é em tudo..

Ana Ester: É uma característica sua ?

Mãe -Angélica: É. Quando eu entro em uma coisa eu entro totalmente. Daí, bom, ele não é meu filho, não é isto que tem que encarar? Então a Lúcia fez o diagnóstico, me falou o diagnóstico.

Ana Ester: Qual era o diagnóstico, autismo...funcional

Mãe -Angélica: Autismo funcional. Ou seja, ele aprende tudo, mas desde que ele seja ensinado dentro do tempo dele. Por isso que ele tem muitas possibilidades de... a gente não sabe onde ele vai chegar, mas ele tem capacidade pra isto. Onde ele vai chegar eu não sei, mas que alguma coisa ele vai fazer, com certeza ele vai.

Ana Ester: Com certeza. Está fazendo

Mãe -Angélica: *é como eu comentei com a Lúcia: “Agora a gente devia chamar ela, pra ela ver o menino que ela disse que estava rodando o que ele estava fazendo (mulher a diretora). Aí entrou a Lúcia, aí veio a Sheila com a Dilma aí é lógico que elas deram um corte nele: “Não vai sair pra correr no pátio. Aí começou uma educação totalmente diferente, aí quando eu vi a Giovana, eu lembro que na visita, eu vi a Giovana sentada fazendo aquelas caixas, aí eu falei assim: “Jesus, vamos ver quanto tempo o Elias vai passar pra ficar deste jeito”. E eu vou te falar que não demorou 2 meses, pra ele ficar sentado. E a Cíntia está de prova que o Elias não sabia nem pegar num lápis..*

Ana Ester: Ele precisava de ajuda, também pra compreender, né?

Mãe -Angélica: *Sim tudo começou, a gente.. ela.. primeiro a bateção de cabeça.. dar extinção. Dar extinção..e dá certo sabe, tá certo que a gente consegue extinção 100%, mas melhorou bastante. Aí este negócio de gritar, aí eu gritava, aí o menino gritava. Aí a Lúcia falou: “Não tá certo”. Ah então.. bater eu nunca bati, eu nunca bati, e da natureza mesmo, mas gritar todo mundo da minha família tinha esta mania aí eu também, né. Só que aí “não, não é pra fazer isto”, então não se faz nada. Então tudo que a Lúcia falava.. “Oh só vai poder descansar neste colchão, fazer cavalo é neste colchão.*

Ana Ester: Ele tinha uma rotina, ela traçou uma rotina para ele?

Mãe -Angélica: *Traçou, tem uma agenda aqui na parede*

Ana Ester: Isto é importante ter uma rotina?

Mãe -Angélica: *É. Não com certeza, assim, pra organizar a cabeça de um autista tem que ter uma rotina. Mas a rotina não é só da criança, e da casa porque não interessa o que eu esteja fazendo..agora não porque ele está mais flexível e tudo, mas logo no começo, o que tinha fazer, eu podia estar fazendo o que fosse, mas dava a hora de passear eu passeava, entendeu. “Tá chovendo, vai dar uma volta de carro, mas aquilo era cumprido, a rigor. Então a família tem que ter essa consciência, que o autismo ele mexe não só com a rotina da criança, mas com a rotina da mãe, do pai, de quem estiver porque senão não dá certo. E assim eu tive muito problema com isso, porque é como eu te falei se eu entro, vou fundo. Já meu marido e minha mãe eles tiveram problema pra se adaptar.*

Ana Ester: Mas agora como está hoje?

Mãe -Angélica: *Hoje está super-bem, minha mãe quando eu fui começar este programa, a minha mãe até falou que eu era uma megera, que a criança estudava de manhã, e que teria que estudar três vezes à tarde e que isto era um absurdo, não sei o que.. aí sabe tudo bem, deixa pra lá. Mas assim, eu tô contando isto, pra você ver como as coisas mudaram*

Ana Ester: Eu sei, eu sei, como era antes e como agora está, não é?

Mãe -Angélica: *Agora depois de um tempo, não foi por agora, não.. já faz um tempão, mais de dois anos que a minha mãe mudou a cabeça, vamos dizer assim. E assim depois que ela viu a evolução do Elias em comportamento, na fala, no entrosamento do Elias, porque todo*

mundo fala que os pais de um autista desejam demais o que a gente tem, né. Uma criança muito carinhosa, uma criança que pede abraço, se comunica. Então assim, o pai de um autista, né ..as pessoas falam que ele não parece que ele interage, entendeu. Então assim, minha mãe agradeceu muito ao tratamento da Lúcia, a gente ama a Lúcia de paixão

Ana Ester: Então por isso que você falou eu a Lúcia na vida de vocês foi muito importante, né?

Mãe -Angélica: *é claro que quando a gente fala da Lúcia, a gente tá falando da Lúcia mas atrás da Lúcia tem as meninas, né..*

Ana Ester: A equipe, né?

Mãe -Angélica:*..as psicólogas, por exemplo, a Cíntia que está com o Elias desde o começo. Eu considero as meninas com se fosse da família, eu não preciso me arrumar, eu não preciso nada porque elas são visitas mais aqui, já são de casa. E pelo contrário quando ela chega o Elias vem falar comigo e eu falo: “não, é tia Cíntia, Tia Raquel, Tia Lúcia.”.,entendeu. Eu estou aqui, mas e como se não estivesse, entendeu.*

Ana Ester: Você deixa liberdade..dá liberdade.. aquele momento é que elas trabalham..

Mãe -Angélica: *é porque para elas trabalharem precisa desta..eu acredito que é mais fácil assim, eu só vou lá quando sou chamada, vamos dizer assim. Eu escuto tudo, eu escuto tudo o que eles estão fazendo lá. Mas só vou ver depois quando vou olhar no papel ou então quando elas me chamam pra ver “Oh, Leila isto daqui”. Eu fiquei emocionada a primeira vez que eu vi o Elias copiando do quadro.*

Ana Ester: Maravilha!!

Mãe -Angélica: *a primeira vez que ele falou “Eu” .. sabe, porque pra um pai é muita coisa entendeu. O Elias não pegava num lápis, o Elias começou a ficar na escola, ele está aprendendo a ler a escrever, né... do jeito assim.. não tanto.. mas o ano que vem..*

Ana Ester: Ele está em processo.. as professoras falaram que ele está em processo de alfabetização, as duas. Muito bom

Mãe -Angélica: *então assim, transformações, mas principalmente o lado social do Elias, é fantástico, a transformação dele.*

Ana Ester: E me diz uma coisa eu queria falar um pouquinho do Programa de Atendimento Complementar na vida do Elias, porque hoje ele está com 10 anos.. A quanto..assim, eu queria que você falasse um pouquinho sobre o Programa, como você ficou sabendo, o que é o Programa. Porque na verdade, Leila eu estou a li na escola, mas é difícil, eu observo, mas eu não sei de fato, estou sabendo através de vocês. Então assim, eu queria saber o que você conhece do programa, como você ficou sabendo, como é isto aí. O que é o Programa de atendimento Complementar.

Mãe -Angélica: *Eu fiquei sabendo assim, o Elias fez.. a partir do momento que ele foi diagnosticado a gente colo.. falaram que natação é muito bom que o esporte era muito bom, principalmente, a natação. A gente procurou academia que aceitasse.. professor Jorge, Movimento, professor Bruno, tem as pessoas professora Ana que já ficou com ele. Então assim, ele ficava com eles e tudo, estava dando super certo, mas aí o Elias começou a mudar de turma, e cada vez que a criança muda de turma. ela tem um nível, e ele chegou a um nível que ele já sabia nadar crawl, pelo menos assim o básico do crawl, já começava costa e que ele não queria fazer.. queria ficar fazendo piscina o tempo todo ,entendeu ? Aí pra ele.. ele queria era brincar, entendeu? Desestressar, e isto estava atrapalhando a aula do Jorge. Aí foi decidido até.. ele estava super nervoso, toda hora saia da piscina, porque ele não queria essa.. aí o que acontecia.. ele saia e os meninos também.. não chegavam a sair, mas perdiam o pique, né*

Ana Ester: O estímulo...

Mãe -Angélica: *É.. aí acabou que.. assim eu achei que não estava bom pra o Elias, nem pro Jorge , nem pra turma do Elias, então foi melhor sair. Só que na mesma hora, no mesmo tempo que eu comuniquei pra as professoras que o Elias ia sair foi a hora q eu elas me falaram: “ Olha Leila tem um programa que tem natação lá no especial, cê liga, foi até a Lourdinha que me falou, a Lourdinha e a Carla que me falou, cê liga, cê liga lá e fala com a Sidnéia, foi só o tempo de chegar em casa..*

Ana Ester: Isso foi em que ano?

Mãe -Angélica: *Este ano..*

Ana Ester: Este ano 2009..2010

Mãe -Angélica: *Este ano ele começou. Só tem um ano que ele está lá. Aí eu falei com a Sidnéia (Coordenadora do programa no CEE), fui lá na entrevista, falei pra ela que queria natação e que ele gostava muito de plantas e gostava muito de mexer com terra, essas coisas que interessavam muito a ele já, argila , né.. essas coisas assim. Aí ela organizou, à princípio ele ia pra artes, mas aí eu falei pra ela que artes já não fazia tinha o professor, tinha a terapia e a gente brincava de Mister Maker, e que era mais interessante a argila, né. E realmente ele se adaptou, entendeu? E assim o complementar pra ele é muito importante, é tanto que segunda- feira ele já fala: “vamos lá pra jardinagem?”*

Ana Ester: Ele gosta..

Mãe -Angélica: *Assim ele adora piscina, aí eu conversei, quando eu cheguei lá eu conversei com Viviane(professora de Educação Física), eu falei: “Viviane o Elias sabe isto , sabe aquilo ,mas nós tamo aqui não é pra isto não, nós tamo aqui pra ele ficar do jeito que ele quiser, se ele quiser pular o tempo todo e bater com a mão..” aí ela até estranhou, né.. toda mãe chega lá querendo algo..*

Ana Ester: Querendo a natação..

Mãe -Angélica: *A natação, só que a gente foi diferente e realmente a primeira, a segunda aula o Elias só ficava pulando e batendo as mãos..*

Ana Ester: E assim.. vamos só aqui pontuar.. na educação física quem é que trabalha com ele?

Mãe -Angélica: *Viviane..*

Ana Ester: Viviane, aí ele também tem argila..

Mãe -Angélica: *Argila que é com a Sandra..*

Ana Ester: Com a Sandra e..

Mãe -Angélica: *E jardinagem com a Elcimar.*

Ana Ester: Ele tem estes 3 atendimentos..

Mãe -Angélica: *Três, aí é jardinagem, argila e educação física.*

Ana Ester: aí quantas vezes.. um..uma vez.

Mãe -Angélica: *uma vez,segunda-feira*

Ana Ester: segunda-feira, ele tem estes 3 atendimentos num dia?

Mãe -Angélica: *Num dia.*

Ana Ester: Tá dando.. este horário esta legal pra ele, foi opção como é que foi.. foi uma..a gente vai retormar esta questão da piscina, mas antes só queria esta parte aí.. isto foi uma opção sua ou único horário que tinha como é que é?

Mãe -Angélica: *foi uma conciliação..*

Ana Ester: ah, sim..

Mãe -Angélica: *entre o que poderia acontecer na escola, o que poderia acontecer com a gente , eo dia disponível por conta das terapias..*

Ana Ester: ah, ta certo..

Mãe -Angélica: *porque assim, aqui em casa a gente precisa de um dia fixo pelo seguinte, tem as outra atividades, né, então foi por isso também, que estava sobrando a segunda ou não sei se as psicólogas não podiam abrir mão deste dia.. assim ficou, segunda-feira. E assim a gente corre pra caramba pra chegar lá, porque não é fácil, ele vai estuda chega da escola e tudo, eu chego do colégio desesperada pego, chego aqui e aí tem que fazer a dieta e aquela correria, manda ele comer no carro aí todo dia to dando cálcio pra ele, pra entregar pra Elcimar, às vezes quando tem muito trânsito, eu chego um pouco atrasada, mas assim, nunca deixo de ir, só quando está doente, mesmo assim..*

Ana Ester: mas vamos retomar a questão da piscina, que você falou pra Viviane que no primeiro atendimento dele..

Mãe -Angélica: *é no primeiro, no segundo, nos primeiros atendimentos..*

Ana Ester: Nos primeiros, né..

Mãe -Angélica: *Até a Viviane ficou impressionada, né..Porque ele tinha uma energia, ele pulou 40 minutos dentro da aula e saiu de lá com o sorriso mais lindo do mundo, como se tivesse feito a coisa melhor da vida dele. Então assim a Viviane dá está flexibilidade pra ele de relaxar, coisa que em lugar nenhum eu ia conseguir. E melhor ainda, quando não pode ir pra piscina ela consegue fazer com que ele fique no ginásio e saia de lá feliz.*

Ana Ester: é mesmo?

Mãe -Angélica: *Então.. gente.. foi bom demais. Aí a professora de jardinagem disse que no começo..ela até lá no final do ano, eles falaram das atividades, falaram um pouco de cada criança, e ela falou do Elias, que chegou lá o Elias não queria fazer nada, ele queria ficar correndo lá. Mas assim ela foi descobriu que ele gostava, que era o carrinho de mão, e aí final da aula ela dá o carrinho de mão pra ele guiar, se ele fizer, se ele cumprir todos as atividades que é aguar, arrancar as ervas, tudo né. Então quer dizer, elas trabalham a criança pra criança ficar bem e ao mesmo tempo fazer o que tem que ser feito, o que tem que ser cumprido, né..*

Ana Ester: Estes atendimentos, toda esta rotina dele no complementar tem influenciado o comportamento dele aqui?

Mãe -Angélica: *Com certeza, assim a gente vê ele fica mais calmo, entendeu, ele tá mais entendido, a jardinagem.. assim ajuda no conda escola,que a escola dá argila também, ele gosta muito, ele relaxa da argila. Tanto que a gente foi no rio e ele encontrou uma argila, só que molhada, ele conseguiu passar 2 horas só brincando nesta argila, aí que ele começou pegar insolação, mesmo estando no barro. Então assim ele tendo este contato com a natureza que ele gosta tanto, sabe, tanto na jardinagem, como na argila, não deixa de ser natureza, né. E a piscina que então é a água, né. As professoras são especializadas pra isto, pra notar o que a criança tem, pra descobrir o melhor da criança, pra ficar ali, entendeu. Então tudo muito organizado, tem ajudado ele,eu sinto assim, que é uma coisa que vale a pena, a gente fica triste quando não tem.*

Ana Ester: Me diz uma coisa, assim..quando você chegou ficou sabendo, a Lourdes te falou mas o que te solicitaram pra você efetuar a matrícula dele ,pra ele entrar?

Mãe -Angélica: *Eu cheguei, falei que ele estudava em uma classe especial, que ele tinha sido indicado pela Lourdinha e pela Carla e aí eles pediram os documentos dele, no caso era a certidão, no tempo ele não tinha carteira, identidade.. tem CPF hoje. Aí pediram a certidão, umas fotos e documentos meus..*

Ana Ester: Mas assim, alguma.. você falou de uma entrevista..

Mãe -Angélica: *Sim, aí pra saber o que a criança... como que a criança.. o que a criança precisava neste complementar, né. Aí eu falei até que computador aqui em casa tinha, por causa do LIEDE (Laboratório de Informática Educacional Especial).*

Ana Ester: Isto daí foi a questão das escolhas, né

Mãe -Angélica: *É, é isso pra conhecer o aluno, pra saber se realmente ele queria isso, né*

Ana Ester: E deixa eu te perguntar uma coisa e como era feita a escolha destes atendimentos, a escola definiu ou você definiu, como foram definidas estas escolhas?

Mãe -Angélica: *Não, eu cheguei lá eu falei o que eu achava, mas quem definiu foi a escola..*

Ana Ester: Diante do que você falou..

Mãe -Angélica: *Diante assim.. eles tentaram ajustar no que e gostavu.. no que o Elias gostava, no que eu achava que ele gostava, entendeu? Mas, em especial a educação física.*

Ana Ester: E deixa eu te perguntar uma coisa esse “o que ele gostava” era mesma coisa do que ele precisava?

Mãe -Angélica: *Sim.*

Ana Ester: Então assim, ele gostava da piscina, mas ele precisava da piscina. Seria duas coisas casadas, não só o que ele gostava, mas o que ele precisava também.

Mãe -Angélica: *Porque, por exemplo, ele ficou só uma vez na professora de artes, assim não que ela trabalhe artes cênicas, essas coisas.. eu acho que ela trabalha toda esta parte, a gente sabe que a arte não só desenho, estas coisas.. tem todo uma expressão corporal, etc.. ela até falou isso tudo.. ela é ótima, maravilhosa. Sobre o LIEDE também são ótimos, mas o Elias tava precisando de outra coisa..*

Ana Ester: Entendi..

Mãe -Angélica: *Aí que que a escola fez..aí eles viram que realmente o Elias precisava era Dan argila, que ele ia se dar melhor na argila, e ele realmente foi. Eu acho a Sandra uma gracinha, eu me dou muito bem com ela... eu me dou muito bem com as três. Eu converso muito com a Sandra, o jeito dela né, e assim eu acho uma coisa do especial que não ajuda só o menino, não, ajuda a mãe também. Porque nos outros lugares, nos últimos anos de natação do Elias eu peguei pais bons que compreendiam, eu tinha amigos. Então a gente era tipo uma... uns pais unidos , que ninguém brigava com o filho de ninguém, que a gente gostava. Mas já a mãe da Marlice, a Giovana estudava neste mesmo lugar, os pais dos outros meninos não tinham esta compreensão, entendeu. Então a gente que é mãe de um menino especial, de um autista nós temos estes problemas no Shopping, nós temo problema no restaurante, entendeu..*

Ana Ester: Sim, entendi.

Mãe -Angélica: *E lá no especial, já é diferente.*

Ana Ester: Diferente assim.. em que sentido.. especificando.. como.. é diferente por que por este tratamento, por este entendimento, estas pessoas como?

Mãe -Angélica: *Assim o pouco que eu vivia lá na Movimento, com o entendimento dos pais, porque eles não tinham muito conhecimento, mas eles sabiam que era autista procuravam conversar e tudo eu tenho no especial maior ampliado.*

Ana Ester: a questão do conhecimento do como tratar..

Mãe -Angélica: *é de tratar bem, de não.. por exemplo, o dia que ele bateu a cabecinha lá na janela da Movimento, aí os pais ficaram assim: “Nossa, nossa vai se machucar, não sei o que”. Aí minha colega que é a Vera mãe do Roni, minha colega, minha colega não, é minha amiga, né, aí falou assim: “ Não é porque ele está doente, por isso que ele está fazendo isto”. Ela compreendia porque a gente conversava muito, ela conhecia o Elias, o Elias já estudou com o filho dela e tudo. E lá no especial, todo mundo sabe disto, está entendendo. Aí assim, é.. é diferente, por... a Sandra falou assim: “olha vou te dar uma dica, tem lá na Católica, tem natação você pode ir lá e tudo” aí eu virei pra e falei pra ela: “ Sandra deixa eu descansar um pouquinho”, porque é um descanso, “deixe eu descansar um pouquinho.. porque é um descanso, você está ali e ninguém vai te criticar que seu filho é um autista. Você não vai precisar responder ninguém, você não se chatear e ficar calada, não vai acontecer isso, porque lá todos são iguais. Porque falam de inclusão e tudo, mas a sociedade não está ainda preparada pra isto, está se preparando.*

Ana Ester: No caso então o Elias, está preparado para inclusão, a inclusão talvez.. a sociedade, só um comentário não uma perguntar tá, mas talvez temos que crescer muito pra estar assim, a sensibilidade de compreender sem julgar, sem apontar com mais naturalidade

Mãe -Angélica: *é porque as pessoas não agem com naturalidade e nem discrição. Porque no shopping mesmo, as pessoas falam “doido” , não sei o que. E assim, muitas vezes eu não vou atrás pra falar o realmente é ou então eu não vou correr atrás de uma coisa que aconteceu, não por conta daquela pessoa, porque ela merecia receber um processo, mas por conta dele, porque ele não merece que eu vá brigar, que eu vá ficar brigando por causa destas coisas, entendeu? Mas as vezes tem gente que merece sim.. já aconteceu no posto ali, já aconteceu no shopping, tanto no Plano como aqui no Alameda, no Alameda faz pouco tempo que aconteceu. As pessoas discriminam, entendeu. Eu por exemplo sempre fui assim, ainda mais agora se eu não entendo se eu não compreendo, eu não posso expressar minha opinião. Se eu vejo alguém quebrando a cabeça, eu fico apavorada não assim, apavorada pela dor pelo negócio, quero ajudar. As pessoas não “ah que não tem que estar aqui, que aqui não é o lugar, se é assim”, entendeu. Mas aí eu penso o seguinte, quem tem que estar em casa é ela, ela que tem ficar em casa..eu falo as pessoas ou homem ou mulher*

Ana Ester: Uma coisa assim é.. que nós temos que pensar muito bem antes de falar.

Mãe -Angélica: *Mas eu sou bem insistente, eu não estou nem aí..*

Ana Ester: Que bom..

Mãe -Angélica: Ah, você não quer estar aqui não, então é problema seu..

Ana Ester: Que bom é questão de não desistir nunca..

Mãe -Angélica: É e assim, essa minha amiga Vera ela me deu assim.. ela... eu já tinha isso dentro de mim e ela me ajudou muito também nisto, porque ela também é igual a mim. Nós duas fica quietinha no shopping, porque os meninos ficam correndo e a gente: “fulano, vem” com toda paciência. Foi até engraçado, teve um dia que o guarda do outro andar, chegou assim e falou pra mim: “Ei é você que é mãe daqueles meninos?” eu falei : “deve ser, porque?(guarda): “Porque eles já saíram da escada , tão lá...” (mãe): Ah, é mesmo!! A meu Deus, é porque a gente falou pra eles pra não mudar de andar..” aí eu fui: “Meu filho, vem cá, , você pode sumir da mamãe, é perigoso..” ele não estava falando nada demais..

Ana Ester: É uma criança..

Mãe -Angélica: Então assim, as pessoas qlue incomodam querem que as crianças sejam robôs e as crianças nunca foram robô, ainda mais.. cê sabe.. autista tem muito mais energia que o normal, o asperg também. Então assim, ele tem mais é que correr, quebrou alguma coisa, não. Não quebrou, não bateu em ninguém... qual o problema?

Ana Ester: Insista, né, continua insistindo..

Mãe -Angélica: E você pensa que eu vou embora.. eu não , eu vou ficar lá..

Ana Ester: Mas você está certa..porque é um espaço dele também..as pessoas tem que começar a compreender, a conviver..

Mãe -Angélica: (Início áudio ruim).. que acontece alguma coisa, cê acha que eu vou brigar com meu filho? No começo, eu brigava com ele não porque eu queria brigar, mas porque as pessoas me faziam brigar com ele, aquilo ali doía o meu coração, agora... eu já cheguei numa maturidade quem quiser brigar que vá brigar com seu filho, se está achando que ele não tem educação, vá dar educação pra seu filho, deixa que eu dou pro meu.

Ana Ester: Mas também, não é uma questão de educação, de falta de educação.

Mãe -Angélica: Mas é porque eles falam que é .. que eu sou uma mãe que não sei disciplinar meu filho, porque isso os pasi do CEI 04 me falavam.. eles eram tão, tão assim..(áudio ruim)..você agride o professor, agride a criança e agride a mãe. Chegar pra um pai e falar assim, que as babás, professoras são babás,que as babás.. tem crianças que precisam de babás mesmo porque não tem corretivo em casa, pegasse um cipó resolvia o problema. Uma pessoa desta você acha que merece um retorno? Não, eu não, eu fiquei..

Ana Ester: Disciplina não se restringe a bater, não é mesmo..

Mãe -Angélica: E assim, eu olhei pra ela falei assim: “ coitada é pobre de espírito” . Primeiro que tirou toda a profissão da professora , e com.. mas irresponsável eu fui desde o começo, não é ?

Ana Ester: é mesmo, você contou, e na história você foi bem criticada, hein Leila.

Mãe -Angélica: Não.. nossa demais, e assim eu fui muito acusada sim, de tudo , de tudo tanto da parte de restrição, quanto..

Ana Ester: E hoje?

Mãe -Angélica: Não, hoje ainda tem gente que fala.

Ana Ester: A questão da restrição alimentar você falou que... da questão da restrição..

Mãe -Angélica: Eu que sofri, sempre eu que era fresca, sempre eu era cuidadosa demais, que não sei o que.. que o menino não comia isso porque eu não dava, e não sei o que, não sei o que..é difícil, o até..eu penei porque eu achei que o Elias estava com o olho vermelho quando recebi o diagnóstico dele , faz pouco tempo.. intolerância Múltipla alimentar

Ana Ester: Então tem toda uma dieta. ..

Mãe -Angélica: é uma doença raríssima,

Ana Ester: é uma dieta totalmente equilibrada..

Mãe -Angélica: totalmente montada, tem horário de comer, o que comer, a quantidade de comer

Ana Ester: E a escola..sempre que você chega na escola, a escola sabe disto em toda a escola que você fala..

Mãe -Angélica: é levo uma lista,pra(áudio ruim) e uma lista de remédios. Então assim a gente procura fazer assim, fazer com que o Elias se sinta bem, entendeu. Agora já até.. a gente manda tudo, mas se vai ter uma festa, nós vamos fazer a festa do Elias, o bolo é de marshmellow, que minha irmã faz, que é uma delícia que todo mundo pode comer deste bolo, entendeu.

Ana Ester: Inclusive ele.

Mãe -Angélica: É, aí teve uma festa do coleguinha dele, tem que mandar bolo e tem que mandar uma coisa salgada , aí vai um bolinho pequenininho de banana recheado com a calda de maracujá, aí eu faço aqui um pão com recheio, mas eu não mando um pedaço para o Elias, eu mando quase sempre a mais para os colegas , também para eles verem..E assim, tudo a gente pensa assim, ele só pode comer um tipo de balinha, que agora até eu que faço a balinha, que antigamente, ela tinha pra comprar, agora não tem , eu compro o doce enrolo, claro que ele não vê ,né. E a balinha dele fica mais bonita do que a balinha normal, né, diga-se de passagem. Então assim tudo a gente fabrica, assim, no aniversário dele ninguém passa fome.

Ana Ester: Queria saber com você a questão da relação da escola com este programa,queria que você falasse um pouquinho a relação da escola com o programa tem uma relação os dois?

Qual o benefício que traz à aprendizagem do seu filho esta relação paralela, da escola regular e do programa de atendimento complementar qual é essa relação.

Mãe -Angélica: *Tem tudo a ver. Primeiro a questão de comportamento, quando a criança faz uma piscina ela volta ela chega no outro dia ela fica super-animada, entendeu. Tá mais doce, tá mais calmo, porque a água faz isto, exercício no geral faz isto, aí já começa uma relação, uma relação bem íntima. Outra coisa a jardinagem de tudo eles trabalham, direita/esquerda, levantar.. tudo,né. Então tudo isto faz parte do aluno, se você está fazendo um exercício quem sabe se aquilo ali não vai ajudar a escrever, a pegar num lápis, não é? Através das escolhas, expressão corporal e tudo mais. Na jardinagem eles trabalham: vazio/cheio, tudo isto é trabalhado, tudo que a gente trabalha na escola, de modo geral, vai também influenciar no complementar. Também é trabalhado na argila,a cola.. “Ah Elias , vamos fazer uma letrinha?” aí ele vai lá faz uma letrinha. Igual a Sandra, trabalhou muito o ano com a letra dele. E até o Elias fez um desenho da piscina do especial, ele de sunga e a Vivi de sunquíni igual ela fica. Então assim tudo é interligado, né. Então assim tem tudo, tem tudo a ver, tem tudo a ver com a terapia que ele faz também. Então tá tudo complementado.*

Ana Ester: tudo interligado

Mãe -Angélica: *Isso é bom pra família, é ótimo.*

Ana Ester: Se pudesse traçar: qual o melhor benefício? De tudo isso qual o melhor benefício pra o Elias?

Mãe -Angélica: *Do Complementar?*

Ana Ester: isso

Mãe -Angélica: *Eu acho assim que tudo é muito bom, eu acho que o lado social cresceu porque a gente convivia muito com pessoas que se dizem normais, lá não, lá a gente convive com pessoas que tem algum tipo de deficiência e mesmo assim eu converso com todos os meninos..*

Ana Ester: Então o maior benefício que você estava falando?

Mãe -Angélica: *Eu acho assim o lado social, eu acho que tem vários benefícios, eu acho que não dá assim, pra dizer que melhorou nisto, nisso foi maior, não eu acho que ali foi um complemento mesmo, trabalha-se muitas coisas, o lado social que era uma coisa.. era uma coisa que a gente deu e que a gente recebeu também, a gente deu porque a gente fica ali com os meninos trata os meninos bem e eles tratam a gente bem, são carinhosos com a gente.eu gosto de ficar no recreio com os meninos, você deve ver.*

Ana Ester: Eu vi, eu vi, diversas vezes..

Mãe -Angélica: *O Elias está bem, eles estão se sentindo bem, então é uma troca mesmo. Com as professoras não tem assim dificuldades. E assim este lado de.. vamos dizer didático.. vezes, soma.. primeira vez que eu vi a Elcimar lá..primeiro que o Elias só queria andar no*

carrinho, e eu dando força, porque quando eu ia pra chácara, eu empurrava ele dentro dum carrinho e a gente dá a maior força, quando vê um carrinho vai empurrando ele. Agora não ele é o motorista de um carrinho. Então ele tem que saber onde é esquerda onde é direita, tem que saber dar ré, tem que saber que não pode bater o carrinho em ninguém e ao mesmo tempo olhando pra frente, mas tem que tá empurrando..

Ana Ester: Tem que estar guiando o carrinho direitinho..

Mãe -Angélica: *Então tem todo.. aí trabalha-se vários conceitos, equilíbrio e tudo até mesmo pra quando ele for motorista ele já..(áudio ruim)*

Ana Ester: Estamos entrando, assim, em 2011..

Mãe -Angélica: *E também tem a parte da nataçãõ que eu também acho que ajuda no equilíbrio mental, psíquico. A argila, argila também ajuda, você está amassando ali..eu gosto destas coisas assim, não tem coisa melhor do que você trabalhar essa parte dá uma paz, assim todos os elementos da natureza te dá uma paz isso está trabalhando praticamente tudo ..é água , a água , terra, ar, não é assim...*

Ana Ester: Tudo .. está bem em contato com ele..

Mãe -Angélica: *Então assim, tudo isso é um benefício.*

Ana Ester: e diz uma coisa, assim, você olha o atendimento , o atendimento finalizou agora o que você espera pra 2011, como você espera que melhore, tem alguma coisa pra melhorar, aprimorar, o que você poderia falar: “Ah, tem que melhorar isso, e tal”. O que você acha?

Mãe -Angélica: *Assim a nossa perspectiva para o ano, com relação à escola não só a escola complementar como a escola regular dele é que ele seja alfabetizado, e a terapia dele vai trabalhar em cima disto..*

Ana Ester: Você espera que o complementar...

Mãe -Angélica: *Também, assim, porque eu acho que todo mundo tem que falar a mesma língua, com certeza elas fazem parte deste processo. De uma forma diferente que ele nem se toca que está fazendo, entendeu. Então assim, tudo isto eu acho assim nós alcançamos um nível bem bom, de.. do social do Elias, não vamos dizer que é 100%, mas também ninguém é 100%. E ele tá .. assim.. não é normal tá exigindo demais, né. Assim também é a personalidade dele ..(áudio ruim).. ele não gosta de dançar e eu gosto, ele não gosta mesmo . E assim o lado social dele foi muito bem trabalhado, está sendo muito bem trabalhado. Agora a psicóloga já avisou que o ano que vem, vai pegar firme nesta coisa de alfabetização as professoras também. E eu como família já comecei a pegar no pé dele. Claro que eu não vou ficar cobrando, se ele tiver que escrever num cartão de natal ou de aniversário, ele vai ter que escrever bonito, tá entendendo.. Então assim, já começou , né. Então tudo.. assim a gente vai tentar ajudar ele neste processo..*

Ana Ester: Todos caminhando juntos, dentro daquele momento , certo?

Mãe -Angélica: *É família.. nada assim.. eu como família tenho que tomar muito cuidado porque eu sou uma pessoa assim, como eu te falei eu quero, se eu assumo uma coisa, pronto e acabou.. o mundo cai mais eu estou fazendo, tem que ser feito..*

Ana Ester: Eu to ali, né..

Mãe -Angélica: *é eu to morrendo de cansada mas eu não descanso. Então assim, eu tenho que tomar muito cuidado com isso, porque sempre.. (áudio ruim).. eu tenho que ser a mãe. Aí eu tento ser a mãe, aí de vez em quando a Cíntia me dá um puxão de orelha,então...*

Ana Ester: Cada um na sua função cada um..

Mãe -Angélica: *é mas ao mesmo tempo que cada um na sua função mas todo mundo junto.*

Ana Ester: Isto que eu acho muito legal, todo mundo em prol sabe.. da necessidade do Elias,e é isso que eu acho que falta na inclusão é em prol da necessidade do aluno.

Mãe -Angélica: *Eu falo assim, que as professoras dele, sempre... que a Sara era muito boa, aí veio a Clair que não entendia mas, também foi muito boa. Então praticamente, todas as professoras.. Quando pegou a Sheila então, Sheila com Dilma , mãezona. Aí saiu da sua mãezona e foi pra outra mãezona a Carla agora está com duas mãezonas. Aí também teve a Ivanilse, também amiga da família, então a gente vai passando, a gente não vai passando pelos profissionais, os profissionais ficam envolvidos com a gente de uma certa forma, por um certo tempo, mais sempre tem um envolvimento e as professoras meio que viram mãezona dele . A Lourdinha então nem se fala, né. A Lourdinha sempre foi doida com o Elias, continua doida com o Elias e a Carla também.*

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA DO PROGRAMA DE ATENDIMENTO
ESPECIALIZADO COMPLEMENTAR**

Entrevistadora: Ana Ester (professora-pesquisadora)

Entrevistada: Professora Dalva – regente no atendimento complementar argila

Ana Ester: Estou com a professora Sandra Freire para realizar uma entrevista sobre o Programa de Atendimento Especializado Complementar. A professora Sandra Freire ela é professora de argila, no atendimento complementar, e vamos proceder agora a apresentação da professora.

Profª Dalva: Sou a professora Sandra Gonçalves Freire, estou na Secretaria de Educação à 14 anos e de acordo com o roteiro estou a 2 anos no atendimento complementar. O atendimento complementar foi a convite da professora..ai agora deu branco.. a Jandra ..a Jandra estava chegando, estava chegando no Núcleo de Monitoramento Pedagógico, para o Ensino Especial, ela estava vindo da sede, trabalhava com a professora Giselda, e o Centro já deveria ter o atendimento complementar em 2008 que não aconteceu por ene's razões. Ai ela me convidou disse que era rápido, que eu precisava de um projeto interessante para o atendimento complementar e foi assim que começou.

Ana Ester: Então foi em 2008..

Profª Dalva: Isso no início de 2008. Eu fiz um projeto para o atendimento complementar argila ela gostou, e aí a gente começou a trabalhar. O atendimento complementar argila, em 2008, começou com 13 alunos e foi muito interessante em 2008 porque todos os meses nós recebemos aluno. Terminamos..nosso último aluno de 2008 chegou em 12 de outubro..11 de outubro véspera de feriado, e a gente não acreditava que àquela altura do ano a gente teria aluno matriculado, e foi um ano muito interessante, o índice de evasão foi muito mínimo a gente tem estatísticas. Eram dois.. como o atendimento é 20/20 isto significa que a gente atende 20h no matutino e 20h no vespertino é uma imposição da Secretaria de Educação..eu particularmente discordo..

Ana Ester: Você acha que poderia ser como?

Profª Dalva: Eu acredito que poderia fazer parte do mesmo esquema do Centro mesmo porque a gente tem muito que planejar, a gente não tem tempo pra planejamento individual, a gente não tem tempo pra encontrar com o professor do regular, a gente fica muito que sozinho no atendimento complementar

Ana Ester: Você acha que este encontro com o professor do regular é importante..

Profª Dalva: Importantíssimo!!

Ana Ester: E porque ele é importante?

Profª Dalva: Por que ele é importante..pra mim saber o que eu preciso trabalhar com este aluno. A gente tentou via agenda, mandava recadinho, eu até xerocopiei, depois eu posso te passar alguns retornos..pra saber.. eu vou trabalhar o que com aluno, eu fiz um planejamento muito fundamentada

na narração dos pais, na narrativa que eles me traziam da escola. Eu tive uma única professora que veio me conhecer, uma única, eu atendia quarenta. Este ano de 2009...

Ana Ester: Este ano são quantos alunos?

Profª Dalva: Este ano começamos com 77 alunos, este ano particularmente teve uma evasão grande. No início do ano...

Ana Ester: Mas..você sabe por que desta evasão?

Profª Dalva: Sei. No início do ano houve uma reunião e a Gerência Regional de Ensino, fez uma modulação muito específica pro atendimento complementar, que o atendimento complementar deveria ir muito de acordo com o perfil de cada aluno, e quando a gente colocou isto para os pais, muitos não gostaram porque eles já haviam feito a matrícula, o menino já estava sendo atendido. Um exemplo disso é em relação à educação física, a criança que não tinha nenhuma necessidade de ordem física, mas se o pai optou pelo atendimento de educação física, bem como a informática, isso é muito cultural, porque acha que a educação física na piscina é pra aprender a nadar e aula com computador pra aprender informática..não é por aí.. ele pode trabalhar ene's habilidades de ordem motora, de ordem de comportamento, aprender comandos na educação física e eles fazem isto porque tem a resposta da piscina e o mesmo acontece no laboratório de informática porque a criança vai aprender a arrastar um mouse, concentração visual, tem ene's programas que são desenvolvidos, mas o pai acha que ele vai operar o computador, que ele vai tornar-se alguém habilitado na área de informática. Então quando foi passado pra os pais qual era o perfil do atendimento, qual era a proposta muitos pais desistiram do atendimento.

Ana Ester: Deixa eu compreender, quando eles matricularam..

Profª Dalva: E optaram pelo atendimento, no ato da matrícula eles podiam fazer 3 opções. E aí quando teve a reunião com a Regional, já era final de março início de abril, tem um documento que mostra, eles disseram: “não, não é isso”...

Ana Ester: Isto em que ano?

Profª Dalva: 2010. E aí a gente perdeu muito aluno, eu perdi... no diário..eu perdi 17 alunos, então o isto foi atípico este ano..mas a gente teve uma boa procura e reiterando a necessidade de estar com estes professores do ensino regular. “O que eu posso fazer por este aluno? Qual e a linha pedagógica da minha ação na argila?” trabalhei coordenação motora, trabalhei seriação, eu trabalhei prenome, eu trabalhei quantificação, trabalhei dezena.. isso sim porque o aluno chegava e eu perguntava: “Como está na escola, o que você fez?” Às vezes a mãe trazia pra mim: “Olha ele hoje começou dezena, professora falou que é dezena”. E assim, muitos alunos são fantásticos, fantásticos. Eu tenho assim, trabalhos que a gente fez um registro sistemático...

Ana Ester: Como assim “fantásticos”, fantásticos em que sentido?

Profª Dalva: Em que sentido que ele chega.. “O que você viu na escola hoje? Ah tia a gente viu sistema solar hoje”. Aí você pode trabalhar sistema solar em argila. O que você viu na escola?..

Ana Ester: Especificamente a nível de comunicação?

Prof.ª Sandra: Exatamente. Esta comunicação facilitando o que a gente chama de uma interdisciplinaridade. Eu tenho, por exemplo, o Maxuel, um aluno de 4ª série, fantástico ele não tem

limitação cognitiva, a limitação dele é visual, ele é um DV de moderado à severo, seqüela de rubéola congênita, mas é um aluno que fez toda a aula dele, todos os assuntos em argila: corpo humano, sistema respiratório, sistema nervoso central, aula de ciências, flores, caule.. tudo ele reproduzia em argila. Então assim, era um aluno que te dava uma resposta fantástica porque se eu disser pra você que ter que ficar com um aluno que não dá resposta é satisfatório, também não é não, porque a gente tem carência disto, a gente quer retorno. Agora tem aquele que demora, enrola argila, ele não sabe arrastar, põe a argila na boca, aí este é um aluno que precisa estar no corpo à corpo mesmo.

Ana Ester: Agora me diz uma coisa Sandra, você disse que está há 2 anos no atendimento complementar. E diga uma coisa, durante estes 2 anos o que foi oferecido para os professores do atendimento complementar, como assim, cursos de formação continuada...

Profª Dalva: *Não tivemos absolutamente nada.*

Ana Ester: E o que você acha desta questão.

Profª Dalva: *Eh.. primeiro não foi oferecido nada , nada, nada. . nenhum único curso, em 2010 nós tivemos um único encontro com a Regional de Ensino no início do ano, passamos o resto do ano aqui na escola carentes disto desta troca..*

Ana Ester: Assim a nível de importância de ter cursos..

Profª Dalva: *A importância..é assim que eu acredito e endosso as chamadas políticas flutuantes. O Projeto de Atendimento Especializado Complementar, que é o nome que tem no documento, ele começou efetivamente em 2008, o Centro só implantou em 2009, o primeiro ano. Agora “o que acontece” , a nível burocrático ele é idealizado por uma equipe que vive muito distante da realidade do cotidiano Ensino Especial, é alguém que não entra na sala de aula, é alguém que não mantém contato com a mãe, é alguém que não mantém contato com o professor do Ensino Regular. E o que a gente vê isso no finalmente, eh.. o fracasso do aluno, porque a gente sabe que existe uma excelente rede de apoio no ensino especial, o problema é que esta rede não funciona como deveria*

Ana Ester: Ok, então você está me falando que esta rede precisa ser..

Profª Dalva:*Interligada, é como você imaginar uma excelente corrente do mais puro aço só que os elos soltos não faz sentido na vida do aluno. Nós temos excelentes profissionais em todas as áreas.. na área de educação física, na área de artes,na área pedagógica, na área administrativa, até a nível de Regional de Ensino tem muitas pessoas interessantes lá, só porque a gente fica em núcleo, fechados em nosso mundo. Se a gente somar força o resultado pra o aluno é muito diferente é disso que eles precisam, e isso não acontece, não acontece por ene's razões. Não acontece por falta de planejamento, que é que eu vejo que é um fator que fada qualquer programa, qualquer atendimento ao insucesso, que se não planeja como é que dá certo, ou como é que eu arrisco, como eu improviso, e se num encontro como eu troco idéia, como é que eu sei que está dando certo ou como é que está dando errado. É a mesma coisa que.. eh.. feito a proposta começou. Mas tudo que nós fizemos no atendimento complementar no ensino especial, foi trocando informações entre nós. Não que eu ache que isto é pouco, não..*

Ana Ester: Entre nós onde?

Profª Dalva: *Entre nós 5 que fazemos os atendimentos aqui no Centro. E assim o que a gente buscou, é .. contatando outros Centros, houve um único encontro, quem participou dele foi nossa coordenadora com os professores e coordenadores dos outros Centros de Ensino..*

Ana Ester: Então vocês não foram.

Profª Dalva: Não, mas a queixa é a mesma, “ nós estávamos soltos”, todos os Centros eles também não tiveram apoio, você pode buscar isso conversando com a Sidnéia(Coordenadora do Programa no CEE), que ela vai te contar disto, os outros foram tratados como nós. É um programa que começou, aconteceu, não foi ruim porque a gente teve muita resposta positiva dos pais e dos alunos, mas a nível de administração, a nível de Regional de Ensino, a nível de Diretoria Regional de Ensino, nós não tivemos apoio nenhum. Formação continuada é importante, é claro que é importante. A educação está mudando, e precisa mudar, porque do jeito que ela está encaixotada há séculos, com cheirinho de mofo, ela não funciona a gente precisa de ver o que descobriu.. meu aluno não fala, meu aluno não escreve, isto não significa quer ele não aprende, ele aprende! Ele não é oralizado, mas ele tem um potencial cognitivo ali que pode.. a gente tem ene's respostas disto na argila, um aluno, o Marcus Vinícius, não é legal falar nomes, mas qualquer coisa você tira o nome.

Ana Ester: Não, ok.

Profª Dalva: Marcus Vinícius foi atropelado, é um aluno que tem um quadro de hiperatividade com TGD. O Marcus Vinícius é oralizado, mas não estabelece diálogo convencional, Marcus Vinícius retratou na argila o atropelamento dele. Desde o os hematomas da cabeça até o braço quebrado. isso não é uma resposta? Isso não é.. ele não está retratando ali..para um menino que não estabelece vínculo convencional de comunicação.. isso não foi uma resposta fantástica?

Ana Ester: Neste sentido seria uma estratégia, uma possibilidade de comunicação?

Profª Dalva: Claro! E outros alunos aqueles mais introvertidos..isso aí eu tinha muita vontade de ter um contato com o professor do regular nesta hora, quando diz que o aluno não aprende e ele escreve na argila, ele retrata, alunos que fizeram eh... uma aluna interessantíssima.. o problema é a mania de narrar nomes..ele tava trabalhando história..

Ana Ester: Não se preocupe, a gente vai ocultar os nomes..

Profª Dalva:..e ele retratou o período jurássico na argila, os dinossauros, rochas magmáticas, tudo o menino retratou. E como é que eu vou falar para professora dele?.. “Olha, na verdade, seu aluno está me dando uma aula de história, que conteúdo este menino absorveu!!”

Ana Ester: Pois é.. esta questão.. o programa.. qual é a importância dele para o processo inclusivo?

Profª Dalva: O programa para o processo inclusivo é excelente, só não pode ficar do jeito que está porque ele está por um fio..

Ana Ester: No sentido de beneficiar o aluno?

Profª Dalva: No sentido de beneficiar o aluno, é claro, porque quando o aluno tem mais de uma alternativa para expressar, para criar ele não fica preso ao lápis e papel, que é uma tradição nossa é cultura.. se um aluno não tirar uma média quantitativa na prova a gente ainda trabalha com a média 5, se ele não fizer o dever da página 23 como tem que ser, ele não tem média, ele é um aluno abaixo da média raros são os professores que nós temos que são para avaliar o aluno de outra forma e na argila, na grama.. quando meu aluno vai para sala de jardinagem - você vai conversar com nossas colegas - que ele identifica cor, triângulo, retângulo, quadrado, fino, grosso, grande, comprido.. que ele faz uma seriação que na escola ele não responde com material convencional.. não é uma

excelente adequação curricular? Ele não está expressando? Ele não está demonstrando aquisição? E aí a gente vai na contramão ga tradição.

Ana Ester: e aí deixa eu te falar uma coisa, você falou sobre atendimentos, quantos atendimentos hoje vocês têm aqui na escola?

Profª Dalva: *hoje nós temos 5 atendimentos: argila, artes, informática, educação física..ih tá faltando um..vamos de novo: argila, artes com a Mônica, Elcimar(jardinagem), Lillian(informática) e Viviane Educação Física, 5 atendimentos.*

Ana Ester: aí deixa eu te falar uma coisa, como é feita, no ato da matrícula, as escolhas destes atendimentos, é o pai.. como que é.

Profª Dalva: *Até o início de 2009, no ato da matrícula, dizia para os pais dos 5 atendimentos e o pai opta por 3, por que por 3? Porque senão a grade horária não comporta a rotatividade porque nós somos 20/20, a rotatividade de no mínimo estabelecida na estratégia de matrícula.*

Profª Dalva: Então quantos alunos atendidos por turno no caso..

Profª Dalva: *Depende, porque tem aluno que a gente atendeu em trio, em dupla, a gente atendeu individual.*

Ana Ester: Mas existe um máximo de alunos?

Profª Dalva: *Existe. A estratégia de matrícula para 2010 60 por turno..*

Ana Ester: No mínimo?

Profª Dalva: *No mínimo 30, no máximo 60 por turno, a gente não chegou ao máximo, a gente trabalhou, principalmente, no turno matutino que a demanda é menor a gente trbalhou dentro.. abaixo da média.*

Ana Ester: Matutino é menor.

Profª Dalva: *É, a procura no vespertino é bem maior.*

Ana Ester: e a questão da procura como foi feita esta divulgação?

Profª Dalva: *Ah sim!! Esta é outra dificuldade porque a gente ficou a mercê da Regional, que fez este trabalho junto às escolas, e muitas escolas afirmaram não saber da existência do complementar, porque outras mães chegavam aqui por causa do boca a boca das mães. Aí a gente..”Você é de qual escola, não foi a mãe do fulano que disse, foi a mãe do Mateus.” Aí você tá qual é sua escola..então quando a gente cobrou isto, de outras escolas elas disseram não saber de nada.*

Ana Ester: Então a responsabilidade da divulgação é da Regional divulgar.

Profª Dalva: *É da Regional. A Regional afirmou que foram feitos alguns documentos, entregues às direções, mas a gente não sabe como as direções fizeram esta divulgação junto ao corpo docente. E o que é principal, independente de divulgar e falar é falar o que é o atendimento e qual o benefício deste atendimento para o aluno, porque eu posso chegar para você e dizer: “Olha Ester lá no Ensino Especial está acontecendo o atendimento complementar em horário contrário para o ensino especial”. Agora se você não souber que atendimento é este, qual é o significado dele(pausa*

problemas técnicos)cont. nós falávamos que além de divulgar para o professor do ensino regular o que é o atendimento complementar, esse professor precisa entender o que é isso, ele precisa acompanhar o aluno dele até aqui, que ele venha sem o aluno, mas que ele tenha noção do que é feito , como é feito, porque é feito, porque esta parceria, olha não é fácil.

Ana Ester: Isto não só para o professor do Regular, mas para todos, todos os professores.

Profª Dalva: *para todos, nós somos um sistema único,o problema é que um sistema único com muitas gavetas e muitos não saem das suas gavetas, entendeu. “Eu sou professora de uma classe especial que não tem nenhum aluno no complementar, eu não sei o que é feito no complementar , e o que é..como a gente ouve no popular: Não quero saber e tenho raiva de quem sabe.” Tem, a gente tem colegas assim. Agora quando a gente tem estas trocas é muito legal são as trocas que solidificam nosso trabalho.*

Ana Ester: E deixa eu te falar uma coisa, eu queria enfatizar mais a questão do Elias.. não se preocupe com a questão do nome, nós vamos resguardando de acordo com o documento.. a questão do Elias..

Profª Dalva: *O Elias é um aluno com Transtorno Geral de desenvolvimento. O Elias tem uma figura materna que faz toda a diferença na vida da gente, porque a gente vê pessoa da Leila, mãe do Elias, aquela mãe que senta, que conta pra gente da vida do Elias, que traz a vida da escola comum pra nós, e eu acredito também que ela leva a nossa também para a escola comum. Então se a gente tivesse, assim, um percentual de 60% de mães com o mesmo comportamento, a gente teria outros resultados igualmente positivos. O Elias além de ter transtorno geral do desenvolvimento ele tem uma restrição alimentar, gravíssima, não é fácil lidar com isso, ela traz o lanche dele e ele tem um relógio biológico fantástico. Ele sabe a hora do lanche e o que acontece.. demorou uns dois meses, três meses pra gente ter o Elias pronto pra argila, porque ele chega pra mim no 2º horário, justamente no horário do lanche. Quando ele ouvia o barulho do carrinho do lanche ou ele sentia o cheiro do lanche, porque a porta da cozinha em frente, em frente, em frente a porta da argila, ele tinha um comportamento desesperado porque ele não pode com nada. Até o abrir da latinha de coca-cola ele identifica. Aí a gente teve que traçar uma rotina, de adaptação, de fechar a porta 5 minutos antes, de colocar o lanche dele sobre a mesa, de preparar o Elias para o lanche. A questão era tão séria, tão séria que.. eu trabalho com uma mesa, literalmente, de pedra e ele fica nervoso e ele bate com a cabeça não só aqui, as em todos os lugares. Ele deve ter assim na testinha dele umas 15 marcas de ponte, de pontilhados, porque ele bate a cabeça abre tem que pontilhar. Então ele batia a cabeça, e isso no início me deixava desesperada. Até que de tanto eu repetir: “Elias a mesa é de pedra” em tão ele já sabia e ele dizia pra ele: “ Elias a mesa é de pedra” ele parou de bater a cabeça na mesa de pedra. Então quando a gente se organizou com o Elias foi que a gente teve um trabalho, literalmente, voltado para a argila.*

Ana Ester: Aí você começou...

Profª Dalva: *a trabalhar argila, contar, ele já identifica o prenome, ele identifica todo o alfabeto.*

Ana Ester: Você trabalhou essa... então exatamente o que você trabalha com argila,com Elias.

Profª Dalva: *Com argila.. a gente trabalhou começou mesmo do básico. Rolar na mãozinha , enrolar, amassar, porque ele não aceitava, ele gritava e jogava a argila. Aí a gente começou a rolar a argila, enrolar, amassar, arrastar, puxar. Eu colocava a argila na mãozinha e falava pra ele se era quente, se era frio, se era macio. Quando a argila tava mais dura a gente colocava água. No cotovelo, “tá quente, tá frio atrás da orelhinha, no pescoço, no pé, até que o Elias identificou a argila como um*

recurso amigável, como um recurso pra ele, pra aula. Ai a gente começou o nome dele, foi assim umas duas ou três semanas só com a letrinha “E”, só que ele identifica todas as letras.

Ana Ester: Quantas vezes ele é atendido na semana.

Profª Dalva: O Elias é atendido às segundas-feira no período vespertino. O primeiro atendimento dele é na jardinagem, aí depois ele vai para a argila e depois pra piscina. Na verdade, a grande paixão dele é a piscina, e depois assim é até interessante você conversar com a Vivi (professora de educação física), porque ele vai muito bem na piscina, ele faz lá coisas que os outros não conseguem, ele tem uma autonomia boa na piscina. Agora o que acontece, eu tive boas, bons resultados com o Elias, a gente conseguiu, digamos assim de 1 a 10 eu diria um 8 com o Elias. Ele é uma criança que está pronta pra alfabetização, precisa trabalhar o comportamento, ele precisa de reforços positivos.

Ana Ester: Você falou que ele está preparado para alfabetização, este foi um aspecto que te levou a direcionar o seu planejamento com ele, porque você falou que ele começou do básico rolando, reconhece letras, não é?

Profª Dalva: É. ele identifica o prenome, e ele identifica todas as letras do alfabeto, e ele já identifica sozinho números de 1 a 6. Então ele demonstra um cognitivo acadêmico razoável, pra pré-alfabetização ele está dentro de toda aquela trajetória que a gente já conhece. Agora é interessante reforços permanentes, material diversificado, alternativo, que reforcem positivamente o que o Elias precisa. E assim as parcerias, eu acredito que as parcerias fazem diferença pra e pra todo aluno especial.

Ana Ester: a questão dos 3 atendimentos que ele tem..

Profª Dalva: foi opção da mãe. Ela optou por jardinagem, argila e piscina. Também na época que ela veio não tinha mais vaga na informática ela é uma das últimas mães a fazer matrícula. Para o ano que vem a gente já cogitou a possibilidade de atender algumas crianças mais de uma vez na semana para o caso dos alunos que estiverem em processo de alfabetização, pra gente tá fazendo este reforço positivo no atendimento complementar. E assim se ele vem na segunda pra 3 se ele voltar na quinta não será os mesmos 3, pra abrir um leque maior que possa contribuir com o aluno. E é esta a nossa proposta.

Ana Ester: E esta questão do atendimento complementar ser escolhido pelo pai, ele leva em consideração..você acredita que quando ele escolhe ele está levando em consideração a habilidade do filho?

Profª Dalva: Não, não está. Este é um dos critérios que a gente já discutiu para o ano que vem. A gente vai fazer o que a gente chamou de sondagem e a gente vai trazer à criança duas ou três vezes pra aula, ele vai estar matriculado, mas ele vai passar por nós cinco, e a gente vai ver: “qual é o perfil dele? Faz sentido?” Ele é um aluno que tem contato visual, coordenação motora pronta, ele não precisa determinar estímulos. Então se ele vai tirar a vaga de um coleguinha que precisa então a gente vai chamar o pai: “Paizinho, o seu filho faz isso e isso a atividade proposta foi esta, o resultado foi este, então a gente sugere este atendimento” pra evitar o que aconteceu no início deste ano..

Ana Ester: O que foi?

Profª Dalva: Lembra.. quando o aluno já estava matriculado a gente viu que o atendimento não era pra ele. A gente teve uma mãe que trouxe o filho só educação física, só pra piscina, porque ela dizia:

“Ele veio só pra recrear”. O objetivo não é esse, a gente quer um objetivo pedagógico que faça sentido na vida do aluno e na vida da escola regular, então a gente precisa explicar isso pra o pai.

Ana Ester: E vocês tiveram estes momentos com o pai de poder explicar

Profª Dalva: *Não. Este momento aconteceu depois daquela reunião que teve em abril com a Divisão de Ensino Especial, na época era gerência que vive mudando de nome, e aí pediram pra não fazer assim, aí a gente chamou os pais pra uma reunião e muitos pais ficaram chateados quando a gente expôs o motivo, lembra que eu te disse que o pai acha que o menino vai pra piscina pra aprender a nadar ele não sabe que controle de respiração é importante, ele deixa que o menino vai pra o laboratório de informática pra o menino operar o computador ele não tem noção de que estabelecer contato visual, permanecer sentado 15 minutos, arrastar um mouse, só dele saber onde vai colocar o cursor “Meu Deus” aquilo é muito complexo pro universo do menino.*

Ana Ester: E me diz uma coisa, quantos momentos vocês tiveram com os pais, anual.

Profª Dalva: *Todos os dias..não você fala reuniões..bimestrais, foram reuniões bimestrais com todos juntos. Agora nossos pais são muito presentes, normalmente eles nos entregam, e alguns casos recebem os alunos com a gente, entendeu? Se eu sou o último atendimento com o Elias, a mãe do Elias vai pegar o Elias comigo.. agora com ela não, ela é uma mãe muito presente, com todos os professores ela conversa, avisa quando o menino não está bem, o dia que ele está com o intestino diferente, ela avisa. O dia que ele está com leite novo ela avisa. Ela é uma mãe que faz a diferença.*

Ana Ester: Então reunião com a Leila é todo dia.

Profª Dalva: *Reunião com a Leila é todo segundo, é muito legal. Mas os outros pais também são muito presentes, a gente tem poucos pais ausentes, que deixa o menino na porta da escola e não entra são poucos. A maioria deixa o aluno conosco e pega com a gente, então fala, conta. Isto foi nosso principal mecanismo junto à escola foram os pais.*

Ana Ester: Então só pra gente finalizar, foi realmente muito completo, foi maravilhoso, informações maravilhosas, fantásticas, coisas que eu não sabia, realmente.

Profª Dalva: *Agora eu sugiro que você fale com minhas colegas, pra ver se a gente comunga das mesmas idéias.*

Ana Ester: Precisa, não é. A Viviane (educação Física) e Elcimar (jardinagem). Vou conversar mesmo que informalmente, é muito importante a gente estar conhecendo.

Profª Dalva: *Você já falou com a Sidi (Coordenadora do programa no CEE 01 de Tag.)*

Ana Ester: Já. Já falei com a Sidnéia. Pelo que eu vi vocês já traçaram, já apontaram sugestões pra aprimorar o ano que vem. Quais são estas sugestões?

Profª Dalva: *A primeira é que nós vamos às escolas, a equipe vai às escolas da redondeza divulgar o trabalho. A gente quer conversar com os professores, a gente quer falar o que a gente faz, porque a gente faz, com os professores. E assim a gente acredita trazer mais alunos pra escola. E a gente quer ter mais contatos com os professores, diretamente. A gente já sentou com a direção agora no final do ano, e ele acha que uma reunião quinzenalmente é interessante com o professor do regular, pra gente está fundamentando nosso planejamento, pra gente estar vendo quem é este aluno que a gente está atendendo, pra gente ver o que ele está precisando, literalmente somar forças em prol do aluno*

esquecendo um pouco a burocracia.. às vezes é tão chato , tão demorado, que não caminha e o aluno perde isto tudo. Fazer coisas que tenham sentido porque tem coisas que a gente vê que é feito e não encontra sentido.

Ana Ester: A parte de vocês aqui..

Profª Dalva: *A parte nossa. E a gente não tem muito tempo, porque a cada 45 minutos você está com um aluno entendeu e a gente está com uma demanda razoável. A estratégia de matrícula está prevendo 60 por turno. Então a gente vai ter uma demanda grande.*

Ana Ester: quantitativo de professores é suficiente?

Profª Dalva: *a gente acredita que a gente poderia ter outros atendimentos, mas o pessoal não gosta da idéia 20/20 não. Tem que gostar.*

Ana Ester: Vai continuar?

Profª Dalva: *Vai, 20/20 já está na estratégia de matrícula de 2011, 20/20.*

Ana Ester: Sandra eu quero agradecer muito foi maravilhoso, eu fiquei escutando você e Lourdes me deram informações maravilhosas, a Leila , vocês se colocaram de uma forma muito legal, neste final de ano, está todo mundo preparando diário...

Profª Dalva: *O que você precisar você me liga. Aquela mulher é um anjo, aquela mulher é fantástica. Olha ela passou pra escola no ato da matrícula que o menino tinha restrição alimentar. Que ficou subentendido, que ele tinha restrição à lactose, portanto não tomaria leite. No primeiro dia o menino lanchou arroz com carne moída e milho e repetiu porque ele tem uma fome crônica. Aquela criança tem uma restrição alimentar que... e quando ela chegou: “O que que ele está comendo?” Aí que ela sentou e foi me contar da vida dele. A ficha caiu.. aí eu tive noção.. tá lá pregado no quadro até hoje, são duas folhas digitadas do que ele não pode comer. Ele não pode um monte de coisas, ele não pode não só leite não. Ele não pode com conservante, com amido de milho, de mandioca, ele não pode com muita coisa. Aí que ela foi me contar cada situação que ele já viveu, riscos de vida que ele já teve, obstrução intestinal, crise alérgica, de mil internações..*

Ana Ester: Então além do pedagógico...

Profª Dalva: *Tem o fator biológico*

Ana Ester: e vocês vão além do pedagógico, não é?

Profª Dalva: *Precisa senão a gente não trabalha. É igual estar comigo na hora do lanche tem que ter um ritual pra lanchar.*

Ana Ester: Gostaria de agradecer mais uma vez, e gostaria de contar com você se precisar de mais informações.

Profª Dalva: *Me liga .*

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA DO REGULAR

Entrevistadora: Ana Ester (professora-pesquisadora)

Entrevistada: Professora Bruna (nome fictício)

Ana Ester: Vamos então iniciar a entrevista com a professora Bruna, ela vai se apresentar...ehh..Lourdes a gente..eu quero só te dizer que eu tô aqui mais pra...(professora sussurra e pergunta se irei transcrever a entrevista)... vou, estar transcrevendo esta entrevista toda direitinho.. é uma conversa, ok? Naturalmente a gente vai estar desenvolvendo isto aqui, eu preciso aprender demais sobre a questão do complemen.. o Programa de Complementação, atendimento, que o Gabriel(aluno do atendimento complementar) está tendo,por isso que estou aqui.. esta gravação é somente para compor a pesquisa, você sabe como é , mas é uma conversa mesmo. E a importância de você como regente, professora regente do Gabriel de estar me passando como é que este desenvolvimento dele está acontecendo, e como que estes atendimentos influenciam, está bom. E de primeira mão..muito obrigada, agradeço demais a você, a disponibilidade neste momento do ano, a gente está aqui e você está cedendo este tempo pra estar colaborando com a pesquisa. Muito abrigada,mesmo, de antemão.

Prof.^a Bruna: *Prazer é meu. Eu sou professora Bruna, sou pedagoga, trabalho a quase 25 anos na Secretaria de Educação, desde que comecei a trabalhar eu fiz a opção pela Educação Especial. Então nestes quase 25 anos, tenho muito mais anos de educação especial do que de ensino comum. Durante muito tempo trabalhei nas duas escolas, Centro de Ensino Especial e Escola Classe, porque na verdade eu me identifico com alfabetização e com a Educação Especial.*

Ana Ester: Neste caso, porque a Educação Especial?

Prof.^a Bruna: *Pois é... eu acredito mesmo que seja um dom que Deus me deu.. e também como um dom na alfabetização. E hoje eu vejo que há uns anos atrás Deus estava me preparando para a inclusão e eu não sabia. Na época as pessoas falavam: “Você é maluca, trabalhar de manhã em Taguatinga e à tarde na Ceilândia com alfabetização, você é maluca”. E eu tinha como muitos colegas da Educação Especial, muito preconceito em relação a inclusão. Na verdade eu tinha preconceito, e hoje muito cuidado.Me preocupo muito com a situação da inclusão hoje.*

Ana Ester: A quanto tempo você está...a quantos anos você está neste processo... em turmas de inclusão, envolvida na regência diretamente ou indiretamente com turmas de inclusão?

Prof.^a Bruna: *Com turmas de inclusão comecei em noventa..meados de 94...mas exatamente 94 na segunda turma de integração inversa.. era uma turma de alfabetização de surdos e a segunda turma, né. Fui convidada pela professora autora do projeto, como eu gostava de trabalhar nas duas situações, então me coloquei a disposição para alfabetizar um aluno que não seria de inclusão, na época ele não.. pelo que a gente encaminhava pra inclusão não seria um aluno com perfil para a inclusão, mas ele era meu aluno lá no Centro e falei com ela se eu pegar alfabetização ano que vem você pode mandar pra mim mesmo sabendo que não é de inclusão, eu alfabetizo ele. Aí ela: “Tá bom, já que você se interessa, né vamos pra inversa..pega a inversa”. A Maristela tinha trabalhado a primeira turma na 29, e eu peguei a segunda turma na 24, aí trabalhei com ela em 94, depois eu fui*

para a coordenação de deficiência auditiva, quando ela saiu eu assumi. Acompanhava as turmas do Centro, das escolas .eram.10 escolas em Taguatinga, da precoce até o ensino médio..

Ana Ester: Então desde noventa e..

Prof.^a Bruna: Inclusão?

Ana Ester: é

Prof.^a Bruna: 94, antes era atendimento exclusivo no Centro e alfabetização no horário contrário, mas inclusão 94.

Ana Ester: Até então...

Prof.^a Bruna: Até então como eu me sentia... eu jamais ia pegar uma classe numa escola classe, já te falei do preconceito em relação a inclusão...é um preconceito..é um zelo também, não deixa de ser, não vou te falar que é só preconceito, na verdade a gente tem zelo com nossos alunos, a gente tinha muito medo.. te falo que ainda tenho, né em relação a inclusão.. então imagina..” como eu ia trabalhar numa classe em escola classe e ficar jogada sozinha, sem a estrutura que a gente tem no Centro..eu não vou trabalhar sem a estrutura que eu tenho no Centro eu não vou para uma escola classe”. Então quando eu peguei inversa eh..era uma outra situação..o objetivo já era outro,(áudio)eu também não era..Ah era diferente. Depois da coordenação, a gente tinha o projeto surdo educador, participei a época da elaboração do projeto, acompanhei o projeto naquela época.. E aí eu achei por bem vir trabalhar como regente no projeto surdo educador e aí era uma classe especial de surdos. Então inclusão de surdos focada no bilingüismo a formação que nós temos(áudio ruim)..

Ana Ester: E diz uma coisa quando foi que o preconceito quando foi que o zelo se tornou cuidado como você disse.

Prof.^a Bruna: Quando eu aqui na escola normal recebi um aluno, que também não.. naquela época ele não tinha perfil de inclusão ele seria de centro. Eu bati o olho nele esse aluno não é de inclusão esse aluno é de centro. Fui no telefone liguei para a equipe do centro “estou com uma criança avaliada por vocês , não é aluno de escola classe é aluno de centro. A equipe veio pegou avaliou e deu a devolutiva: “ Você tem razão realmente e de centro, mas nó estamos com um probleminha, nós não temos vaga.. contamos com você mais uma vez”. É , então vamos ficar e comecei a realizar aquele trabalho com aquele aluno naquela época . foi muito bom, porque ali quebrou um pouco o preconceito.

Ana Ester: Então as experiências vividas, esse momento vivido foi que...

Prof.^a Bruna: Sim, com uma criança que realmente, na época era de centro, hoje não seria, mas naquela época seria, naquela época seria. Aí ele ficou comigo o ano inteiro. Expliquei para as colegas que ele ficaria conosco. Terminado aquele momento de rodinha, do coletivo, ele ficaria sozinho porque a atividade era diferente. Educação artística, Educação Física.. os meniðnos entenderam, ele também, trabalhei assim. Aí fui vendo o crescimento dele (áudio ruim). Imagina na época que eu trabalhava no centro a 20 anos atrás, mais de 20 anos, todos ficavam num corredor, só surdos..

Ana Ester: Nós tínhamos separado, era bem distante..

Prof.^a Bruna: *Então eu fiz exatamente este processo, “nós vamos sair do centro, como nós vamos sair? Quando pôde ter turma de educação infantil no centro, foi quando eu conheci, primeiro a turma de inclusão inversa..(áudio ruim)*

Ana Ester: Agora me diz uma coisa, olha bem, você está me contando sua trajetória, mas como é que você veio parar aqui, no CEF 18 voltou para uma classe e com aluno TGD? Como foi isso?

Prof.^a Bruna: *saí do projeto surdo educador, adoeci, e estando doente não tive condições de permanecer alfabetizando crianças surdas que na época, também é (áudio ruim).. atendimento de crianças com deficiência múltipla aqui. Porque devido este aluno que veio do centro. E quando terminou o ano, eu falei pra meninas estou saindo da itinerância, vou pegar turma, eu coloquei para direção da escola e os colegas: “ Olha.. vamos deixar ele aqui que ele vai ter mais ganho aqui do que lá, vamos deixar ele aqui, “ah mas como?” Vamos ler a estratégia de matrícula, vamos ver como é que monta uma turma com uma criança que..(áudio ruim), vamos ver quantos, né podem ter numa classe. Aí nós vimos, eu disse bom tem que ter 3, na época o mínimo era 3. (Lourdes falando com os colegas) “Eu tenho um alguém tem mais um?” aí uma colega, “eu tenho um, só que é de educação infantil..” Bom então agora tenho 2. Aí com 2 já dá pra montar, né. A modulação são 3, 3 à 4..com 2 já dá pra montar, tenho certeza que dá pra montar. Vamos montar a turma aqui que eles vão dar certo na escola classe.*

Ana Ester: então seria uma turma de classe..

Prof.^a Bruna: *Uma turma de classe.. e deficiência física também. Aí bom e quem vai dar aula pra esta turma,.. (fala da professora Bruna aos colegas) “bom minha parte eu já fiz, não tenho perfil pra trabalhar com ela, já trabalhei no centro, já fiz minha opção pra trabalhar com surdo, fui trabalhar na educação especial com DI, mas me apaixonei pelo surdo logo de cara, e canalizei pra esta área, não tenho perfil, não tenho ...*

Ana Ester: Estou vendo que estas opções sempre eram duas.. e com a vivência sempre foi pra outros caminhos..

Prof.^a Bruna: *É. Então..(áudio ruim).. distribuí turmas e quem vai ficar com estes meninos... “nhenhenhe.. aiii”, “vamos logo a procura de outro aluno, porque este negócio de incompleta não é bom. E em outra escola não tinha aluno surdo, naquela época só tinha aqui, escola normal, não tinha mais escola normal, já tinha centralizado o atendimento. As meninas acharam bom: “ a gente tem o Alan”. Então manda logo o João (Aluno D.A). O João hoje está muito bem, está sendo atendido na Católica (Extensão do atendimento especializado complementar, convênio com a Católica) pela Soraia...*

Ana Ester: Alan.. eu sei ele é atendido.. sim conheço Alan.

Prof.^a Bruna: Bruno?

Ana Ester: Conheço..

Prof.^a Bruna: *É o João, passou por aqui. Depois a gente tinha um outro aluno, não era aluno pra esta classe não, mas ele estava com a auto-estima muito ruim. Pediram para que ele viesse prá cá. Então aí você vê que a gente vai misturando aluno a gente vai fugindo daquela coisa de que tem que ser tudo naquele.. combinadinho. Daí a gente começa a ver que as crianças têm necessidades, eu sou a professora e tenho necessidades..*

Ana Ester: E que a gente precisa, né..

Prof.^a Bruna: *abrir as portas para..*

Ana Ester: suprir as necessidades..

Prof.^a Bruna: *do aluno, não as minhas, não os meus desejos..*

Ana Ester: não o da escola

Prof.^a Bruna: *Não o da escola..do aluno*

Ana Ester: A escola se adaptando ao aluno..

Prof.^a Bruna: *E aí a gente estava com uma turma bem diferente, com alunos bem diferentes. Aí foi quando eu adoeci e não tinha condição de continuar com turma nenhuma eu não tinha condição de dar aula, mesmo uma turma tão pequena. Sai com orientação médica, e quando fui voltar para o trabalho, o médico disse que tinha que voltar, desejo de voltar não tinha condições de voltar... era bem..lembro da minha diretora na época..(áudio ruim)..aí eu fui trabalhar com administrativo na Regional, fui cuidar da merenda. Fiquei um tempo com a merenda aí fui melhorando, melhorando. Aí mudei de núcleo, botaram pra mudar de núcleo. Aí quando eu me senti mais em condições eu estava no NAE com a merenda..*

Ana Ester: Aqui na GRE de Taguatinga..

Prof.^a Bruna: *Na GRE de Taguatinga, até em orientação de merenda eu tive história com o especial..quando eu cheguei ali as 3 primeiras escolas que me deram foi exatamente o Centro de Ensino especial, o 21 e (áudio ruim).. a época não tinha condições, tive que conversar “não dou conta, tenho um vínculo com estas escolas e não tenho estrutura pra encontrar as crianças e as colegas..e a minha chefe tinha trabalhado comigo aqui na escola normal, vai pra escola normal, acabou de vir de lá , vamos dar outra em outra..(áudio ruim).. Quando eu melhorei eu mesma pedi...agora já dou conta de entrar e sair nela..*

Ana Ester: Então a educação especial sempre teve...

Prof.^a Bruna: *Presente na minha história..*

Ana Ester: Sempre em todos os momentos, mesmo quando foi pro administrativo, você..foi uma coisa assim como se fosse parte..

Prof.^a Bruna: *Mesmo, mesmo.. sempre esteve presente..*

Ana Ester: como se fosse parte..

Prof.^a Bruna: *Como se fosse parte de mim..*

Ana Ester: Não tem como..

Prof.^a Bruna: *Não tem como separar, mesmo que eu queira..não tem como.. eu sou uma privilegiada, eu trabalho porque eu gosto, frente a outros colegas que não tem opção.. eles aceitam ou eles aceitam.*

Ana Ester: E aí então..

Prof.^a Bruna: e aí fui ..trabalhei na coordenação de ensino especial(áudio ruim).. tem mais gente, são outras coordenações, tem grupos muito maiores.educação ambiental, o grupo do SOT.. exposições na época não tinha itinerante, tinha que falar todo dia... nenhuma colega se identificou com o trabalho pediu pra trabalhar junto , a gente trabalhou junto..(áudio ruim).. e fui pra direção do centro, a Hélia(diretora do centro de ensino especial, na época) entregou o cargo e e assumi interinamente por um semestre...

Ana Ester: Eu lembro, então está aí a lembrança...foi esta época..

Prof.^a Bruna: Foi nesta época, né.. (áudio ruim)

Ana Ester: Agora você vai falando e vou visualizando, porque lá no centro é muito difícil da gente se encontrar porque é muito grande..

Prof.^a Bruna: é muito grande..

Ana Ester: Foi pouco tempo, foi bem pouco tempo..

Prof.^a Bruna: Eu deixei claro na Regional que eu não participaria do processo, eu ficaria ali só até o final do ano, de forma interina mesmo.. eu fiquei lá depois a Regional (áudio ruim).. aí lá, neste tempo que eu estava no Centro fui muito bem acolhida exatamente pelo grupo de TGD...(emoção)

Ana Ester: Foi um grupo que você realmente..

Prof.^a Bruna: é como eu foquei na educação do surdo, fiquei muito tempo fora do centro, eu realmente não pensava em voltar mais pro centro, já que não tinha mais surdos eu foquei muito nesta decisão, canalizei dentro desta questão de perfil... não tinha nem sentido voltar lá não tinha mais.... (áudio ruim)... quando eu fui eu me preocupei com esta área, eu falei: “gente tudo mudou muito, é muito complexo hoje em dia”..

Ana Ester: Você..

Prof.^a Bruna: ..de todos os atendimentos do centro eu considerei na época o atendimento mais complexo, o de TGD..

Ana Ester: Do tempo que você tinha saído, da última vez, até então você não tinha voltado ao centro pra...

Prof.^a Bruna: Eu voltei como, como coordenadora de tudo..

Ana Ester: na época ainda existia..

Prof.^a Bruna: Tudo no centro, fiquei de abril à outubro na direção e dela eu vim pra cá...tinha, tinha alguns alunos que ainda tem lá, já tinha na época...mas era diferente era outro tempo... o centro tinha outro objetivo completamente diferente do que é hoje, mudou muito , né.. é a tendência mas mudou.. e assim e eu não conhecia o atendimento de TGD, mesmo, conhecia alguns..já tinha alunos autistas na época que eu trabalhei lá. Mas enfim, eram turmas com um aluno... e o TGD eu não conhecia. E assim é uma área tão delicada, com uma rotina tão rígida, é tão delicado, como que eu vou.. eu não tenho como contribuir em nada..porque na verdade em 6 meses você não vai fazer muita coisa..mas minimamente você tem que conhecer o que tem dentro da escola, você tem conhecer os colegas, minimamente. Aliás na época eu fui pra lá por isso, como eu ia prestar contas do centro pra Gisele(antiga Diretora da DEE), estando na Regional. Chegou um ponto que eu falei: “E agora, se

eu ficar na Regional Giselda vai pedir pra mim prestação de contas. O centro passando por uma mudança administrativa e pedagógica ..então eu falei: “não faz sentido, vou ter que ficar lá mesmo pra entender, até que a coisa se reestruture, ..(áudio ruim).. aí eu volto pra Regional...ou não... não sabia.....sabia..sabia..sabia que estava sempre a disposição da educação especial onde precisasse, se fosse ali...contamos com você aqui... contamos com você.. é um desafio, era o novoera sempre 100% disposição, eu sabia que..eu não tenho nenhum interesse de ficar no centro... na secretaria, no centro não e nem em lugar nenhum..

Ana Ester: Mas eu estou curiosa para saber a sua relação com TGD.. que você traz uma coisa...

Prof.^a Bruna: *é aí.. exatamente...então assim, eu já era coordenadora da equipe.. dos grupos TGD e DMu, “mas olha se tem uma área que eu não sei absolutamente nada..não sei nem como entrar... não pode entrar em qualquer momento”(a professora refere-se ao tempo em que vivia esta situação em relação ao atendimento de TGD), se eu posso parar na porta.. eu não sei nada..vocês vão ter que me falar, falem, me orientem, senão vai ficar muito esquisito”. O grupo me acolheu muito bem, tão bem que teve um curso com a Helena(Psicóloga- especialista em atendimento de crianças com TGD). Eu conhecia de nome , de vista, quando a gente veio pra cá foi uma permuta que a gente fez. A Regional na época tinha a sala de surdos na 10 a de autista era aqui, como a gente tinha o projeto surdo educador, a Silvana que é a autora principal e irmã da Helena...autora principal do projeto.. a gente conversou: “Silvana e aí”, e ela falou: “Não a gente troca” vai.. trocou,a gente trocou. E começou um entendimento tão grande na 10 de autista e DI, DI cresceu tanto lá... e aqui não tinha está tendo agora, historicamente aqui era uma escola (áudio ruim).. E aí então a Helena, a pedido do Rubens(professor do Centro que trabalha com TGD), abriu um curso. Quando ela abriu o curso aí ela falou: “bom, só quem tem experiência”. Alguns falaram: “ vamos pro curso”, aí outros falavam: “Olha é bem prático, você não tem a teoria que você vai ter ,perto de um teórico tem. Não tava esperando.. Então a Helena resolveu fundir um pra psicólogos e professores, aí realmente, ela poderia chamar..*

Ana Ester: Todos..

Prof.^a Bruna: *..Todos, aí foi quando eu pude ir..fui bem recebida, fui muito bem recebida, fiquei encantada. Encantada, vi algumas coisas que a gente trabalhava com surdo, quando eu comecei a trabalhar. Eu até falei assim: “Helena , quem passou pra quem, você passou pra Silvana, Silvana passou pra você..vocês duas estudaram juntas, como é que?” era a mesma linha, mesma linha de trabalho, que ainda se utiliza com autista...(áudio ruim) a gente utilizava com o surdo...material...*

Ana Ester: Você só não tinha consciência..

Prof.^a Bruna: *É. Só que depois a gente estudando a questão do surdo a gente foi ver que outros caminhos davam melhores resultados. E a gente foi arquivando isto daí, foi ficando na nossa história. Com autista não, foi aplicando à realidade, é rotina, mesmo os anos passando é rotina, nunca mudou. Eu me identifico muito porque eu gosto da coisa organizada, eu gosto da coisa bem estruturada, eu gosto de disciplina, então é uma área que(áudio ruim).. Gosto do atendimento específico, é tanto que mesmo tendo trabalhado inversa, depois com nossos estudos chegou uma época que eu encaminhei uma aluna para a inversa falei pra mãe dela, e a mãe não queria: “Não mas o atendimento de classe está beneficiando muito minha filha..*

Ana Ester: Mas aí no caso uma aluna..

Prof.^a Bruna: *surdo. Aí a mãe: “ Não minha filha está beneficiada no atendimento de classe, eu não quero ela na inclusão” prof^a Bruna: “Olha mais aqui não fala, só usa LIBRAS, sua filha precisa muito, fala muito e aqui não fala, aqui é só LIBRAS, não abre a boca pra falar, tudo em LIBRAS. Depois a mãe até relaxou porque a filha aprendeu a falar muito foi pra depois aprende LIBRAS. Aí o tempo mostrou a prática de uma teoria que a gente já estudava, (áudio ruim)...do atendimento específico..(áudio ruim).. “Silvana passei por esta experiência” Silvana diz: “Eu como autora do projeto autorizo, arquiva isto”. Prof^a Bruna: “é mesmo..então a gente pode canalizar só atendimento específico mesmo.Bom, a gente viu aquela época, o atendimento específico, por aquela experiência, hoje a gente vê.Tanto que eu sempre gostei deste atendimento porque eu via resultado,muito bom pro surdo. Estudando com a Helena, por causa do centro , aí eu percebi que este resultado de cá com autista seria bom. Mas eu não pensava, não tinha condição de pegar uma turma. E aí, bom, aí chegando no centro de educação infantil, vice-diretora, aí o secretário já veio com a notícia: “Ah!uma mãe fez a matrícula de uma menina autista,não tem condições de aprender..” prof^a Lourdes : Ah é autista, então deixa eu conhecer. Chama a mãe deixa eu conversar com ela, não vou dispensar, nada. Mesmo que a gente tenha que atender todas as crianças.*

Ana Ester: Sim, e depois..

Prof.^a Bruna: *E depois a gente tem conhecer e tem ver o que é melhor para criança. A precoce faz a avaliação.. (áudio ruim)..Manda voltar aqui. Conversei com a mãe não tinha avaliação, e aí lá...*

Ana Ester: Esta criança estava vindo da precoce?

Prof.^a Bruna: *Não..ela veio do 156.*

Ana Ester: 156

Prof.^a Bruna: *Aí enfim, a criança permaneceu na escola era o melhor atendimento que tinha..*

Ana Ester: Qual era o atendimento?

Prof.^a Bruna: *centro de educação infantil. Lá a gente foi muito ousada, e hoje eu vou falar pra você porque era segredo..*

Ana Ester: Por que?por que o segredo?

Prof.^a Bruna: *Nós fomos muito ousados. Quando a gente monta uma turma, abre uma turma, sempre procura agrupar ..(áudio ruim).. e na época esta menina, uma autista que tem muitas possibilidades, assim a classificação .. visualizando aquele varal de autista..*

Ana Ester: Sim

Prof.^a Bruna: *Ela está num nível muito discreto do autismo. É autista, mas de uma forma muito discreta, E aí as turmas do CEI04, eram classes de crianças mais comprometidas, não sei se eu posso falar mais comprometida, você arruma uma palavra mais adequada. Dentro do espectro autista você avalia, uma que precisa de um atendimento mais específico e a outra pela inclusão, era o caso dela, ela conseguia ficar na inclusão, ótimo. Mais onde ela poderia.. ela antes ficava numa sala sozinha..(áudio ruim). “PE,PE,PE , PA,PA,PA..”*

Ana Ester: Como fazer??

Prof.^a Bruna: *Ela já estava matriculada... e na turma dela tinha um Down..(pausa gravação)*

Ana Ester: deixa eu dar uma pausa (uma pessoa entra na sala para passar um informe para professora)

Prof.^a Bruna: *Então na estratégia a turma era Pc.. (áudio ruim)... turma DI, era Down, então era DI. Mas, ela veio pelo 156 TGD..*

Ana Ester: Aí você escolheu..

Prof.^a Bruna: *(palavras proferidas pela prof^a na época) “Não temos outra vaga” . No CEI 04 não tinha. A professora como era a primeira vez que pegava, estremeceu. Aí eu conversei com a professora, com a diretora, a diretora e carta branca, pode fazer o que quiser confio, no que vai fazer. Aí conversei com a equipe, a equipe falou assm: “Você sabe a gente não faz isso” aí eu disse : “Eu sei”. Como tudo na minha vida eu não sei como vamos fazer, mas é uma situação: “onde esta menina vai ficar” Ela vai pra uma classe , onde vai ser prejudicada, não; tem vaga no CEI 04 na inclusão, não; ela veio pelo 156 pra minha escola..*

Ana Ester: E diz uma coisa, esta seria uma situação de olhar pra necessidade..

Prof.^a Bruna: *Do aluno..*

Ana Ester: ..do aluno como você já teria citado antes, né.

Prof.^a Bruna: *Aí eu falei: “ Bom, eu confio colega (áudio ruim)... sei posso confiar em você. (áudio ruim),...Eu sei se a mãe aceitar, a Helena apesar de falar que não vai avaliar mais ninguém, ...vai ela vai abrir vaga..*

Ana Ester: A Lúcia faz todas as avaliações mesmo, excelente...

Prof.^a Bruna: *A Helena, as meninas da equipe do CEI 04 também... me deram muita liberdade, tanta liberdade que eu tinha com elas que esta proposta (áudio ruim).. Então a gente em comum acordo, assim estava comigo, mas com o apoio delas. A professora estava fazendo pós graduação na UnB na época, foi um sucesso. Um sucesso, que eu nunca imaginei, quando a menina aprendeu a ler, a mãe chorou...mandou...(a professora interrompeu a fala porque estava muito emocionada).*

Ana Ester: Que coisa boa..ousadia... nunca...é demais..

Prof.^a Bruna: *E a menina..foi um sucesso!! E a professora deu muito certo, e aí (áudio ruim) .e aí a gente procurou também escolas conveniadas,acho que a gente ficava pedindo pra todo mundo. então dava o telefone falava com o pessoal do Plano sobre uma aluninha, pra escola.. arrumaram uma sala legal, arrumaram, deu tudo certo. E a menina pôde continuar na mesma escola, com a mesma professora. E aí eu acabei saindo..aí veio o constrangimento, eu sai, e quando sai.. vim pra cá. Aí eu vim pra cá.. bom aí eu sai e “pra onde eu vou? Ou eu volto para o centro, ou eu volto..bom prefiro voltar a ser regente..vou pegar uma regência no centro ou eu pego uma alfabetização na antiga escola normal. Encontrei com a Ivani na Regional na época, ela estava na direção, e ela falou que não tinha carência no centro. “Ah, já que não tem carência no centro, vou lá no CEF 18, ver o que tem lá à tarde, porque de manhã não vai ter não. Aí eu cheguei lá e as meninas: “Ah, que legal”,chegando lá: “Quero alfabetização à tarde tem?”.(colegas do CEF 18) “Tem , mas vai ter educação especial..”*

Ana Ester: A educação especial continua atrás de você Bruna..

Prof.^a Bruna: (**Prof.^a Bruna**) “Como assim?”...(colegas do CEF 18) “a turma já está prevista na Regional”... (**Prof.^a Bruna**) “é mesmo??”.. (áudio ruim).. (colegas do CEF 18) “é começaram a vir do centro..” (**Prof.^a Bruna**) “é mesmo, mas o que é isso”..(colegas do CEF 18) “é mas ninguém fez matrícula ainda, só ano que vem” (**Prof.^a Bruna**) “não tem problema, a gente fala com os pais vai nas casas e eles fazem a matrícula” ..

Ana Ester: Isso foi em que ano?

Prof.^a Bruna: Ano Passado..

Ana Ester: Ano Passado, né..

Prof.^a Bruna: Fui com a cara e a coragem. Aí fui na Regional e peguei, aí peguei TGD, eram dois meninos TGD.

Ana Ester: Quais eram os alunos.. o Gabriel..

Prof.^a Bruna: Ainda não era o Gabriel.

Ana Ester: Ele ainda não estava..

Prof.^a Bruna: O Gabriel não. Aí os dois vinham do centro foi a primeira experiência deles fora do centro, muito bom... 12 anos TGD vinham do centro..e eu estava sozinha.

Ana Ester: Você estava sozinha neste ano?e como?

Prof.^a Bruna: Eu estava sozinha. E a Regional até falou assim: “Ah vamos ver se tem mais alguém, a gente dá notícia”..eu disse: “eu prefiro ficar sozinha do que colocar duas sem experiência. Duas sem experiência pior do que uma sozinha sem experiência. Eu sozinha sem experiência eu contar com quem eu conheço...(áudio ruim)..eu vou buscar colegas que eu conheço nesta Taguatinga pra me ajudar. Agora se vem mais outra sem experiência aí vai complicar. E com experiência não vai ter, porque quem tem experiência já está encaixado, também não tinha. Aí eu fiquei com esta turma. Legal, aí contando eu fiz curso de TGD, aí encontrei esta colega desta escola no curso, ela apresentou o trabalho dela. E aí no final do ano eu recebi um aluno DI, para ser beneficiado com o atendimento, aí fiquei com três. E no final do ano, a gente convenceu a Cláudia, veio lá na escola,voltando...(áudio ruim)..a gente começou a paquerar, a namorar. E aí no final do ano eu também não tinha certeza se eu ia abrir este projeto do ano passado. Mas a gente montou a turminha aqui e aí a Cláudia veio acompanhando o Gabriel. Como ela já era a professora dele e ele é atendido pelas duas.

Ana Ester: Ele veio de outra escola?

Prof.^a Bruna: Ele veio da Escola Classe 10..

Ana Ester: Veio junto com a professora, a Cláudia..

Prof.^a Bruna: Acompanhar para dar prosseguimento ao trabalho..tem todo um histórico dele, né. Gabriel a história dele você vai falar com a mãe ela vai te contar.

Ana Ester: Ela já me contou um pouquinho..

Prof.^a Bruna: Foi uma luta pra manter ele na classe. Foi o primeiro ano de tranqüilidade, hoje ele tem 10. A alegria dos pais quando eles entraram aqui,..eu nunca vi um sorriso tão lindo de pai e mãe trazendo o filho no primeiro dia de aula. E o pai falou: “Em 10 anos é a primeira vez que a gente deixa na escola com tranqüilidade. Foi muito bom, ela veio feliz, é o Gabriel..(áudio ruim) porque o Gabriel era pra estar no centro, e o Gabriel não tem nada a ver com o centro.

Ana Ester: Ele é bem..

Prof.^a Bruna: é..

Ana Ester:..perfil.. bem diferente..

Prof.^a Bruna: Gente, a uns anos atrás dois que eu tenho que eram do centro não ..se eu não tivesse saído.. entendeu.. Aí força da inclusão..(áudio ruim)..ficava todo mundo com medo, né. Veio do centro, eles ganharam muito, eles ganharam muito com o Gabriel. Ele veio e agora pra uma classe para autista. Aí a Cláudia tem muita experiência com autista, sempre com autista, ela tem mais de 20 anos que trabalha com autista, ela é especialista..e eu não eu sou verdadeira aprendiz. E aí aprendendo.... e o atendimento do centro ele é fundamental mesmo, porque ele vai complementar. É muito bem colocado este título de complementação. Então..sim é um título bem colocado complementação, atendimento complementar.

Ana Ester: Eu queria até saber que..com toda pesquisa realizada, com a observação que a gente faz, e conversando com muitos professores, quando pergunta sobre o Programa de Complementação..do Atendimento Especializado Complementar, e o que acontece, várias pessoas: “Ah eu conheço”, “Ah eu não conheço”... eu queria saber e você, como você conheceu, quando você ficou sabendo deste programa.

Prof.^a Bruna: Este de hoje?

Ana Ester: Este que o Gabriel está neste momento.

Prof.^a Bruna: Porque na verdade...desde o início

Ana Ester: Quando foi o início?

Prof.^a Bruna: Sempre teve atendimento complementar. Ele mudava, ele muda de área pra área

Ana Ester: Sim.

Prof.^a Bruna: Então ele... quando a Secretaria colocou, que teria no centro atendimento complementar para crianças que estão na inclusão, em 2008?

Ana Ester: 2008.. no centro começou em 2008.

Prof.^a Bruna: Então antes já se falava na mudança do centro, (áudio ruim) o atendimento no centro, dar apoio às escolas. Então assim, já há alguns anos, já vinha.. a gente já tinha um trabalho de oferecimento de palestras, já era para oferecer suporte às escolas. Aí o atendimento ao aluno da Escola Classe.. ele começou em 2008.. antes de se tornar prático ele já começou(áudio ruim)..

Ana Ester: E me diz uma coisa, você que acompanhou desde 2008 na época das discussões qual eram os objetivos que eram colocados pra esta complementação, pra este programa? Como professora regente, como professora que estava em discussão..

Prof.^a Bruna: *Na época nem era regente, nem estava no centro..nem..na época...*

Ana Ester: Mas hoje o que você vê como objetivo deste programa, você professora regente. Como você vê.

Prof.^a Bruna: *Eu acho que não perdeu muito não, pelo que eu vejo, não vou falar que perdeu muito. Assim o que eu lamento, vendo muito pouco de fora, é que a participação dos alunos que estão nas escolas classes não seria o ideal, estou com esta impressão.. eu tenho esta impressão. É aquela dificuldade que as pessoas têm de..como eu vou falar aqui..é difícil falar..nós colocamos muitas dificuldades. Por exemplo, no ano passado, digo, eu falei muito com a professora da sala de recursos aqui: “ encaminha os meninos que estão na inclusão, eles também têm direito ao atendimento”, mas... tudo bem, prioridade é atender menino que vem do centro, meus no caso, os dois viam do centro. Tendo vaga, o outro que está lá na inversa poderia freqüentar, continua sendo assim?*

Ana Ester: A complementação.. o programa complementar?

Prof.^a Bruna: *sim. Pode,pode..*

Ana Ester: São todos os alunos que estão na inclusão.

Prof.^a Bruna: *Independente de ser classe, independente de ser aluno do centro..*

Ana Ester: todos os alunos é o programa complementar.

Prof.^a Bruna: *E o que eu escutava dela: “Ah, mas os pais não vão levar..Ah, mas é muito difícil”. Mas nós precisamos fazer nosso trabalho, divulgar. Professor desmotivado, pais desmotivados..*

Ana Ester: Então me diz uma coisa tem como.. qual a informação que trazem pra você sobre o programa, de quem é a clientela que vai ser atendida. O que até então você sabia. Esta clientela quem seria..

Prof.^a Bruna: *A clientela.. todos, todos.. Quando eu vi que aqui na escola logo os meus que iam, sempre a gente escuta....*

Ana Ester: Então pela informação que vem..

Prof.^a Bruna: *OS MEUS É QUE... porque só eu que falo pra os pais fazer a matrícula lá. Porque que os outros não. Professora da Sala de Recursos: “Não professora, é porque é muito difícil, pai não vai poder levar” Prof.^a Bruna: “Mas você está falando, você já falou, você está mostrando o ganho, você já mostrou o quanto é legal. O professor regente sabe disso, você que é professor da sala de recursos conhece, você já mostrou pro seu professor regente, todo mundo está sabendo, a direção está sabendo?”*

Ana Ester: Qual o retorno que você teve sobre isto,todos os professores... quando você questionava qual era a resposta

Prof.^a Bruna: *Enrolada.*

Ana Ester: Mas, eles conheciam?

Prof.^a Bruna: *Eu acho que não, conhecem.*

Ana Ester: Você via disposição em conhecer?

Prof.^a Bruna: *Porque... é bem delicado, você vai gravar depois você vai saber colocar. A professora da sala de recursos, ela não era de educação especial, e ela veio pra fechar carreira por aqui.. e aí ela acredita muito neste discurso, eu sei que ela é verdadeira. Não discuto o que é verdadeiro, a prática acaba acontecendo em consequência deste discurso. O professor acaba falando tanto que é difícil, que o pai não vai levar que acaba não levando..*

Ana Ester: É só te dando uma resposta por que você falou: “Ah, é delicado..”, assim pode .. a gente está aqui.. é uma entrevista, nós estamos conversando, as impressões que você tem às vezes eu tenho, eu tenho outras impressões. Eu acho muito tranquilo, é só pra você não ficar preocupada. Eu não estou aqui pra verificar, levantar os problemas e as dificuldades. É igual você falou, os problemas, as dificuldades nós temos muito, eu acho que está na hora da gente pegar e mostrar o que está sendo legal, o que está sendo bom e positivo.

Prof.^a Bruna: *Esta observação é oportuna, porque eu não me envolvi com esta questão da divulgação do trabalho. Porque a gente assim, quando a gente sai de um trabalho maior que o nosso, a gente tem um desejo de não se envolver nunca em muita coisa, entendeu. Mas estas coisas maiores sempre vem atrás de mim,sabe? Por mais que eu não consiga ficar tão.. tão no meu canto quanto eu quero, eu evito só pra não entrar na área da colega. Porque eu penso que a professora da sala de recursos é que precisa fazer um trabalho junto com o professor regente. E ela precisa conhecer, e acreditar neste atendimento, pra ela apresentar expor este convite. Então assim,você fica entrando, você fica uma pessoa muito chata,né.. acabou de chegar na escola, né...já sabe disto, já sabe daquilo, precisa né, já fica falando isso, já fica falando aquilo..muito chato,mas assim, talvez precise, né...não sei,mas às vezes, precisa estar falando do atendimento..não sei mas eu acho que precisa, porque é uma informação recente que eu tinha. Os amigos das classes de TGD e DMu não tinham atendimento.*

Ana Ester: Só o de vocês..

Prof.^a Bruna: *Então isto é triste,né. Aí eu fico pensando: “O que está acontecendo”. E olha eu,eu vou repetir uma situação que uma vez me falaram assim: “você quer que as pessoas falem sozinhas e não é possível. É melhor você não ficar colocando tanta experiência. Pára de colocar sua experiência, e coloca teoria junto com a prática”. Tá bom... porque eu tinha esta experiência... eu aqui como regente de DA(deficiente auditivo),na época, chamava assim, chamavam assim. Na época não tinha laboratório de informática. Abriu o LIEDE (Laboratório de Informática Educacional Especial), lá no centro. Quando o LIEDE abriu ele já ofereceu este atendimento Complementar pra quem estava na inclusão. Então desde de quando nasceu, aí eu falei o atendimento complementar já nos acompanha a muito tempo, de formas diferentes. Então naquela época foi divulgado pra todo mundo: “Quem não tiver laboratório de informática, na escola e quiser freqüentar o LIEDE pode, desde de que o professor regente acompanhe”.*

Ana Ester: Ok, então deixa eu te perguntar uma coisinha,esta divulgação o professor em turma de inclusão...

Prof.^a Bruna: *Sempre precisa fazer um trabalho com a sala de recursos, hoje, com a sala de recursos, e a sala de recursos fazer um trabalho com o professor regente.*

Ana Ester: Só uma coisinha só a questão da divulgação, quando trouxe...(a GRE trouxe a informação, divulgação para a escola) vocês, eram os responsáveis por avisar aos pais sobre o programa? Ou a escola, a direção? Como era isso? Quem era o responsável por avisar os pais sobre este programa? Sobre a disponibilização deste atendimento?

Prof.^a Bruna: Bem aqui, eu que peguei... enfim..

Ana Ester: Por que você fez isto?

Prof.^a Bruna: Por que? Por conhecer e acreditar..e saber... Por exemplo, nesta época que eu levei minha turma pra o atendimento de informática, sabe onde eles moravam? Santo Antônio...Aquele outro lugar..lá do outro lado... Águas Lindas, Samambaia.. meus alunos moravam nestas extremidades. E eu falei pros pais, meus pais e falei: “Está tendo atendimento no Centro de Ensino Especial de Informática, eu quero levar os meninos, é importante pra eles. Lá eu vou complementar o que eu faço em sala de aula. O que eu não tenho condições de fazer na sala eu vou levar pra lá, lá tem atividades e eu vou estar junto com eles.

Ana Ester: Então nesta época o professor regente ia junto no horário contrário, lembro.

Prof.^a Bruna: Ia junto. Na minha área eu era a única professora.

Ana Ester: Em que ano foi isso, mais ou menos?

Prof.^a Bruna: Noventa e...sete, seis..

Ana Ester: Hoje você sabe que você e a inclusão..

Prof.^a Bruna: Eu tive essa experiência na alfabetização, eu tive essa experiência na inversa, na inversa sempre quem atendia o aluno, no horário contrário era o professor regente. Então eu tinha sete surdos e durante a semana eu tinha horário de atendimento complementar, também chamado, de atendimento complementar. Na época eu dava um reforço pra eles, (áudio ruim). Este atendimento... olha minha regência era na Escola Classe 24, horário contrário, ia pra escola 29.... a sala vazia que usaram no centro... meus alunos nunca faltaram, eu nunca tive que levar ninguém de carro, ninguém em casa. Os pais levavam, esperavam e iam embora. Mas desde o início eu colocava pra eles a importância daquilo pra vida do filho, e eles viam que aquilo dava resultado. Pra eu te falar que nunca tive que levar, numa época curta de um aluno meu que não andava, que esse que me levou pra inclusão, integração inversa, a mãe estava com problemas e ela falou comigo os problemas dela, falou então(fala da Mãe): “Então agora ele não pode ir”; (fala da professora): “Então vamos fazer o seguinte, neste período,só neste período, ele vai ficar comigo na minha casa. Lá da 24 ele vai comigo pra minha casa, dou almoço, banho e trago”. Só essa vez nunca mais tive isso, (áudio ruim). . quando eu levei daqui pra o LIEDE, a mesma coisa. Eu ia pra minha casa, me arrumava, eles levavam marmita, as coisas deles, e a gente se encontrava no centro. Eles eram assíduos.

Ana Ester: E o que você atribui a esse, essa disponibilização, esse interesse dos pais aqui?

Prof.^a Bruna: A pessoa conhecer, conhecer o atendimento, acreditar... então vai, quando ele(o professor) apresenta o atendimento pro pai com segurança, o pai vê o resultado, consegue, funciona.

Ana Ester: E neste caso então, ESPECIFICAMENTE

Prof.^a Bruna: Vamos interromper um pouquinho??

Ana Ester: Vamos sim, nós estamos fazendo uma pesquisa... ...(gravação interrompida, porque a professora foi solicitada pela supervisão administrativa da escola)... Vamos agora... eu queria entrar assim, especificamente na questão do Gabriel, que você falou pra mim, que a questão é... interesse do professor, interesse do pai e isso é uma coisa ligada. Então.. O Gabriel..

Prof.^a Bruna: *O Gabriel é um caso que a mãe já é espetacular.. o que acontece com o Gabriel, quando a mãe..(áudio ruim) é uma família, você quer o meu olhar, né?*

Ana Ester: EXATAMENTE!! É PROFESSORA, VOCÊ

Prof.^a Bruna: *Tá bom.. então assim quando a mãe, teve o Gabriel ela já era uma mãe dedicada, uma mãe zelosa. Então quando ela teve o resultado da avaliação, que soube: “ o Gabriel é autista, bom o que eu faço com uma criança autista”. Algumas indicações foram dadas pra ela. Eu conheci a mãe do Gabriel, em outra situação.. na época, eu fui das pessoas que falou pra ela: “Eu não sei, eu não sei de mais nada, não entendo nada, mas eu sei que Helena faz um trabalho legal. Ela não me conhece, mas aqui tá o número, se fala que trabalhei com a irmã dela, trabalhei com Silvana, Silvana, Silvana, Silvana .. e boa sorte”. E outras colegas falaram o mesmo. Aí a Helena que não estava atendendo ninguém, aí ficou com ele, deu toda a orientação. E a mãe aceitou tudo, toda a orientação. Medo, não sabia exatamente o que queria, mas ela aceitou, fazendo o melhor possível. E ela começou a ver resultados positivos, neste atendimento, de classe... e uma coisa que a Helena sempre coloca, é da importância de uma agenda bem estruturada pra criança, o bem estruturada o dia inteiro, como nós precisamos desta agenda bem estruturada, bem orientada.*

Ana Ester: Uma rotina..

Prof.^a Bruna: *Sim, ela coloca muito bem isto, e que eu , por exemplo, antes trabalhava com os meninos e também não me atentava nisto. Mas eu vejo como isto é importante pra qualquer ser humano. Nós trabalhamos em cima de rotina..*

Ana Ester: Sim.

Prof.^a Bruna: *Todo mundo. Todo mundo tem um horário pra levantar, pra trabalhar, horário pra ginástica, horário pra comer, horário pra lazer, né. A sociedade ela é.. funciona assim. Então , ótimo, então ela já tinha dentro dela(pessoa, ser humano). Então todos estes anos, a família do Gabriel procurou, equoterapia.. é aí o Gabriel chegou no limite daquele atendimento, (áudio ruim), ali já não contempla mais, porque aí ele quer galopar, ele quer outra coisa, ali já não dá mais. Então vamos pra outro natação: “ Ah, agora ele já virou um nadador e tal”. Aí entra o atendimento do centro, inclusive a natação. O Gabriel no centro foi super legal, porque lá não é treino, não é um treinamento, não é uma aula de natação, como uma academia, ele já sabe nadar. Então o que ele precisa na piscina: “Ele precisa relaxar, ele precisa do contato com o outro, sabe. Ele precisa da disciplina, ele precisa da água” isso ele tem no centro, ele vai ter numa academia? Exatamente, isso ele tem lá. Aí vem o atendimento da Dalva, argila. Até o ano passado antes das meninas irem pra lá eu até separei sala só pra este momento, uma sala que eu preparei, muito legal muito bonita, colocava musiquinha de fundo...*

Ana Ester: Então você tinha este atendimento aqui, enquanto você não sabia, você

Prof.^a Bruna: *Eu tenho que trazer isso pra cá, senão os meninos vão estranhar demais, e eu topei , então vamos copiar umas coisinhas...vamos copiar umas coisinhas mas, deu tudo certo, né. Mas eu sou sincera com você, nem de longe se compara ao resultado, do trabalho que feito pela Dalva, entendeu?*

Ana Ester: é porque assim...

Prof.^a Bruna: *não é a mesma coisa.*

Ana Ester: Então você acha..

Prof.^a Bruna: *pode falar..mas agora eu tive oportunidade de colocar. Não é a mesma coisa, curioso, mas não é . é outra estrutura, é outra atividade,*

Ana Ester: Ele na sua... isso que eu queria ver com você. Você acha que este momento de complementação no horário contrário ..

Prof.^a Bruna: *é benéfico sim...*

Ana Ester: Um outro ambiente..igual você falou.

Prof.^a Bruna: *A gente defendeu, lutou por isso muitos anos. Então imagina eu aqui com meus alunos.. há 25 anos atrás naquela época, 24 pra mim. Vinte e quatro anos atrás, as meninas tiravam pro atendimento complementar no horário de aula.*

Ana Ester: sim

Prof.^a Bruna: *Era um prejuízo. Vinha as meninas do complementar na minha porta, tava no maior pique da aula, o menino tinha que sair. Ela chegou a me interromper e eu também, poxa legal, né.*

Ana Ester: Neste sentido o aluno TGD..

Prof.^a Bruna: *Com surdo, naquela época a gente já pensava: “ É melhor que o atendimento seja em horário contrário,*

Ana Ester: Isto com surdo, vocês já pensavam nisto.

Prof.^a Bruna: *Isto há mais de 20 anos. Porque ele não vai perder, as atividades de sala de aula, que são atividades diferentes do complementar.*

Ana Ester: E esta questão da rotina que a gente já falou.

Prof.^a Bruna: *é imagina uma sala comum. Você senta faz a rodinha, e você tendo atividade antes, o que é diferente disto que seja em outro espaço em outro momento, não na minha sala. E olha que nós tivemos o atendimento dentro da própria sala, por falta de espaço, a cabine dentro da sala. E aí no caso do TGD, imagina aqui na rotina, lá no centro eu sei que ele sai. Mas aí a realidade do centro é outra. Então você pensa em uma criança que está na classe, quanto mais inserir no contexto da escola classe melhor. Um menino do ensino comum, vai pra fora no horário de aula, vai pra natação no horário de aula, vai pro balé no horário de aula.*

Ana Ester: Então mesmo se tiver esta proposta de ter no mesmo horário pra você..

Prof.^a Bruna: *Pra mim , não, pra mim, não. O horário que ele tem que ficar comigo. Aí vai ter várias, vão surgir: “Ah, mas cinco horas é tempo demais”.*

Ana Ester: a realidade do TGD?

Prof.^a Bruna: *Pra mim tá ótimo, maravilha.*

Ana Ester: Deste jeito.

Prof.^a Bruna: *Eles precisam de ter... imagina a riqueza pra uma família, pro TGD e pra família e pra nós, pra todos. Ele precisa, quanto mais tempo ocupado, pra ele melhor. Vai ser assim pra todo mundo.*

Ana Ester: me diz uma coisa você sabe quais atendimentos que o Gabriel tem lá, no programa?

Prof.^a Bruna: *natação, jardinagem e argila.*

Ana Ester: E aí você conhece os profissionais que trabalham com ele?

Prof.^a Bruna: *Não, ali, não. Houve esta falha porque aí, eu...é.. eu penso que você conhecer é bom... é falho mais ao mesmo tempo não tem jeito. Porque tem surtido resultado, e a mãe fala a mãe coloca, que ela.. a experiência de lá. Por exemplo, quando começou a natação, a professora apresentou uma pequena dificuldade com o Gabriel, ela falou pra gente: “se for necessário, vocês vão lá conversar?” (fala da professora) “Se for necessário a gente vai com ele”. Logo a professora deu a volta por cima, não precisou mais. Porque você ir lá falar com a professora se está dando tão certo. Se precisar a gente vai senão.. Dalva eu já conheço, se tivesse algum aperto, ela teria me ligava ou a mãe teria me falado. Então eu penso assim se houver necessidade, de falar do meu aluno TGD, regente ele sempre vai estar disposto, aí neste caso vai ter que conversar. Aí os dois conversando, eles podem se ajudar.*

Ana Ester: Teve estes momentos de encontro? O que você disto? Não só pra você, mas pra orientação, mas momento de encontro, O que você acha sobre isto? É importante, não é.. O que você tem a dizer?

Prof.^a Bruna:*Eu acho que pra nós aqui, não teve problema nenhum. Agora se você começa a pensar nos outros colegas que não estão freqüentando, aí este colega tem dificuldade. Posso sinalizar, aqui alunos que têm atendimentos em outros lugares. Aí por isso eles não estão indo.*

Ana Ester: **(a gravação é interrompida, mas a professora Bruna comenta sobre o desenvolvimento do aluno na piscina. Eu retomo a questão e ela gentilmente, refaz o relato)**

Bruna, só retomando a questão da piscina do Gabriel. Eu gostaria que você fale desta questão, como ele reage a isto, como a questão da piscina com ele você já tinha me falado.

Prof.^a Bruna: *Perdeu tudo?*

Ana Ester: perdeu um pouco.

Prof.^a Bruna: *Então o Gabriel já nada, então uma aula de natação pra o Gabriel numa academia comum, não tem sentido. Tem que ter professores especializados, pra entender a necessidade de ficar na água..ter professor especializado que entenda a necessidade dele de estar na água pra brincar, pra relaxar, porém com disciplina. Isso ele vai.. isso ele tem no centro. Ele não vai simplesmente fazer o que ele quer, vai pular e jogar água... ele tem horário de entrar e horário de sair. E como ele vai se comportar naquele momento a professora vai definir. Então isso ele não vai ter na academia, isso ele tem lá. E é fundamental, então neste tempo de dias nublados então quando ele chega que está nublado, ele já olha pra gente e fala: “Tem lua e estrela, só tem lua e estrela”. Qual é a preocupação dele, lua e estrela significa vai chover mais tarde, não vai ter natação já que a piscina não é coberta. E aí ele passa a manhã inteira lembrando. Se a gente em corredor mais escuro na escola ele já fica mais nervoso: “só tem lua e estrela, só tem lua e estrela”. E aí aparece um solzinho uma brechinha já mostra pra ele: “Olha Gabriel, que legal o sol”, ele já fica mais tranqüilo.*

Ana Ester: Comportamento diferente quando tem piscina e quando não tem piscina?

Prof.^a Bruna: *Comportamento diferente e ele avalia. Aí tá, no dia em que está aberto, tranqüilo ele nem fala do atendimento, vai ter, entre normal nas atividade, agenda normal da escola, tranqüilo não fala nada.*

Ana Ester: Desenvolvimento?

Prof.^a Bruna: *Normal. E mais se hoje a aula, no outro dia, tranqüilo, sereno*

Ana Ester: Agora quando está nublado, “lua e estrela”

Prof.^a Bruna: *Agora se estiver nublado é a cantiga da lua e estrela, só tem lua e estrela.*

Ana Ester: Isto compromete a execução da sua atividade?

Prof.^a Bruna: *Compromete, né. Porque assim, se tá indo pra entrada com ele, ele já está te falando, “só tem lua e estrela”, pode saber ele vai te dar um murro é a forma é.. essa ansiedade ele vai extravasar, ele vai falar: “preciso..”. então como é melhor, chegar dar bom dia pra ele: “vamos pra entrada, depois da entrada a gente volta”. Muito mais tranqüilo, muito mais suave, né, do que ficar falando: “Bater a cabeça, pra que serve a cabeça, pra pensar, pra fazer carinho, vai bater, vai doer, não precisa, calma, talvez mude o tempo, calma, tá agora, a aula é à tarde, calma”.*

Ana Ester: E deixa eu te falar uma coisa, a gente estava falando sobre avaliação, sobre a questão naquele momento juntos, complementação e regência, pra até fazer avaliação do desenvolvimento deste aluno. Então como seria isto, você tem alguma sugestão pra que tenha esse momento.

Prof.^a Bruna: *Na verdade, (áudio ruim), e aí assim, pode criar um mecanismo de comunicação via agenda assim: “Tá tudo bem, tá tudo bem”, se tiver alguma alteração, a gente aqui na regência é possível fazer, no complementar aí eu teria que saber do professor do complementar se é possível, na natação, como a professora com aquele aluno molhado...*

Ana Ester: Estes momentos vocês não tem juntos?

Prof.^a Bruna: *Sempre assim através do pais mesmo, pai chega fala comenta: “ lá foi legal a professora mandou um abraço pra você”. Esta questão do vínculo ela é positiva. Lembro um caso de um outro aluno que foi pra lá, lembro de sempre falar pra levar no atendimento complementar. Levou, está levando e umas das.. um fator que facilitou com o meu vínculo com a Sandra, também atendido por ela. E aí quando ela falou com a mãe que me conhecia, e eu falei que conheci a mãe ficou mais tranqüila. É realmente, né agora e isso...mas como fazer isso, difícil.*

Ana Ester: Porque?

Prof.^a Bruna: *Minimamente, que é necessário fazer uma divulgação do atendimento do centro, pode ser feito assim, pra testar, via regional, professor do centro tem elo com a regional, não tem um no complementar que é elo com a regional?(ela está se referindo a pessoa responsável pelo complementar no centro) esse um foi na reunião de coordenadores, do centro não dos coordenadores das escolas classe. Então ele vai apresentar, nesta reunião, o atendimento. Será que os coordenadores sabem? Será que os diretores sabem?*

Ana Ester: Então esta seria a melhor forma de encontro, seria desta forma via..

Prof.^a Bruna: *precisa tudo isto, entendeu, professor precisa saber, coordenador precisa saber, supervisor pedagógico precisa saber, coordenador precisa saber, professor, muita gente precisa saber. E assim tudo tem que ter motivação.*

Ana Ester: Além desta sugestão, que você até colocou assim, com a sua experiência de já ter trabalhado na regional, você já sabe a dinâmica das escolas, dos tempos das escolas, o tempo de coordenação, como isso está sendo complicado. Mas, assim você enfatiza que tem que passar por todos essas pessoas, por essas várias..será que então possa surgir uma forma de ..(comunicação eficaz)

Prof.^a Bruna: *como você vai atingir diretamente o professor, como é que o professor do complementar, do centro... não cabe ao professor do complementar do centro, fazer esta divulgação atendendo aluno, então tem alguém responsável. Como o professor regente da escola classe vai tomar conhecimento disto (áudio ruim) . Aí você já eliminou um monte de pessoas. Mas que todas precisam saber, precisam, mesmo assim, que você não consiga abranger de forma sistematizada, todos precisam saber. Como que o supervisor vai acompanhar e vai cobrar alguma coisa de alguém, se ele não conhece.*

Ana Ester: No caso, esta divulgação deve ser fortalecida?

Prof.^a Bruna: *Hoje eu não sei, hoje eu não consigo te falar. Será que os professores não sabem de tudo isto, não tem divulgado por sentimento, eu acredito que os antigos sim.*

Ana Ester: Porque os antigos sim?

Prof.^a Bruna: *Pela dinâmica que já existia. Então assim nós temos alguns colegas que já estão nelas algum tempo, outros já foram professores itinerantes, então que já conhecem a dinâmica, talvez já tenham feito várias vezes, se dispondo. Agora quando o professor da sala de recursos é novato, aí esse possa ser diferente, mostrar alguma coisa, foi o que eu indico aqui, indico aqui. Agora veio uma professora que tem experiência de regional, ela já tem todo o conhecimento, já está indo embora. Agora veio a Cida que era do Centro, agora vem a Melissa, só entrando gente boa, falando a mesma língua, vou dar umas dicas aqui pra ela, ela já tá pegando mais rápido.*

Ana Ester: Oh Bruna se deixar, a gente vai ficar hoje o dia inteiro, aqui. Mas, só pra gente finalizar aqui nossa conversa, eu acredito uma conversa, está bem legal, bem gostoso. Assim eu queria só saber de você. O que você acha pra melhorar, qual a sugestão pra aprimorar este atendimento, não só o atendimento em si mas, todo este programa de atendimento especializado, o que você acha que poderia melhorar.

(Neste momento a professora, pensou muito até responder)

Prof.^a Bruna: *O que a gente tem pra melhorar, precisar de mais profissionais, tem a necessidade de mais profissionais, pra poder atender de uma maneira mais diversificada. A gente sabe que o atendimento passa, ele pode passar pelo dom do professor. Você tem um professor que tem o dom de trabalhar com a dança, o outro de trabalhar com a música e assim você não vai ter condições de atender a todos, aí você vai ter que ter mais profissional. Aí vai ficando complicado porque esta é uma situação própria da educação especial, né, vai acontecendo um outro trabalho que a secretaria vai oferecendo, pra não sair . Mas a gente vai ter que pensar também neste não sair, o que eles vão fazer, onde tem que ficar, é importante um levantamento junto às escolas, o que eles tem feito, (áudio ruim) . O que acontece, é verdade que tem alguns alunos que são tão carentes, que a família não consegue levar, mas também não é verdade, não sei se é realmente maioria, pela experiência que eu*

tive como professora regente, eu tive maioria no atendimento complementar, no período da complementação (antigo atendimento realizado pelo professor regente no período contrário) todos iam, eu tive todos indo no LIEDE. E gora, a minha turma só um aluno, que não foi. Sendo que o Gabriel, e a mãe até poderia, ela já buscou outras alternativas, você vê que não é a primeira opção de atendimento complementar. Mas é porque onde todos estavam tendo interesse, porque é de qualidade, porque confiam nos profissionais da secretaria, ela sabe das nossas dificuldades mas ela acredita, que o atendimento da secretaria, e melhor tem qualidade.

Ana Ester: A Angélica deixou bem claro, na conversa que eu tive com ela, ela realmente depositou muita confiança, em todo o atendimento, não só no complementar mas da rede, da secretaria, realmente funciona de forma assim, é bem claro.

Prof.^a Bruna: *Sempre, foi. E aí agora, como que fica? Está cheio de vaga lá assim? Eles estão atendendo quem? Eu acho que aluno da inversa aqui ninguém vai, ninguém. Aqui tem aula de dança À tarde, as meninas vem, feminino. E eu não sei o que os outros meninos que estão na inclusão têm.*

Ana Ester: Então seria a questão da divulgação, não é? Eu queria assim.. minha vontade é ficar aqui falando um dia inteiro...

Prof.^a Bruna: *Também tem a questão do espaço, é pequeno, a escola precisa passar por uma reforma, um local lá de qualidade hoje é a piscina.*

Ana Ester: Por ter sido reformada a pouco tempo. Gostaria de agradecer demais, eu podia ficar um dia inteiro, eu ia querer conversar com a Selma ver o atendimento, mas a gente não tem esse tempo. Mas eu queria agradecer muito a você, por ter compartilhado um pouquinho da sua experiência, foi muito importante, mesmo não só para o trabalho, mas também pra mim professora, eu trabalho com DI, muitos anos com Deficiência Múltipla, pouco contato com TGD, e o que eu sei mais é através do Rubens, das meninas. Mas eu gostaria de agradecer muito você, essa conversa vai enriquecer demais este trabalho, esta pesquisa. Espero que esta pesquisa ajude, esclareça também, bastante as dúvidas e mostre mais as soluções do que as dificuldades, enfatize mais as soluções que nós temos do que as dificuldades. Porque eu sempre falo, que nós temos, na Secretaria de Educação muito mais coisas boas, do que ruins, muito mais profissionais comprometidos, do que não comprometidos, então eu prefiro olhar pelo lado bom. E você é uma profissional extremamente, comprometida e realmente, por várias vezes, foi emocionante a entrevista, queria agradecer muito a você. Obrigada!

Prof.^a Bruna: *Para melhorar, também, é a questão da aptidão também da criança..*

Ana Ester: Verdade, habilidade..

Prof.^a Bruna: *Aí o complementar teria que ter mais opções, que aí eu vi o lado do professor: “eu tenho dom pra dança, eu tenho pra música”, o outro tem na pintura, mas aí quando o valor rompeu este dom, vai ter que encaixar, aí a gente vai cair naquele ponto de que o aluno vai ter que se adequar à escola. E se o aluno não suportar a argila, como é que ele vai fazer argila, vai ter que ter uma outra opção. Não temos muitos profissionais pra fazer isto.*

Ana Ester: Exato. Vou encerrar então este registro, obrigada, mesmo.

Prof.^a Bruna: *Bom trabalho, pra você, e o que eu puder ajudar, podemos continuar*

Ana Ester: este trabalho é nosso eu não faço sozinha, aqui é você, Angélica, Dalva que estão me ajudando a construir. Que realmente as pessoas possam olhar com bastante carinho, com bastante, da

mesma forma que foi esta conversa. Foi um momento que realmente, emocionante, não se preocupe, que é só uma conversa mesmo, não vou deixar ninguém constrangido, em tem todo um termo de comprometimento, muito obrigada!!

C - TABELAS DE ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Tabela de Organização dos dados da pesquisa

Entrevista com a Mãe do aluno

| Categories | Temas | Verbalizações |
|---------------------------------------|---|---|
| Diagnóstico: compreensão da realidade | Percepções da Família | <i>A única coisa que eu notava e que falava com o pediatra é que ele não tava desenvolvendo a fala, ele falava palavras soltas e apontava muito.</i> |
| | Dúvidas sobre o diagnóstico | <i>Aí o pediatra falava pra mim, pra mim esperar que era porque ele era homem, e eu tenho uma sobrinha que é da idade do Elias dois dias mais nova que o Elias, e ela era falante tudo e o Elias não. Mas como eu comentava com profissional, e ele pedia para esperar.</i> |
| | Escola: primeiras impressões externas | <i>Assim que entrou na escola. Ele não conseguia se enturmar</i> <i>Ele já havia estado na escola. Aí a professora falou que ele tinha uma diferença, mas a gente não sabia que diferença que era. Aí levamos para esta psicóloga chamada... ela era muito boa mas não era especialista em autismo.</i> |
| | Discriminação, exclusão, desespero.. | <i>o Gabriel a princípio, a princípio mesmo, antes dele ir pra o CEI 04 que era 27 não era o CEI 04 ainda, depois eu te conto a história do CEI 04, ele entrou num coleginho aqui nas SHIS, chamado "Pequeninos" (nome fictício)</i> <i>Aí ela (diretora da escolinha) falou que eu era irresponsável, que eu não sabia do meu filho, que eu botava remédio no chá, e que meu filho ia rodar num poste.. Menina, pense numa pessoa que se pudesse morrer naquele momento, eu morria. Foi assim ele saiu de lá, e entrou no CEI 4, demorou menos e um mês esta troca.</i> |
| | Em busca de um diagnóstico : dúvidas.. | <i>Aí a J(psicóloga) começou a trabalhar com ele, aí o CONPE foi marcando as consultas, a neurologia do CONPE também achou que ele não era autista, a Dr^a Sandra, só que lá eles fazem uma equipe.</i> <i>a neurologista falou que não era, ou então achava que era um Asperg, que era alguma coisa mais leve. Mas a Dr^a R já achava que era autismo mesmo. Então eles se reuniram e a Dr^a R falou que possivelmente seria isto, autista</i> |
| | Em busca de ajuda: adequação do atendimento | <i>Olha L(psicóloga) você não me conhece, mas eu sou a mãe de uma criança e</i> |

| | | |
|--|---|--|
| | | <i>preciso que você converse comigo, eu preciso conversar com você, pra ver se você pode atender ele.</i> |
| | Enfim, o diagnóstico: possibilidades | <i>Autismo funcional. Ou seja, ele aprende tudo, mas desde que ele seja ensinado dentro do tempo dele.</i> |
| | Início do atendimento com a psicóloga: adaptações e os primeiros resultados | <i>áí ela veio aqui em casa, disse que a gente precisava de um quarto para o atendimento, áí a gente fez um quarto para o Elias, um quarto só para o atendimento do Elias. Áí ela veio, no começo era só ela, e uma psicóloga que é a Cíntia,</i> <i>Eu fiquei emocionada a primeira vez que eu vi o Elias copiando do quadro.</i> <i>a primeira vez que ele falou “Eu” .. sabe, porque pra um pai é muita coisa entendeu.</i> |
| | A pouco tempo outro diagnóstico | <i>recebi o diagnóstico dele , faz pouco tempo.. intolerância Múltipla alimentar..</i> <i>é uma doença raríssima,</i> <i>(dieta) totalmente montada, tem horário de comer, o que comer, a quantidade de comer.</i> |
| Processo de adaptação da Escola à necessidade do aluno: Inclusão | Ficava na escola, mas não estudava | <i>Áí o Elias.. todo dia que eu chegava o Elias estava correndo no pátio. ele não ficava na sala,</i> |
| | Constante troca de professores | <i>áí esta professora teve que sair, a Sara, esteve até na UTI com problema de rins, e tudo, e ficava entrando.. todo dia entrava uma professora na sala. Teve uma professora que só passou 2 horas na turma, foi pegar um dinheiro no banco e nunca mais voltou. Até que veio uma chamada Clair, que ficou na turma só que ela não tinha experiência.</i> |
| | Primeiras estratégias, primeiras conclusões: tentativas de inclusão | <i>Nisto o 27(depois passou a ser CEI 04) se transformou em escola de inclusão, foi logo quando começou a inclusão áí depois mesmo. E assim, meio que foi por conta dele, entendeu.</i> <i>Áí incluiu lá ele, mas esta inclusão com duas professoras. Áí depois diminuíram a turma, mas mesmo assim, áí assim Núbia não conseguia mesmo. Áí a Egilvânia estava no apoio e foi pra lá. Mas mesmo assim eles começaram a fazer alguma coisa com ele, mas assim.. eles não conseguiram porque não tinha experiência.</i> |
| | Outras estratégias de inclusão da escola | <i>áí quando a Lúcia entrou, ela falou assim: “Está errado, primeiro tem que ir pro especial depois pra inclusão.</i> |

| | | |
|---|--|--|
| | | |
| | Recomeçar, adaptar, persistir | <i>Primeiro, ele tinha que aprender a ficar sentado. E isso eles iam ensinar aqui(Centro de Ensino Especial),mas ter que acontecer na escola também. Então pra ele ficar no CEI 04, o que aconteceu, montaram uma turma pra autista, no CEI 04. Aí, a princípio, era Sheila que já era da escola, foi professora dele 2 anos, e a Dilma que veio da precoce. Que aí nesta época a precoce foi pra lá , no CEI 04, teve toda uma transformação na escola. Eu fico até emocionada.</i> |
| | Processo de alfabetização | <i>O Elias não pegava num lápis, o Elias começou a ficar na escola, ele está aprendendo a ler a escrever, não tanto, mas o ano que vem..</i> |
| | Confiança em melhores momentos | <i>a gente não sabe onde ele vai chegar, mas ele tem capacidade pra isto. Onde ele vai chegar eu não sei, mas que alguma coisa ele vai fazer, com certeza ele vai</i> |
| Rede de apoio à inclusão: Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar | Foi assim que tudo começou..Gabriel e o Atendimento Complementar | <i>.. A gente procurou academia que aceitasse.. ele chegou a um nível que ele já sabia nadar crawl, pelo menos assim o básico do crawl, já começava costa e que ele não queria fazer.</i> <i>Então assim, ele ficava com eles e tudo, estava dando super certo, mas aí o Elias começou a mudar de turma, e cada vez que a criança muda de turma. ela tem um nível, e ele chegou a um nível que ele já sabia nadar crawl, pelo menos assim o básico do crawl, já começava costa e que ele não queria fazer..</i> <i>queria ficar fazendo piscina o tempo todo,entendeu?</i> <i>Só que na mesma hora, no mesmo tempo que eu comuniquei pra as professoras que o Elias ia sair foi a hora que elas me falaram: “ Olha Leila tem um programa que tem nataçãõ lá no especial</i> |
| | Ingresso no Programa de Atendimento Educacional Complementar | <i>Aí eu falei com a Sidnéia (Coordenadora do programa no CEE), fui lá na entrevista, falei pra ela que queria nataçãõ e que ele gostava muito de plantas e gostava muito de mexer com terra, essas coisas que interessavam muito a ele já, argila , né.</i> |
| | Quais atendimentos?: o melhor para Gabriel | <i>Aí ela organizou, à princípio ele ia pra artes... ..era mais interessante a argila, né.</i> <i>..ele adora piscina, aí eu conversei, quando eu cheguei lá, eu conversei com a Vi (professora de Educação Física), eu falei: “Vi, o Gabriel sabe isto, sabe aquilo,mas</i> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <i>nós tamo aqui não é pra isto não, nós tamo aqui pra ele ficar do jeito que ele quiser..</i> |
| | Definição dos atendimentos: Processo de ajuste da escola à necessidade do Aluno | <i>Três, aí é jardinagem, argila e educação física</i> <i>foi uma conciliação..</i> <i>entre o que poderia acontecer na escola, o que poderia acontecer com a gente , e o dia disponível por conta das terapias..</i> <i>aqui em casa a gente precisa de um dia fixo pelo seguinte, tem as outra atividades, né, então foi por isso também, que estava sobrando a segunda ou não sei se as psicólogas não podiam abrir mão deste dia.. assim ficou, segunda-feira.</i> |
| | O que é o atendimento complementar para Gabriel? | <i>E assim o complementar pra ele é muito importante, é tanto que segunda- feira ele já fala: “vamos lá pra jardinagem?”</i> <i>ele pulou 40 minutos dentro da aula e saiu de lá com o sorriso mais lindo do mundo..</i> <i>Então assim a Vi dá esta flexibilidade pra ele de relaxar, coisa que em lugar nenhum eu ia conseguir. E melhor ainda, quando não pode ir pra piscina ela consegue fazer com que ele fique no ginásio e saia de lá feliz.</i> |
| | Relação Escola Regular e Atendimento Complementar | <i>Tem tudo a ver. Primeiro a questão de comportamento, quando a criança faz uma piscina ela volta ela chega no outro dia ela fica super-animada, entendeu. Tá mais doce, tá mais calmo...</i> <i>Na jardinagem eles trabalham: vazio/cheio, tudo isto é trabalhado, tudo que a gente trabalha na escola, de modo geral, vai também influenciar no complementar. Também é trabalhado na argila,a cola.. “Ah Elias , vamos fazer uma letrinha?” aí ele vai lá faz uma letrinha.</i> |
| | Expectativas: Todos em um só processo | <i>Assim a nossa perspectiva para o ano, com relação à escola não só a escola complementar como a escola regular dele é que ele seja alfabetizado, e a terapia dele vai trabalhar em cima disto..</i> <i>.assim, porque eu acho que todo mundo tem que falar a mesma língua, com certeza elas(professora do atendimento complementar) fazem parte deste processo</i> |

Tabela de Organização dos dados da pesquisa

Entrevista com a Professora do Atendimento Educacional Especializado Complementar

| Categories | Temas | Verbalizações |
|--|---|--|
| Diagnóstico: compreensão da realidade | Dificuldades diante da realidade | <p><i>O Gabriel além de ter transtorno geral do desenvolvimento ele tem uma restrição alimentar, gravíssima, não é fácil lidar com isso, ela (a mãe) traz o lanche dele..</i></p> <p><i>.. Aí que ela sentou e foi me contar da vida dele. A ficha caiu.. aí eu tive noção.. tá lá pregado no quadro até hoje, são duas folhas digitadas do que ele não pode comer.</i></p> |
| Processo de adaptação da Escola à necessidade do aluno | Adaptando- se ao Gabriel | <i>Ele sabe a hora do lanche e o que acontece.. demorou uns dois meses, três meses pra gente ter o Gabriel pronto pra argila, porque ele chega pra mim no 2º horário, justamente no horário do lanche.</i> |
| | Primeiras estratégias | <i>Aí a gente teve que traçar uma rotina, de adaptação, de fechar a porta 5 minutos antes, de colocar o lanche dele sobre a mesa, de preparar o Elias para o lanche.</i> |
| | Primeiros resultados | <i>Então quando a gente se organizou com o Elias foi que a gente teve um trabalho, literalmente, voltado para a argila</i> |
| Rede de apoio à inclusão: Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar | Foi assim que tudo começou.. Dalva professora do Atendimento Complementar | <p><i>... estou a 2 anos no atendimento complementar...</i></p> <p><i>Ai ela(Joana responsável pelo em me convidou disse que era rápido, que precisava de um projeto interessante para o atendimento complementar e foi assim que começou.</i></p> <p><i>Eu fiz um projeto para o atendimento complementar argila ela gostou e aí a gente começou a trabalhar. O atendimento complementar argila, em 2008, começou com 13 alunos e foi muito interessante em 2008 porque todos os meses nós recebemos aluno.</i></p> |
| | Idealização do Programa | <i>ele é idealizado por uma equipe que</i> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <i>vive muito distante da realidade do cotidiano do Ensino Especial. É alguém que não entra na sala de aula, é alguém que não mantém contato com a mãe, é alguém que não mantém contato com o professor do Ensino Regular.</i> |
| | Divulgação do Programa junto às escolas | <i>A Regional afirmou que foram feitos alguns documentos, entregues às direções, mas a gente não sabe como as direções fizeram esta divulgação junto ao corpo docente..</i> |
| | A importância de uma divulgação eficaz | <i>E o que é principal, independente de divulgar e falar é falar o que é o atendimento e qual o benefício deste atendimento para o aluno. .. que além de divulgar para o professor do ensino regular o que é o atendimento complementar, esse professor precisa entender o que é isso, ele precisa acompanhar o aluno dele até aqui,</i> |
| | Encontro pedagógico: professores do ensino regular e professores do atendimento Complementar | <i>Importantíssimo!! Por que ele (encontro com os professores do ensino regular) é importante..pra mim saber o que eu preciso trabalhar com este aluno. Ele(professor) precisa acompanhar o aluno dele até aqui, que ele venha sem o aluno, mas que ele tenha noção do que é feito , como é feito, porque é feito, porque esta parceria, olha não é fácil.</i> |
| | Implantação do Atendimento Especializado Complementar no CEE 01 de Taguatinga | <i>O Projeto de Atendimento Especializado Complementar, que é o nome que tem no documento, ele começou efetivamente em 2008, o Centro só implantou em 2009, o primeiro ano.</i> |
| | Carga horária do professor do atendimento: falta de tempo para planejamento, insatisfação | <i>como o atendimento é 20/20 isto significa que a gente atende 20h no matutino e 20h no vespertino é uma imposição da Secretaria de Educação..eu particularmente discordo..</i> |
| | Oferta de cursos de formação | <i>Não tivemos absolutamente nada. não foi oferecido nada , nada, nada. . ..nenhum único curso, em 2010 nós tivemos um único encontro com a Regional de Ensino no início do ano, passamos o resto do ano aqui na</i> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <p><i>escola carentes disto desta troca..</i></p> <p><i>Formação continuada é importante, é claro que é importante. A educação está mudando, e precisa mudar..</i></p> |
| | Atendimentos ofertados no CEE 01 de Taguatinga | <p><i>hoje nós temos 5 atendimentos: argila, artes, informática, educação física..ih tá faltando um..vamos de novo: argila, artes com a Mirna, Elcir(jardinagem), Lia(informática) e Vivian Educação Física, 5 atendimentos.</i></p> |
| | Definição dos atendimentos 2009: opção dos pais | <p><i>Até o início de 2009, no ato da matrícula, dizia para os pais dos 5 atendimentos e o pai opta por 3, na estratégia de matrícula.</i></p> |
| | Definição dos atendimentos 2010: de acordo com o perfil do aluno | <p><i>a Gerência Regional de Ensino, fez uma modulação muito específica pro atendimento complementar, que o atendimento complementar deviria ir muito de acordo com o perfil de cada aluno,</i></p> |
| | Gabriel no atendimento complementar: suas opções de atendimento | <p><i>O Gabriel é atendido às segundas-feiras no período vespertino. O primeiro atendimento dele é na jardinagem, aí depois ele vai para a argila e depois pra piscina.</i></p> <p><i>.. foi opção da mãe. Ela optou por jardinagem, argila e piscina.</i></p> |
| | Grande paixão a piscina | <p><i>Na verdade, a grande paixão dele é a piscina..</i></p> <p><i>.. porque ele vai muito bem na piscina, ele faz lá coisas que os outros não conseguem, ele tem uma autonomia boa na piscina</i></p> |
| | Relação entre a escola regular e o Programa de Atendimento Complementar: importância para o desenvolvimento do aluno | <p><i>Agora é interessante reforços permanentes, material diversificado, alternativo, que reforcem positivamente o que o Gabriel precisa. E assim, as parcerias, eu acredito que as parcerias (parcerias entre a escola regular e fazem diferença pra e pra todo aluno especial.</i></p> |
| | Apoio à Inclusão: Atendimento complementar reforçando processo de alfabetização de Gabriel | <p><i>O programa para o processo inclusivo é excelente.</i></p> <p><i>..o Gabriel identificou a argila como um recurso amigável, como um recurso pra ele, pra aula. Ai a gente começou o nome dele, foi assim umas duas ou três semanas só com a letrinha "E", só que ele identifica todas as letras.</i></p> <p><i>..trabalhar argila, contar, ele já identifica o prenome, ele identifica todo o alfabeto.</i></p> <p><i>Ele é uma criança que está pronta pra</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | | <i>alfabetização, precisa trabalhar o comportamento, ele precisa de reforços positivos.</i> |
| | Planos de aprimoramento do Programa para 2011: Todos em um só processo | <p><i>A primeira é que nós vamos às escolas, a equipe vai às escolas da redondeza divulgar o trabalho. A gente quer conversar com os professores, a gente quer falar o que a gente faz, porque a gente faz, com os professores</i></p> <p><i>reunião quinzenalmente é interessante com o professor do regular, pra gente está fundamentando nosso planejamento, pra gente estar vendo quem é este aluno que a gente está atendendo, pra gente ver o que ele está precisando, literalmente somar forças em prol do aluno esquecendo um pouco a burocracia</i></p> |

Tabela de Organização dos dados da pesquisa

Entrevista com a Professora do Ensino regular

| Categories | Temas | Verbalizações |
|--|---|--|
| Diagnóstico: compreensão da realidade | A dedicação, descobertas e dúvidas.. | <i>quando a mãe, teve o Gabriel ela já era uma mãe dedicada, uma mãe zelosa. Então quando ela teve o resultado da avaliação, que soube: “o Gabriel é autista, bom o que eu faço com uma criança autista”</i> |
| | Em busca de ajuda: indicação de profissional e atendimento | <i>Algumas indicações foram dadas pra ela. Eu conheci a mãe do Gabriel, em outra situação.. na época, eu fui uma das pessoas que falou pra ela: “Eu não sei, eu não sei de mais nada, não entendo nada, mas eu sei que Helena faz um trabalho legal. E outras colegas falaram o mesmo</i> |
| | Início do atendimento: medo, desafio, confiança.. | <i>Aí a Helena que não estava atendendo ninguém, aí ficou com ele, deu toda a orientação. E a mãe aceitou tudo, toda a orientação. Medo, não sabia exatamente o que queria, mas ela aceitou, fazendo o melhor possível.</i> |
| Processo de adaptação da Escola à necessidade do aluno | Como e Por que Gabriel foi para CEF 18 | <i>Mas a gente montou a turminha aqui e aí a Cláudia veio acompanhando o Gabriel. Como ela já era a professora dele e ele é atendido pelas duas. Acompanhar para dar prosseguimento ao trabalho</i> |
| | Manter Gabriel no processo inclusivo: mais uma batalha vencida | <i>Foi uma luta pra manter ele na classe. Foi o primeiro ano de tranquilidade, hoje ele tem 10. A alegria dos pais quando eles entraram aqui,..eu nunca vi um sorriso tão lindo de pai e mãe trazendo o filho no primeiro dia de aula. E o pai falou: “Em 10 anos é a primeira vez que a gente deixa na escola com tranquilidade. Ele veio e agora pra uma classe para autista.</i> |
| Rede de apoio à inclusão: Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar | Atendimento complementar: em cada época um formato, uma apresentação, um objetivo | <i>Sempre teve atendimento complementar. Ele mudava, ele muda de área pra área.</i> |
| | Atendimento Especializado Complementar: Atualmente | <i>Então ele(Atendimento Especializado Complementar)... quando a Secretaria colocou que teria no centro atendimento complementar para crianças que estão na inclusão.</i> |
| | Objetivo do Programa de Atendimento Especializado: Centro de Ensino apoiando a | <i>Então antes já se falava na mudança do centro ..o atendimento no centro, dar apoio às</i> |

| | | |
|--|---|---|
| | inclusão | <i>escolas . Então assim, já há alguns anos, já vinha.. a gente já tinha um trabalho de oferecimento de palestras, já era para oferecer suporte às escolas.</i> |
| | Alguns profissionais com foco nas dificuldades impedem maior participação dos alunos inclusos: dificuldade, dificuldade | <p><i>Assim o que eu lamento, vendo muito pouco de fora, é que a participação dos alunos que estão nas escolas classes não seria o ideal</i></p> <p><i>É aquela dificuldade que as pessoas têm de..como eu vou falar aqui..é difícil falar..nós colocamos muitas dificuldades.</i></p> <p><i>“encaminha os meninos que estão na inclusão, eles também têm direito ao atendimento”</i></p> <p><i>“Ah, mas os pais não vão levar..Ah, mas é muito difícil”.</i></p> <p><i>“Mas você está falando, você já falou, você está mostrando o ganho, você já mostrou o quanto é legal.</i></p> |
| | Encontro pedagógico: professores do ensino regular e professores do atendimento Complementar | <p><i>Não, ali, não. Houve esta falha porque aí, eu...é.. eu penso que você conhecer é bom... é falho mais ao mesmo tempo não tem jeito</i></p> <p><i>Dalva eu já conheço, se tivesse algum aperto, ela teria me ligado ou a mãe teria me falado.</i></p> <p><i>Então eu penso assim se houver necessidade, de falar do meu aluno TGD, regente ele sempre vai estar disposto, aí neste caso vai ter que conversar. Aí os dois conversando, eles podem se ajudar.</i></p> |
| | Gabriel: Família em constante busca de atendimentos que beneficiem Gabriel | <i>Então todos estes anos, a família do Gabriel procurou, equoterapia.. é aí o Gabriel chegou no limite daquele atendimento..ali já não contempla mais, porque aí ele quer galopar, ele quer outra coisa, ali já não dá mais. Então vamos pra outro natação: “ Ah, agora ele já virou um nadador e tal”.</i> |
| | Foi assim que tudo começou..Gabriel e o Atendimento Especializado Complementar | <i>Aí entra o atendimento do centro, inclusive a natação. O Gabriel no centro foi super legal, porque lá não é treino, não é um treinamento, não é uma aula de natação, como uma academia, ele já sabe nadar.</i> |
| | Atendimentos Especializados para Gabriel | <i>natação, jardinagem e argila</i> |

| | | |
|--|---|--|
| | Nos atendimentos Gabriel tem o que necessita | <i>Então o que ele precisa na piscina: "Ele precisa relaxar, ele precisa do contato com o outro, sabe. Ele precisa da disciplina, ele precisa da água" isso ele tem no centro, ele vai ter numa academia? Exatamente, isso ele tem lá.</i> |
| | A importância de profissionais especializados | <i>Tem que ter professores especializados, pra entender a necessidade de ficar na água..ter professor especializado que entenda a necessidade dele de estar na água pra brincar, pra relaxar, porém com disciplina.</i> |
| | Atendimentos com objetivos bem definidos | <i>Isso ele vai.. isso ele tem no centro. Ele não vai simplesmente fazer o que ele quer, vai pular e jogar água... ele tem horário de entrar e horário de sair. E como ele vai se comportar naquele momento a professora vai definir</i> |
| | Atendimentos complementares em horário contrário | <i>é benéfico sim... é outra estrutura, é outra atividade.. Vinte e quatro anos atrás, as meninas tiravam pro atendimento complementar no horário de aula. Era um prejuízo. Eles precisam de ter... imagina a riqueza pra uma família, pro TGD e pra família e pra nós, pra todos. Ele precisa, quanto mais tempo ocupado, pra ele melhor. Vai ser assim pra todo mundo.</i> |
| | Confiança da família em um atendimento de qualidade | <i>Sendo que o Gabriel, e a mãe até poderia, ela já buscou outras alternativas, você vê que não é a primeira opção de atendimento complementar. Mas é porque onde todos estavam tendo interesse, porque é de qualidade, porque confiam nos profissionais da secretaria, ela sabe das nossas dificuldades mas ela acredita, que o atendimento da secretaria, e melhor tem qualidade.</i> |
| | Os atendimentos para Gabriel.. | <i>é fundamental, então neste tempo de dias nublados então quando ele chega que está nublado, ele já olha pra gente e fala: "Tem lua e estrela, só tem lua e estrela". Qual é a preocupação dele, lua e estrela significa vai chover mais tarde, não vai ter nataçao já que a piscina não é coberta. E aí ele passa a manhã inteira lembrando. Se a gente em corredor mais escuro na escola ele já fica mais nervoso: "só tem lua e estrela, só tem lua e estrela"</i> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>Influência dos atendimentos no desenvolvimento de Gabriel</p> | <p>”. E aí aparece um solzinho uma brechinha já mostra pra ele: “Olha Gabriel, que legal o sol”, ele já fica mais tranqüilo</p> <p><i>Comportamento diferente e ele avalia. Aí tá, no dia em que está aberto, tranqüilo ele nem fala do atendimento, vai ter, entra normal nas atividade, agenda normal da escola, tranqüilo não fala nada.</i></p> <p><i>E mais se hoje a aula, no outro dia, tranqüilo, sereno.</i></p> |
| | <p>Sugestões de aprimoramento do Programa para 2011</p> | <p><i>O que a gente tem pra melhorar, precisar de mais profissionais, tem a necessidade de mais profissionais, pra poder atender de uma maneira mais diversificada</i></p> <p><i>Também tem a questão do espaço, é pequeno, a escola precisa passar por uma reforma, um local lá de qualidade hoje é a piscina.</i></p> <p><i>Para melhorar, também, é a questão da aptidão também da criança..</i></p> |

ANEXOS

A – CARTA DE APRESENTAÇÃO



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A(o) Diretor(a)

Escola ...

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: Coleta de Dados para Monografia

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade Aberta do Brasil - UAB.

No momento estamos iniciando a fase de construção das monografias que representam requisito parcial para a conclusão do curso. Para elas, exige-se a realização de um estudo empírico sobre temas relacionados à inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; questionários; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Informo que a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal foi autorizada pela Secretaria de Educação por meio Memorando nº 499/2010 - EAPE datado de 09/11/2010.

Esse trabalho específico será realizado pelo Professor/cursista Ana Ester Soares Oliveira sob orientação da Prof.^a Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo. O tema é Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar: Desafios e Possibilidades para Educação Inclusiva, o que torna a escola sob sua direção contexto propício para construção de conhecimentos na área.

Nesse sentido, venho solicitar sua contribuição e autorização para o desenvolvimento dessa pesquisa no Centro de Ensino Especial nº 01 de Taguatinga. Asseguramos que os aspectos de ordem ética – garantia de sigilo das entrevistas e observações e autorização para utilização do gravador – serão rigorosamente respeitados em todas as atividades propostas.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos pelo e-mail diva@unb.br

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar

B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre Programa de Atendimento Educacional Especializado Complementar: Desafios e Possibilidades para Educação Inclusiva.

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas (gravadas em áudio) com os professores e pais no intuito de compreender a importância dos atendimentos educacionais complementares, na implantação e manutenção do processo de inclusão, bem como a relevância destes no processo de desenvolvimento humano e educacional dos alunos com necessidades educativas especiais. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 84351623 ou no endereço eletrônico anahadassa@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

 ANA ESTER SOARES OLIVEIRA

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

e-mail (opcional): _____



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre Programa De Atendimento Educacional Especializado Complementar: Desafios e Possibilidades para Educação Inclusiva.

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas (gravadas em áudio) com os professores e pais no intuito de compreender a importância dos atendimentos educacionais complementares, na implantação e manutenção do processo de inclusão, bem como a relevância destes no processo de desenvolvimento humano e educacional dos alunos com necessidades educativas especiais. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 84351623 ou no endereço eletrônico anahadassa@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

 ANA ESTER SOARES OLIVEIRA

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

e-mail (opcional): _____